OS SIONISTAS CRISTÃOS:

Na rota para o Armagedóm

As raízes históricas, a base teológica e as consequências políticas do envolvimento cristão no conflito árabe-israelense

Stephen R. Sizer

Ministérios Presença Internacional
PO Box 62055
Colorado Springs, CO 80920-2055
books@presence.tv
Este endereço de e-book foi liberado para acompanhar uma palestra 6-DVD por Dr. Stephen Sizer. Para obter mais informações, consulte:
http://www.presence.tv/books

Sumário

1. As Raízes Históricas do Sionismo Cristão

2. A Base Teológica do Sionismo Cristão

3. A Agenda Política do Sionismo Cristão

CAPÍTULO I

As Raízes Históricas do Sionismo Cristão

Introdução

"Somente uma nação, Israel, está entre ... a agressão terrorista e o completo declínio dos Estados Unidos como uma potência democrática mundial.... Se Israel cair, os Estados Unidos podem deixar de ser uma democracia. ... Dinheiro árabe está sendo usado para controlar e influenciar as grandes corporações dos E.U.A., tornando-se economicamente mais e mais difícil para os Estados Unidos permanecer firmes contra o terrorismo mundial ".[1]

Durante os próximos três capítulos, vamos examinar as raízes históricas, a base teológica e as conseqüências políticas do sionismo cristão. Embora muitos não necessariamente se reconheceriam como tal, nem iriam tão longe quanto Mike Evans em suas pretensões, não deixa de ser assumida por uma grande proporção de evangélicos na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos que ser bíblico é sinônimo de ser pró-israelense. *Dale Crowley*, uma emissora com base religiosa de Washington, no entanto, descreve este movimento como o "culto de crescimento mais rápido dos Estados Unidos":

"Não é tão composto de "loucos" tanto como de gente de classe média e média-alta estadunidenses. Eles dão milhões de dólares a cada semana para os evangelistas de televisão que expõem os fundamentos do culto. Eles lêem Hal Lindsey e Tim LaHaye. Eles têm um objetivo: facilitar a mão de Deus para levá-los para o céu livres de todos os problemas, de onde eles assistirão ao Armagedóm e à destruição do planeta Terra."[2]

O Sionismo Cristão Definido

O sionismo cristão é essencialmente o apoio cristão ao sionismo.

Grace Halsell resume a mensagem do cristão sionista desta maneira: "todos os atos tomados por Israel são orquestrados por Deus, e devem ser tolerados, apoiados, e até mesmo elogiados pelo resto de nós."[3] Conscientemente ou não, os sionistas cristãos se alinham a uma agenda religiosa judaica melhor expressa pelo rabino Shlomo Aviner, que alega: "Não devemos nos esquecer ... que o objetivo supremo da reunião dos

---

[1] Mike Evans, Israel, America's Key to Survival, (Plainfield, NJ: Haven Books), de traseira, p. XV.
[2] Dale Crowley, "erros e enganos dos Ensinamentos Dispensational. Capital Hill Voz, (1996-1997), citado em Halsell, op.cit., P5. Grace Halsell sionismo cristão define-se como um culto. Veja Halsell, op.cit., P31
[3] Grace Halsell, 'israelenses extremistas e fundamentalistas cristãos: O Aliança ', Washington Report, dezembro (1988), p31

exilados e o estabelecimento de nosso Estado é a construção do Templo. O templo está no topo da pirâmide."[4] Outro rabino, Yisrael Meida, explica a ligação entre a política e a teologia no sionismo judeu: 'É tudo uma questão de soberania. Aquele que controla o Monte do Templo, controla Jerusalém. E quem controla Jerusalém, controla a terra de Israel.'[5]

Este paradigma pode ser ilustrado por meio de três anéis concêntricos. A terra representa o anel externo, Jerusalém, o anel do meio e o do Templo é o anel central. Os três anéis compõem a agenda sionista através da qual a terra foi reivindicada em 1948, a Cidade Velha de Jerusalém foi ocupada em 1967 e o local do Templo ainda está sendo contestado. Para o religioso sionista, judeu ou cristão, os três são indissociáveis. A visão sionista cristã, portanto, é a de trabalhar para ver todos os três sob o controle exclusivo judaico pois isto levará a bênção para o mundo inteiro uma vez que as nações reconhecem e respondem ao que se vê a Deus fazer em e através de Israel.[6]

A Importância do Movimento

O sionismo cristão como movimento é muito diversificado, indo de líderes cristãos individuais cujas denominações não têm nenhuma posição declarada sobre o sionismo,[7] às grandes organizações evangélicas internacionais que são assumidamente sionistas. Algumas têm uma agenda política explícita, como "Pontes para a Paz" e a "Embaixada Cristã Internacional, Jerusalém", que também goza de estatuto diplomático em vários países da América Central.[8] Ambos repudiaram ou redefiniram o evangelismo e se identificam com a opinião política de extrema-direita israelense, fazendo lobby junto ao governo dos E.U.A. para que continue financiando a agenda expansionista de Israel. Outras organizações, como "Os Judeus para Jesus", são essencialmente evangelísticas ou messiânicas, mas também adotam o sionismo por razões bíblicas. "Exobus" e o "Ebenezer Trust", por exemplo, são representativas de organizações menores especializadas em facilitar o transporte de judeus para Israel da Rússia e da Europa Oriental, enquanto "Cristãos Amigos das Comunidades de Israel incentivam as igrejas a adotar assentamento judaicos nos territórios ocupados."[9]

Líderes cristãos sionistas contemporâneos incluem Jerry Falwell, Pat Robertson, Hal Lindsey, Mike Evans, Charles Dyer, John Walvoord e Dave Hunt. Eles alcançaram influência considerável em popularizar uma escatologia premileniar, apocalíptica e em grande medida dispensacionalista, que legitima o sionismo entre os cristãos ocidentais.

---

4 Rabino Shlomo Chaim Hacohen Aviner, citado em Grace Halsell, Forçando a mão de Deus, (Washington, International Crossroads, 1999), p71

5 Yisrael Meida, citado em Halsell, forçando, op.cit., P68.

6 'Sionismo Bíblico, Teologia da Aparagem das Bordas para "Últimos Dias", "Palavra de Jerusalém, Embaixada Cristã Internacional de Jerusalém, setembro (2001), P9.

7 Por exemplo, David Pawson, quando Jesus retornar, (Londres, Hodder, 1998); "Israel em Israel, o Novo Testamento" e os cristãos de hoje, Verão (2002), p5, John MacArthur, o futuro de Israel, (Chicago, Moody Press, 1991); RT Kendall, "Como você, literalmente, lê a Bíblia?" Israel & Hoje os cristãos, Verão (2001), p9.

8 ECIJ tem status diplomático, em Honduras e na Guatemala e foram implicados no sentido de facilitar o financiamento dos Contras apoiados pelos EUA durante os anos 1980. Donald Wagner, Ansiosos pelo Armagedóm, (Scottdale, Pensilvânia, Herald, 1995), P109.

9 Sarah Honig, "Adopt-a-Settlement Program 'The Jerusalem Post, 2 Outubro (1995); http://www.bridgesforpeace.com/publications/dispatch/ lifeinisrael/Article-12.html

Que a sua pregação também receba a descrição de "Teologia do Armagedóm" é evidente em função dos títulos provocativos de muitos de seus livros mais recentes.[10]

O sionismo cristão dispensacionalista, que é a forma dominante, com a sua pregação sobre o Arrebatamento da Igreja, a reconstrução do Templo e da iminente batalha de Armagedóm, tem forte penetração entre as principais denominações evangélicas, carismáticas e independentes, incluindo as Assembléias de Deus, Pentecostais e Batistas do Sul, assim como muitas das mega-igrejas independentes. Crowley alega que elas são lideradas por 80.000 pastores fundamentalistas, seus pontos de vista são disseminados por 1.000 estações de rádio cristãs, bem como 100 canais de televisão cristãos.[11] Doug Kreiger lista mais de 250 organizações pró-Israel fundadas somente na década de 1980.[12]

As estimativas quanto ao tamanho do movimento como um todo variam consideravelmente. Enquanto os críticos, como Crowley, alegam que, "Pelo menos um entre cada 10 norte-americanos é um devoto", os partidários, como Falwell e Robertson reivindicam ter o apoio de 100 milhões de estadunidenses, com quem eles se comunicam semanalmente.[13] A estimativa do próprio Dale Crowley é de que há entre "25 a 30 milhões de cristãos pró-Israel nos Estados Unidos, um número que está em crescimento".[14] Robert Boston, por exemplo, argumenta que a Coalizão Cristã, de Pat Robertson, com um orçamento anual de $ 25 milhões e mais de 1,7 milhões de membros, é "indiscutivelmente ... a organização individual mais influente na política dos E.U.A.".[15]

Da mesma forma, a Coligação para a Unidade Nacional por Israel, que reúne 200 diferentes organizações sionistas, judaicas e cristãs, incluindo a Embaixada Cristã Internacional, Cristãos Amigos de Israel e Pontes para a Paz, afirma ter uma base de apoio de 40 milhões de membros ativos.[16] Estas organizações compõem uma ampla coligação que está moldando não apenas a agenda sionista cristã, mas também a política externa dos E.U.A. no Oriente Médio de hoje.

Então, de onde vem o sionismo cristão? Este primeiro capítulo focalizará o desenvolvimento histórico do movimento desde os seus pequenos inícios na Inglaterra rural do século 19 até sua base de poder no Capitol Hill do século 21. No segundo capítulo, vamos considerar o caso bíblico para o sionismo cristão e, em seguida, no terceiro, vamos analisar a sua agenda política.

---

[10] Notadamente, Hal Lindsey, The 1980's Countdown to Armageddon, (Nova York, Bantam, 1981), The Road to Holocaust, (Nova Iorque, Bantam, 1989), Final Battle (Palos Verdes, Califórnia, Frente Ocidental. 1995); Edgar C. James, Árabes, Petróleo e Armagedóm, (Chicago, Moody Press, 1977); Marius Baar, Unholy War, o óleo, o Islã e Armagedom (Worthing, Henry E. Walter, 1980), Mike Evans, Israel, America's Key to Survival, (Plainfield, Nova Jersey, Haven, nd); John F. Walvoord, Armageddon, Oil and the Middle East Crisis, (Grand Rapids, Michigan, Zondervan, 1990), O drama final, (Grande Rapids, Kregal, 1993); Moishe Rosen, Além da Guerra do Golfo, Overture Armageddon, (San Bernardino, Here's Life Publishers, 1991); Dave Hunt, Paz, prosperidade e a vinda do Holocausto, (Eugene, Oregon, Harvest House, 1983).

[11] Halsell, Forçando, op.cit., P50.

[12] Grace Halsell, Profecia e Política, (Westport, Connecticut, Lawrence Hill, 1986), p178.

[13] 'Cristãos Clamam por uma Jerusalém Unida', New York Times, 18 de Abril (1997), http://www.cdn-friends-icej.ca/united.html

[14] Halsell, forçando, op.cit., P50.

[15] Robert Boston, O homem mais perigoso da América? Pat Robertson e a ascensão da Coalizão Cristã, (Nova Iorque, Prometheus, 1996).

[16] http://www.israelunitycoalition.com

As raízes britânicas do sionismo cristão

A gênese do sionismo cristão encontra-se dentro da Reforma Protestante. A Reforma trouxe um interesse renovado pelo Antigo Testamento e pelas relações de Deus com o povo judeu. Dos púlpitos protestantes através da Europa, a Bíblia foi sendo, pela primeira vez em séculos, ensinada dentro de seu contexto histórico e dada em seu sentido literal pleno. Ao mesmo tempo, uma nova avaliação do lugar dos Judeus dentro dos propósitos de Deus veio à tona.

O Puritanismo e a conversão dos judeus

A escatologia puritana era essencialmente pós-milenar e acreditava que a conversão dos judeus conduziria à bênção futura para o mundo inteiro. Em 1621, por exemplo, Sir Henry Finch, um advogado eminente e membro do Parlamento Inglês, publicou um livro intitulado, *The World's Great Restauration (sic) or Calling of the Jews (and with them) all the Nations and Kigdoms of the Earth, to the Faith of Christ* (A Grande Restauração do Mundo e o Chamado dos Judeus – e com eles – todas as Nações e Reinos da Terra, para a Fé de Cristo). Pelo final do século 17 e ao longo do século 18, especialmente durante o período do Grande Despertar, a escatologia pós-milenar dominou o Protestantismo da Europa e dos Estados Unidos.[17] Os escritos e pregação de Jonathan Edwards (1703-1758)[18], bem como de George Whitefield, foram influentes na disseminação da crença de que o milênio tinha chegado, que o evangelho logo triunfaria contra o mal em todo o mundo. As Bênçãos de Deus de paz e prosperidade se seguiriam à conversão de Israel, antes do retorno glorioso de Cristo.[19]

Adventismo e o Fim do Mundo

O final do século 18 e início do século 19 viram um movimento dramático de distanciamento do otimismo do pós-milenismo, após um prolongado período de turbulência nos dois lados do Atlântico.[20] Houve a Guerra da Independência Americana (1775-1784), a Revolução Francesa (1789-1793) e, em seguida, as Guerras Napoleônicas (1809-1815). Em 1804, Luís Napoleão tinha sido coroado imperador dos gauleses na presença relutante do Papa. Em 1807, ele planejou a divisão da Europa com

---

[17] Cornelis P. Venema, The Promise of the Future, (Edinburgh, Banner of Trust, 2000), pp219-229.
[18] Jonathan Edwards, "A História da Obra da Redenção", The Complete Works of Jonathan Edwards, Volume 2 (Edimburgo, Banner of Truth, 1974).
[19] Outros teólogos que defendem esse ponto de vista incluídos JA Alexander, Robert Dabney, Charles Hodge, AA Hodge, BB Warfield, Loraine Boettner
e Charles H,. Spurgeon. Consulte também 'pós-milenismo ", na acepção do Millennium: Four Views, editado por Robert G. Clouse, (Downers Grove, Illinois, InterVarsity, 1977), pp17ff.
[20] Um pequeno número de teólogos do século 19 pós-milenista continuou a esposar uma forma de Restauracionismo judaico, mas apenas como uma consequência de o povo judeu chegar à fé em Jesus e ser incorporado à Igreja. Estes incluem Charles Simeon (1759-1836) e David Brown (1803-1897), que foi assistente de Edward Irving na Regent Square e que escreveu O Segundo Advento (1849) e a Restauração de Israel, (1861). Erroll Hulse também se identifica com esta posição, a Restauração de Israel, (Worthing, Henry Walter, 1968). Desde que o movimento Restauracionista passou a ser dominado pela Aliança entre pre-mileniaristas e dispensacionalistas no início do século 19, esta tese tem-se concentrado sobre sua contribuição. O capítulo anterior explorou as insinuações precoces de proto-sionismo cristão dentro da Reforma e período Puritano que foi dominado por pós-mileniaristas. Ver Arnold Fruchtenbaum, Israelology, The Missing Link em Teologia Sistemática, (Tustin, Califórnia, Ariel Ministries, 1989), pp14-122.

o czar da Rússia e deu início a um bloqueio do comércio marítimo britânico com a Europa. Dois anos mais tarde, ele prendeu o Papa e anexou os Estados Pontifícios. Ele então começou a destruição sistemática da Igreja Católica Romana em França, apoderando-se dos seus ativos, executando sacerdotes e exilando o Papa de Roma. Pelo ano 1815, os exércitos de Napoleão tinham lutado, invadido ou subjugado a maioria da Europa e do Oriente Médio, incluindo Itália, Áustria, Alemanha, Polônia, Rússia, Palestina e Egito.

Napoleão nomeou seus irmãos como reis da Holanda, Nápoles, Espanha e Vestefália, que hoje é a Alemanha. Ele até deu a seu filho, o título de "Rei de Roma". Seu plano era criar um Estados Unidos da Europa, cada estado governado por um monarca submisso, subordinado a ele como o "Supremo Rei dos Reis e Soberano do Império Romano"[21]. Numerosos pregadores e comentaristas especularam sobre se Napoleão era realmente o Anticristo.[22] Charles Finney, por exemplo, previu o fim iminente do mundo até 1838. Em 1835, ele especulou que "Se a igreja fizer todo o dever dela, o Milênio poderá vir a este país em três anos."[23] Joseph Miller estreitou a data de retorno de Cristo até o dia 21 Março de 1843, enquanto que Charles Russell, mais prudente, previu que Cristo estabeleceria seu reino espiritual nos celestiais em 1914. Por muitos anos, os sermões populares de Russell ligando profecia bíblica com acontecimentos contemporâneos foram reproduzidos em mais de 1.500 jornais nos E.U.A. e Canadá.[24] Esta especulação sectária veio a ser adotada pela corrente principal do evangelicalismo através da influência de J. N. Darby e "the Brethren" (Os Irmãos).

O Dispensacionalismo e a Restauração dos Judeus

O desenvolvimento do dispensacionalismo no século 19 e a revolução na especulação profética futurista sobre a Igreja e Israel podem ser largamente atribuídos a Edward Irving[25] e John Nelson Darby, juntamente com outros associados a uma série de conferências proféticas realizadas na Inglaterra e na Irlanda, entre 1826 e 1833.[26] Se você desejar traçar o desenvolvimento deste movimento, recomendo para isso o livro de Don Wagner, Anxious for Armageddon (Ansiosos pelo Armagedóm) (Herald Press), ou a minha pré-publicação do livro, disponível em CD.

---

[21] GH Pember, grandes profecias dos Séculos sobre Israel e os gentios, (Londres, Hodder, 1902), pp236-241.

[22] JN Darby, "Notas sobre um trecho divulgado pela Irvingites", Collected Writings, editado por William Kelly (Kingston on Thames, Stow Hill Bíblia e Trust Depot, 1962), doutrinária. IV, 15, P2; André Drummond, Edward Irving and His Circle (Londres, James Clarke, sd), p132; Janet M. Hartley, "Napoleão na Rússia: Salvador ou anti-Cristo? History Today, 41 (1991); Richard Kyle, The Last Days are Here Again, (Grand Rapids, Michigan, Baker, 1998), p71.

[23] Charles Finney, Lectures on Revival, (Cambridge, Harvard University Press, 1960), P306.

[24] Clouse, hosack & Pierard, op.cit., P116.

[25] Murray, op.cit., P188. Irving foi também um dos precursores dos Pentecostais e do Movimento Carismático. Arnold Dallimore, The Life of Edward Irving: O precursor do Movimento Carismático, (Edinburgh,Banner of Truth, 1983); Gordon Strachan, A Teologia Pentecostal de Edward Irving (Peabody, Massachusetts, 1973). George Eldon Ladd, no entanto, atribui o ressurgimento "futurista", ou pré-milenismo histórico do século 19, a S. R. Maitland, Todd James e Burgh William. Ver George Eldon Ladd, The Blessed Hope, (Grand Rapids, Michigan, Eerdmans, 1956), pp35-40. A primeira publicação de Maitland é datada de 1826, James Todd 1838, e William Burgh 1835. Enquanto que eles podem de fato ter sido influentes, visto que Irving reconhece sua dívida para com Hatley Frere, e seus próprios sermões premileniares são datados já em 1824, ainda é apropriado considerar Irving como o primeiro proponente deste ponto de vista no século 19.

[26] Rowland A. Davenport, Albury Apóstolos, (Londres, Sociedade Livre, 1970).

No primeiro dia do Advento, em 1826, Henry Drummond (1786-1860), um banqueiro da cidade, político e Alto Sheriff de Surrey, Inglaterra,[27] abriu sua casa em Albury Park para um seleto grupo de cerca de vinte convidados para discutir questões sobre "o imediato cumprimento da profecia" [28] Os tópicos incluíam a especulação sobre o cumprimento da profecia bíblica, o premileniarismo, o iminente retorno dos judeus à Palestina e a busca de tribos perdidas de Israel. Estas conferências continuaram no início da década de 1830 em Powerscourt, na Irlanda, sob a influência crescente de John Nelson Darby.

John Nelson Darby – O Surgimento do Dispensacionalismo

John Nelson Darby é considerado por muitos como o pai do dispensacionalismo e a figura mais influente no desenvolvimento do sionismo cristão.[29] Ele era uma figura carismática com uma personalidade dominante. Ele era um falante persuasivo e um missionário entusiasta de suas crenças dispensacionalistas. Ele pessoalmente fundou igrejas Brethren (Irmãos) em lugares tão distantes como Alemanha, Suíça, França e Estados Unidos, e traduziu a Bíblia inteira ao Inglês.[30]

As igrejas que Darby e seus colegas plantaram com as sementes do dispensacionalismo pré-mileniarista, por sua vez enviava missionários para a África, as Antilhas, Austrália, Nova Zelândia e, ironicamente, para trabalhar entre os árabes da Palestina. De 1862 em diante a sua influência dominante sobre *The Brethren* na Grã-Bretanha se esvaneceu, especialmente em razão do racha entre os *Open Brethren* (Irmãos Abertos) e *Exclusive Brethren* (Irmãos Exclusivos), em 1848.[31]

Darby, consequentemente passou mais e mais tempo na América do Norte, fazendo sete viagens nos vinte anos seguintes. Durante estas visitas, ele veio a ter uma influência crescente sobre líderes evangélicos, como James H. Brookes, Dwight L. Moody, William Blackstone e C. I. Scofield. Suas idéias também ajudaram a moldar as nascentes Escolas Bíblicas evangélicas e as conferências sobre Profecia, que vieram a dominar tanto o evangelicalismo como o fundamentalismo nos Estados Unidos entre 1875 e 1920.[32]

Clarence Bass, em sua história definitiva do Dispensacionalismo descreve a influência permanente de Darby sobre o evangelicalismo estadunidense:

"Basta dizer que ele imprimiu ao movimento sua própria personalidade. Grande parte da sua atmosfera espiritual, sem dúvida, pertence a sua influência, e certamente a

---

[27] Doze anciãos chamados "anjos" foram nomeados para conduzir a congregação e administrar a igreja, na expectativa de que o Senhor voltaria a Albury em seu tempo de vida. Por conseguinte, como cada pessoa idosa por fim acabava morrendo, eles não foram substituídos até quando não existia mais pastor da congregação.

[28] Edward Miller, The History and Doctrines of Irvingism, volume 1 (Londres, Kegan Paul, 1878), p36.

[29] Donald E. Wagner, Ansiosos pelo Armageddon, (Waterloo, Ontário, Herald Press, 1995), pp81, 88. Esta é contestada por Charles Ryrie que tenta situar a origem do Dispensacionalismo, cerca de 150 anos antes, com a alegação de encontrar evidências nos escritos de Pierre Poiret (1646-1719) e John Edwards (1639-1716), bem como Isaac Watts (1674-1748). Ver Charles Ryrie, Dispensacionalismo, (Chicago, Moody Press, 1995), pp65-71.

[30] Turner, op.cit. P53.

[31] Darby discordou da cristologia de Newton e forçou uma divisão entre aqueles que vieram a ser conhecidos como os Irmãos Abertos liderados por homens como George Muller e Henry Craik e seus próprios Irmãos Exclusivos, que se tornaram cada vez mais legalistas e separatistas. Veja G.C.D. Howley, 'Plymouth Os Irmãos "Novo Dicionário Internacional da Igreja Cristã, ed. J.D. Douglas (Exeter, Paternoster, 1978), pp789-790.

[32] Wagner, op.cit., P. 89.

seus princípios interpretativos, a sua compartimentalização divisiva do plano redentor de Deus, a sua literalidade em relação à interpretação profética e seu espírito separatista podem ser atribuídos a esta personalidade".[33]

Lord Shaftesbury e o Restauracionismo

O sionismo provavelmente teria permanecido como apenas um ideal religioso, não fosse a intervenção de um punhado de influentes políticos britânicos aristocratas que vieram compartilhar as convicções teológicas de Darby e seus colegas e as traduziram à realidade política. Um em particular, Lord Shaftesbury (1801-1885) tornou-se convencido de que a restauração dos judeus à Palestina não fora apenas prevista na Bíblia[34], mas que também coincidia com os interesses estratégicos da política externa britânica.[35] Outros que compartilhavam dessa perspectiva, em diferentes graus e por diferentes motivos, incluíam Lord Palmerston, David Lloyd George e Lord Balfour. Ironicamente, essa convicção foi precipitada pelas ações de um ateu, Napoleão, na primavera de 1799.

Durante a campanha da Síria da expedição Oriental de Napoleão, na qual ele havia procurado derrotar os governantes Otomanos, separar a Grã-Bretanha de seu império, e recriar o império de Alexandre, da França à Índia,[36] ele se tornou o primeiro líder político a propor um Estado judeu soberano na Palestina:

"Bonaparte, Comandante-em-Chefe dos exércitos da República Francesa na África e Ásia, para os Legítimos Herdeiros da Palestina. Israelitas, nação única, a qual, em milhares de anos, o desejo da conquista e da tirania só foram capazes de privá-la de suas terras ancestrais, mas não do nome e existência nacional ... Ela [França] oferece a você neste exato momento, e contra todas as expectativas, o patrimônio de Israel ... Legítimos Herdeiros da Palestina ... apressem-se! Agora é o momento, o qual pode não reaparecer por milhares de anos, para reivindicar a restauração de seus direitos entre a população do universo que tinham, vergonhosamente, sido retirados de vocês por milhares de anos, a sua existência política como uma nação entre as nações, e o direito natural ilimitado de cultuar a Jeová em conformidade com a sua crença, publicamente e de probabilidade eterna (Joel 4:20)."[37]

Napoleão acreditava que, com judeus compassivos no controle da Palestina, os interesses imperiais e comerciais franceses, na Índia, Arábia e África, poderiam ser garantidos.[38] Nem Napoleão, nem os judeus foram capazes de levá-lo adiante. Não obstante, sua proclamação é um barômetro do grau em que o ambiente europeu tinha sido carregado com essas expectativas messiânicas.[39] As potências européias tornaram-se cada vez mais preocupadas com a "Questão Oriental". A Grã-Bretanha e a Prússia se aliaram ao Sultão da Turquia contra Napoleão e seu vassalo, Mehemet Ali. A necessidade de impedir o controle francês tinha levado não só às batalhas do Nilo e Acre, mas também a uma expedição militar britânica na Palestina. Com a derrota de

---

[33] Bass, op.cit., Pp176.
[34] Wagner, op.cit., P91.
[35] Barbara Tuchman, Bíblia e Espada, (Londres, Macmillan, 1982), p115
[36] Merkley, op.cit., P38.
[37] Citado em Franz Kobler, Napoleão e os judeus, (Nova York, Schocken Books, 1976), pp55-57. Veja também: http://www.napoleonicsociety.com/english/scholarship98/c_jews98.html
[38] Ver Albert M. Hyamson, Palestina: O renascimento de um povo antigo. (Londres, Sidgwick & Jackson, 1917), pp162-163; Salo W. Baron, social e A história religiosa dos judeus, (Nova York, Columbia University Press, 1937), 2. P327, citado no Sharif, op.cit., p52.
[39] Baron, ibid.

Napoleão, a principal preocupação da Grã-Bretanha foi de como conter a Rússia.[40] A corrida para controlar a Palestina teve início.[41]

Sensibilizado pelas lembranças da expedição de Napoleão, Lord Shaftesbury defendeu uma maior presença britânica na Palestina e viu que isso poderia ser conseguido através do patrocínio de uma Pátria judaica, com base tanto em motivos religiosos como políticos.[42] A proteção britânica aos judeus, segundo ele, daria uma vantagem colonial sobre a França para o controle do Oriente Médio; proporcionaria um melhor acesso à Índia através de uma rota terrestre direta; e abriria novos mercados para os produtos britânicos.[43]

Em 1839, Shaftesbury escreveu um artigo anônimo de 30 páginas para o *Quarterly Review,* intitulado "Estado e Restauração dos judeus." Nele, Shaftesbury advogou por uma pátria nacional judaica, com Jerusalém como sua capital, permanecendo sob o domínio turco, mas com a proteção britânica.[44] Shaftesbury previu uma nova era para os judeus:

"... Os judeus devem ser encorajados a regressar em ainda maior número e tornarem-se mais uma vez os lavradores da Judéia e da Galiléia ... embora sejam reconhecidamente um povo de pescoço duro e coração escuro, e afundados na degradação moral, obstinação e ignorância do Evangelho ... [Eles são] ... não apenas dignos da salvação, mas também vitais para a esperança de salvação do Cristianismo."[45]

Quando Lord Palmerston, o secretário dos Negócios Estrangeiros, casou-se com a sogra viúva de Shaftesbury, este se encontrou "bem posicionado" para fazer lobby para esta causa.[46] Em seu diário de 1 de agosto de 1840, Shaftesbury escreve:

"Jantei com Palmerston. Após o jantar saí a sós com ele. Propus-lhe meu esquema que parece ter golpeado sua imaginação. Ele fez perguntas e prontamente prometeu analisá-lo. Como a ordem da Providência é singular. Singular, se estimada pelas maneiras do homem. Palmerston já tinha sido escolhido por Deus para ser um instrumento do bem ao Seu antigo povo, para fazer jus a sua herança, e reconhecer os seus direitos sem acreditar em seu destino. Parece que ele ainda vai fazer mais. Apesar de o motivo ser gentil, não é seguro... ele não chora, como seu Mestre, em Jerusalém, nem reza por que agora, finalmente, ela pode colocar suas roupas *bonitas."* [47]

Duas semanas depois, em um artigo principal, em *The London Times*, datado de 17 de agosto de 1840, clamou por um plano "para plantar o povo judeu na terra de seus antepassados, alegando que tal plano estava sob "séria consideração política". Palmerston elogiou os esforços de Shaftesbury, autor do plano, por considerá-lo tanto "prático como estadista". Alimentando as especulações sobre uma iminente restauração,

---

[40] Sharif, op.cit., P54.
[41] John Pollock, Shaftesbury, (Londres, Hodder, 1985), p54.
[42] Lord Shaftesbury, já no PC Merkley, The Politics of Christian Sionismo 1891-1948, (Londres: Frank Cass, 1998), p14.
[43] Wagner, op.cit., P91.
[44] Pollock, op.cit., P54.
[45] Conde de Shaftesbury, "Situação e perspectivas dos judeus ', Quarterly Review, 63, Londres, janeiro / março (1839), pp166-192, citado em Wagner, op.cit., P91, e http://www.snunit.k12.il/heb_journals/katedra/62018.html
[46] Pollock, op.cit., P54.
[47] Anthony Ashley, Earl of Shaftesbury. Diary entries as quoted by Edwin Hodder, The Life and Work of the Seventh Earl of Shaftesbury, (London, 1886), 1, pp310-311; See also Geoffrey BAM Finlayson, The Seventh Earl of Shaftesbury, (London, Eyre Metheun, 1981), p114; The National Register Archives, London, Shaftesbury (Broadlands) MSS, SHA/PD/2, 1 August 1840.

em 4 de Novembro de 1840, Shaftesbury colocou um anúncio pago em *The Times* para dar maior visibilidade a sua posição. O anúncio incluía o seguinte:

"A Restauração dos Judeus. Um memorando foi dirigido aos monarcas protestantes da Europa sobre o tema da restauração do povo judeu na terra da Palestina. O documento em questão, ditado por um peculiar conjunto de coisas no Oriente, e outros notáveis "sinais dos tempos", reverte para o convênio original, que garante a terra aos descendentes de Abraão."[48]

A influência de Lord Shaftesbury, portanto, em promover a causa sionista dentro das estruturas política, diplomática e eclesiástica na Grã-Bretanha foi imensa. Wagner afirma: "Ele, sozinho, transformou as posições teológicas de Brightman, Henry Finch e John Nelson Darby em uma estratégia política. Suas altas conexões políticas, acompanhadas por seus instintos misteriosos, combinaram para fazer avançar a visão cristã sionista." [49] Com efeito, foi Shaftesbury quem, provavelmente, inspirou a Israel Zangwell e Theodor Herzl a cunhar a frase: "Uma terra sem povo para um povo sem terra". Shaftesbury, uma geração antes, imaginando que a Palestina estivesse vazia, tinha lançado o seguinte slogan: "Um país sem uma nação para uma nação sem país."[50] Como Moisés, Shaftesbury não viveu para ver a sua "Terra Prometida" concretizada. No entanto, através de seu lobby, de seus escritos e discursos públicos, ele fez mais do que qualquer outro político britânico para inspirar uma geração de Josués a transformar sua visão religiosa em uma realidade política.

O apoio político britânico ao sionismo judaico

Destes líderes políticos cristãos que assumiram o manto de Shaftesbury de concretizar o sonho sionista, um pequeno número se destaca. Estes incluem Laurence Oliphant (1829- 1888), William Hechler (1845-1931), David Lloyd George (1863-1945) e, provavelmente o mais importante de todos, Arthur Balfour (1848-1930).

Em 1897, quando o primeiro Congresso Sionista Mundial se reuniu em Basiléia, Suíça, os líderes judeus favoráveis a um Estado sionista já tinham o apoio compassivo de muitas outras importantes figuras políticas britânicas. Isso foi em grande parte devido aos esforços de um homem, William Hechler. O filho de missionários da LJS (*London Jewish Society*) da França e Alemanha, Hechler era um sacerdote anglicano e tornou-se capelão da embaixada britânica em Viena, em 1885, uma posição de importância estratégica para o Movimento Sionista.[51] "Imbuído do milenarismo evangélico, ele até mesmo formulou a sua própria data exata para o restabelecimento do Estado Judeu".[52] Tal como acontecera com o slogan de Shaftesbury, o livreto de Hechler, A Restauração dos Judeus à Palestina (1894), antecedeu em dois anos ao Der Judenstaat, de Herzl, e falava da necessidade de "restaurar os judeus à Palestina em conformidade com as profecias do Antigo Testamento."[53] Hechler tornou-se o principal aliado cristão de Herzl para materializar sua visão de um Estado sionista; foi um dos

---

[48] Wagner, op.cit., P91.
[49] Wagner, op.cit., P92.
[50] citado em Wagner, op.cit., p92, também Albert H. Hyamson, Palestina sob o Mandato, (Londres, 1950), p.10, citado em Sharif, op.cit., p42.
[51] David Pileggi, 'Hechler, CMJ & Sionismo "Shalom, 3 (1998).
[52] Sharif, op.cit., P71.
[53] Ibid.

três únicos cristãos convidados a participar do Congresso Mundial Sionista. Herzl não era religioso, mas era supersticioso e registrou em seu diário uma reunião com Hechler em 10 de março de 1896:

"O reverendo William Hechler, capelão da embaixada inglesa aqui, veio me ver. Um tipo simpático e gentil, com a longa barba grisalha de um profeta. Ele está entusiasmado com minha solução da Questão Judaica. Ele também considera meu movimento um "ponto de viragem profética" - que ele tinha predito dois anos antes. De uma profecia na época de Omar (637CE), ele havia avaliado que, ao fim de quarenta e dois meses proféticos (total de 1260 anos), os judeus teriam a Palestina de volta. O número a que ele chegou foi 1897-98."[54]

Em março de 1897, o ano em que Hechler esperava que os judeus começariam a retornar à Palestina, Herzl descreveu seu segundo encontro no apartamento de Hechler's. Herzl ficou surpreso ao encontrar livros do chão ao teto, 'Nada além de bíblias' e um grande mapa de pessoal militar da Palestina, composto de quatro folhas cobrindo todo o piso do escritório:

"Ele me mostrou onde, segundo seus cálculos, o nosso novo templo deve ser colocado: em Betel! Porque esse é o centro do país. Ele também me mostrou modelos do antigo templo. 'Nós preparamos o terreno para você!' Hechler disse triunfante ... Eu o considero um visionário, ingênuo... No entanto, há algo encantador sobre seu entusiasmo ... Ele me dá conselhos excelentes, cheios de genuína e inconfundível boa vontade. Ele é, ao mesmo tempo, inteligente e místico, esperto e ingênuo."[55]

Apesar do cepticismo inicial de Herzl, Hechler manteve sua palavra e facilitou a Herzl e a sua delegação sionista o acesso ao Kaiser alemão William II, ao grão-duque de Baden, bem como ao establishment político britânico. Embora visse com simpatia o ministério evangelístico do LJS, a pregação e a diplomacia de Hechler significaram uma mudança radical no pensamento sionista cristão, bem afastado dos pontos de vista de restauradores mais precoces, como Irving e Drummond, que viam a restauração à terra como uma conseqüência da conversão dos judeus ao cristianismo. Agora, ao invés disso, Hechler estava insistindo que o destino dos cristãos era simplesmente ajudar a restaurar os judeus à Palestina.

David Lloyd George, que se tornou primeiro-ministro em 1916, foi outro sionista confesso, e compartilhava visões similares às de Shaftesbury. Em suas próprias palavras, ele era prosélito de Chaim Weizmann,: 'A acetona me converteu ao sionismo.'[56] Isto se devia a que Weizmann tinha ajudado o governo britânico no desenvolvimento de um novo explosivo utilizando acetona, e a Palestina parece ter sido a recompensa.

A Declaração de Balfour e o sionismo

Provavelmente, o político britânico mais importante de todos, no entanto, foi Arthur James Balfour (1848-1930), que foi pioneiro na Declaração Balfour, em 1917. Assim como Lloyd George, Balfour havia sido criado em um lar evangélico e via com

---

[54] Theodor Herzl, The Diaries of Theodor Herzl, (Nova Iorque, 1956), citados em Sharif, op.cit., P71.
[55] Merkley, op.cit., Pp16-17; Pileggi, op.cit.
[56] Weizmann havia descoberto a forma de sintetizar a acetona, um solvente usado na fabricação de explosivos.

simpatia o sionismo por causa da influência do ensino dispensacionalista.[57] Ele considerava a história como "um instrumento para a realização de um Propósito Divino.[58] A partir de 1905, Chaim Weizmann, por então um professor de química na Universidade de Manchester, começou a se reunir regularmente com Balfour para discutir a implementação desse objetivo. Por convite de Balfour, em julho de 1917, a Organização Sionista ofereceu uma sugestão de projeto a Balfour:

> 1- O Governo de Sua Majestade aceita o princípio de que a Palestina deve ser reconstituído como o Lar Nacional do povo judeu.
>
> 2- O Governo de Sua Majestade fará uso de seus melhores esforços para assegurar a realização deste objetivo e irá discutir os métodos e meios necessários com a Organização Sionista.[59]

Balfour fez emendas ao mesmo a fim de enfatizar a prerrogativa do governo britânico. Em 2 de novembro de 1917, Lord Balfour tornou público o projeto final da carta escrita para Lord Rothschild em 31 de Outubro, que ficou conhecida como a Declaração de Balfour:

> “O Governo de Sua Majestade vê favoravelmente o estabelecimento na Palestina de um Lar Nacional para o povo judeu, fará uso de seus melhores esforços para facilitar a consecução desse objetivo, ficando claramente entendido que nada será feito que possa prejudicar os direitos civis e religiosos das comunidades não-judaicas existentes na Palestina, ou os direitos e o status político desfrutados pelos judeus em qualquer outro país.”[60]

Balfour já estava de fato comprometido com o programa sionista por convicção teológica e não tinha nenhuma intenção de consultar a população árabe indígena. Em uma carta a Lord Curzon, escrita em 1919, Balfour insistia com certo cinismo:

“Pois na Palestina nós não propomos sequer formas de consultar os desejos dos atuais habitantes do país... As Quatro Grandes Potências estão comprometidas com o sionismo. E o sionismo, esteja ele certo ou errado, seja bom ou mau, está enraizado em tradições antigas, em necessidades presentes, em esperanças futuras, de muito maior profundidade e importância que os desejos e preconceitos dos 700.000 árabes que no momento habitam esta antiga terra... Eu não creio que o sionismo prejudicará os árabes ... Resumindo, no que diz respeito à Palestina, as Potências não efetuaram nenhuma declaração de fato que não seja admitidamente errada, e nenhuma declaração de política que, pelo menos na carta, não tenham sempre a intenção de violar.”[61]

O que a Declaração de Balfour deixou intencionalmente ambíguo foi o significado de um "Lar Nacional". Seria isso sinônimo de soberania ou da criação de um Estado e, se assim fosse, quais deveriam ser as fronteiras? Será que ocuparia toda a Palestina ou apenas uma parcela? Qual seria o estatuto de Jerusalém? Além disso, enquanto afirmava que ‘os direitos civis e religiosos da população existente’ seriam salvaguardados e o território fora designado "Palestina", não havia nenhuma referência aos Palestinos. “Eles eram uma real, mas inconveniente, não-identidade”.[62] Balfour era claramente da opinião que "os atuais habitantes” não precisariam ser consultados, nem

[57] Wagner, op.cit., P93.
[58] Sharif, op.cit., P.78
[59] D. Ingrams, Palestina Papers 1917-1922, sementes do conflito, (Londres, John Murray, 1972), p9.
[60] Ibid.
[61] Ingrams, op.cit., P73.
[62] Kenneth Cragg, o árabe cristão, A História do Médio Oriente, (Londres, Mowbray, 1992), p234.

antes nem depois.[63] Que 90% da população da Palestina fossem árabes, dos quais cerca de 10% eram cristãos, parecia irrelevante para os políticos e os sionistas que tinham outra agenda.[64] Assim, as perguntas incômodas foram deixadas sem respostas e são estas ambigüidades que têm atormentado as negociações de paz no Oriente Médio durante os últimos cem anos, até o presente "Roteiro para a Paz".

Esta importantíssima declaração deu ao sionismo, pela primeira vez, uma medida de "legitimidade política" e deu o ímpeto para a colonização da Palestina.[65] A partir de meados do século 19, uma união semelhante entre dogmatismo religioso e oportunismo político nos Estados Unidos levaria teólogos e políticos igualmente a apoiar a causa sionista. Entretanto, enquanto que o dispensacionalismo se tornou marginalizado na Grã-Bretanha, limitado ao sectarismo de *The Brethren*, nos Estados Unidos viria a se tornar uma influência predominante na linha principal do evangelicalismo.

Dispensacionalismo nos Estados Unidos (1859-1945)

Durante o período colonial e mesmo para além da Guerra Civil (1861-1865), o cristianismo norteamericano era essencialmente pós-milenarista em perspectiva. Fortalecido pelo movimento *Wesleyan Holiness* (Santidade Wesleyniana),[66] houve uma forte ênfase no evangelismo, na moralidade pessoal e na responsabilidade civil.[67] A Guerra Revolucionária forneceu um estímulo à especulação apocalíptica popular e, por volta de 1773, o rei George III estava sendo retratado como o Anticristo, e a guerra como uma 'santa cruzada' que conduziria ao milênio.[68] Em paralelo com a Grã-Bretanha, o final do século 18 e início do século 19 também viram uma explosão de seitas milenares, incluindo os Shakers, Mórmons e Millerites. Influenciado pela Revolução Francesa e a destruição do papado na França, o pré-milenismo histórico foi tornando-se gradualmente mais popular.

Entre 1859 e 1872, resultantes de suas extensas viagens através dos Estados Unidos, e reforçadas pelo trauma da Guerra Civil, as visões premilenaristas do dispensacionalismo de Darby sobre uma Igreja enfraquecida e um Israel reavivado passaram a ter uma influência profunda e crescente sobre o evangelicalismo estadunidense. Isso resultou não apenas no nascimento do dispensacionalismo norteamericano[69], mas também influenciou o milenarismo associado ao Movimento da Conferência Profética (*Prophecy Conference Movement*), bem como, posteriormente, o fundamentalismo.[70] Kyle sugere que a influência de Darby sobre a concepção do 'fim

[63] Edward W. Said, A Questão da Palestina, edição revisada, (Londres, Vintage, 1992), p19.
[64] Um relatório do Foreign Office britânico em dezembro de 1918 revelou que Palestina consistia de 512.000 muçulmanos, 61.000 cristãos e 66.000 judeus. Ingrams, op.cit., P44.
[65] Wagner, op.cit., P94
[66] Timothy L. Smith, "Justiça e Esperança: A santidade cristã e os Milenar Vision in America, 1800-1900 ", American Quarterly, 31,1 (Primavera 1979).
[67] Richard Kyle, The Last Days are Here Again, (Grand Rapids, Michigan, Baker, 1998), pp77-98.
[68] Ibid. p81.
[69] Charles Caldwell Ryrie, Dispensacionalismo Hoje, (Chicago, Moody Press, 1966).
[70] Ernest R. Sandeen, The Roots of Fundamentalism: British and American Milenarismo, 1800-1930, (Chicago, The University of Chicago Press.
1970); Reuben Archer Torrey, as doutrinas fundamentais do cristão Fé, (Nova Iorque, Doren, 1918), Os Fundamentos: Um Testemunho para a Verdade, (Chicago, Testemunho Publishing Co., 1910-1915).

do tempo’ foi provavelmente maior do que a de qualquer outro nos últimos dois séculos."[71]

Na ausência de um forte movimento sionista judaico, o sionismo cristão estadunidense surgiu da confluência destas associações complexas: evangélica, premileniar, dispensacionalista, milenar, e proto-fundamentalista.[72] Os mais estreitamente influenciados por Darby e a ele associados que também contribuíram para o desenvolvimento do sionismo cristão nos estados Unidos foram James Brookes, Arno Gaebelein, D. L. Moody, William E. Blackstone e C. I. Scofield.[73] Neste trabalho vamos nos concentrar simplesmente em Blackstone e Scofield. A contribuição dos demais está relatada em meu livro CD.

William Blackstone Promove o Sionismo (1841-1935)

William E. Blackstone foi um influente evangelista e trabalhador leigo da Igreja Metodista Episcopal, bem como um financiador e benfeitor. Ele também se tornou um discípulo entusiasta de J. N. Darby.[74] Em 1887, ele escreveu um livro sobre profecias bíblicas intitulado *Jesus is Coming* (Jesus está retornando), que, até 1927, tinha sido traduzido a trinta e seis idiomas. O livro tomou uma visão dispensacionalista pré-milenarista da Segunda Vinda, enfatizando que os judeus tinham um direito bíblico à Palestina e em breve seriam restaurados lá. Blackstone se tornou um dos primeiros sionistas cristãos dos Estados Unidos, como Hechler fora na Grã-Bretanha, a ativamente fazer lobby para a causa sionista. Blackstone considerava o movimento sionista como um 'sinal' do iminente retorno de Cristo, embora seus líderes, como Herzl, fossem agnósticos.

Blackstone, como Hal Lindsey um século mais tarde, interpretava as Escrituras à luz da evolução dos acontecimentos contemporâneos, algo que Charles Spurgeon alertava como sendo "a exegese por eventos atuais".[75] Os cristãos sionistas já não mais esperavam que o arrependimento nacional dos judeus precedesse a restauração; isso poderia esperar até depois que Jesus tivesse voltado. Embora popular entre os proto-fundamentalistas, o livro tornou-se mais amplamente conhecido em 1908, quando uma edição de apresentação foi enviada a várias centenas de milhares de ministros e obreiros cristãos, e novamente em 1917, quando o Instituto Bíblico Moody imprimiu cópias de apresentação e as enviou a ministros, missionários e estudantes de teologia.[76] *Jesus is Coming* foi o livro publicado no século 20 sobre o retorno de Cristo mais amplamente lido, até a publicação de *Late Great Planet Earth*, de Hal Lindsey, superado apenas pela série de ficção *Left Behind* (Deixados para trás), de Tim LaHaye.[77]

---

[71] Kyle, op.cit., P104.
[72] David Rausch, Zionism within Early American Fundamentalism 1878 - 1918, uma convergência de duas tradições, (Nova Iorque, Edwin Mellen, 1979), P2.
[73] Wagner, op.cit., P89.
[74] Beth M. Lindberg, A God-Filled Life: The Story of William E. Blackstone, (Chicago The American Messianic Fellowship, sd).
[75] Charles H. Spurgeon, Lições aos meus alunos, (Londres, Passmore & Alabaster, 1893), p100.
[76] Rennie, op.cit., P48; Rausch, op.cit., P264.
[77] WM Smith, "Signs of the Times", Moody Monthly, August (1966), p5; Tim LaHaye e Jerry B. Jenkins, Left Behind, (Wheaton, Tyndale House,
1995). As vendas da série Deixados para Trás agora excedem 32 milhões de cópias. Ver Nancy Gibbs, 'Apocalypse Now' Time, 1 de Julho de 2002, p45. Hal Lindsey's Late Great Planet Earth (Londres, Lakeland, 1970) supostamente vendeu mais de 18 milhões de cópias em Inglês.

Em março de 1891, Blackstone fez lobby junto ao presidente dos EUA, Benjamin Harrison, e seu Secretário de Estado, James G. Blaine, com uma petição assinada por nada menos que 413 proeminentes líderes judeus e cristãos, incluindo John e William Rockefeller. A petição clamava por uma conferência internacional sobre a restauração dos judeus à Palestina. A petição, que ficou conhecido como o Memorial Blackstone, oferecia esta solução:

> "Por que não dar a Palestina de volta a eles [os judeus] de novo? De acordo com a distribuição das nações de Deus, esta é a sua casa, uma posse inalienável de onde foram expulsos pela força. Sob o seu cultivo, ela era uma terra notavelmente frutífera, sustentando milhões de israelitas, que diligentemente cultivavam suas encostas e vales. Eram agricultores e produtores, bem como uma nação de grande importância comercial - o centro da civilização e religião. Por que as Potências que, com base no Tratado de Berlim, em 1878, deram a Bulgária aos búlgaros e a Sérvia aos sérvios não dão agora a Palestina de volta aos judeus?"[78]

Embora o presidente Harrison não tenha tomado ação em relação com a petição, ela foi, no entanto, fundamental na galvanização dos ativistas do sionismo cristão e judaico nos Estados Unidos nos sessenta anos seguintes. O juiz Louis Brandeis, o primeiro juiz judeu da Suprema Corte dos EUA, que liderou o movimento sionista judaico nos E.U.A. a partir de 1914, tornou-se amigo íntimo de Blackstone e por vinte anos eles trabalharam para convencer o povo estadunidense e, em particular, os sucessivos presidentes, para que apoiassem a agenda sionista. Durante esse tempo, Blackstone enviou a Brandeis "grandes somas de dinheiro para a sustentação do trabalho sionista."[79] Responsável pelo desembolso de milhões de dólares de fundos dispensacionalistas que lhe foram confiados para o trabalho missionário, Blackstone prometeu a Brandeis que se ele não viesse a ser arrebatado com Blackstone, ele deveria usar os fundos para a ajuda aos judeus que viriam a crer em Cristo e necessitariam de apoio como missionários em todo o mundo durante o milênio.[80]

Em 1917, Blackstone ficou excitado com a evolução dos acontecimentos na Palestina após a derrota dos turcos e a triunfal entrada dos Aliados em Jerusalém. Ele disse que eles foram "acolhidos como libertadores do povo, e uma Comissão Judaica, autorizada pelos governos dos Aliados já estava assumindo o controle do desenvolvimento dos interesses judaicos na Palestina - tudo isso realmente emociona meu coração."[81] Em janeiro de 1918, Blackstone falou em um grande encontro sionista judaico em Los Angeles e declarou que ele havia se comprometido com o sionismo há 30 anos. "Isso é porque eu acredito que o sionismo verdadeiro é fundado sobre o plano, o propósito e a fé de Deus eterno e onipotente, como profeticamente está registrado em Sua Santa Palavra, a Bíblia."

Durante sua vida, os sionistas judeus homenagearam Blackstone mais vezes do que qualquer outro líder cristão. Em uma ocasião, Brandeis escreveu, "você é o pai do sionismo, pois seu trabalho antecede a Herzl."[82] Em 1918, Elisha Friedman, Secretário da Sociedade Sionista Universidade de Nova York, da mesma forma declarou: "Um conhecido leigo cristão, William E. Blackstone, antecipou-se a Theodor Herzl em cinco

---

78 Reuben Fink, da América e da Palestina, (Nova Iorque, American sionista Conselho de Emergência, 1945), PP20-21, citado em Sharif, op.cit., P92.
79 Merkley, op.cit., P92.
80 Ibid.
81 Lindberg, op.cit., PP12-13.
82 Currie, op.cit.

anos na sua defesa do restabelecimento de um Estado judeu".[83] Aquilo que Blackstone expressara em seus discursos, livros e petições, Cyrus Scofield iria sistematizar e canonizar através de sua Bíblia de Referência.

Cyrus Scofield canoniza o sionismo (1843-1921)

Scofield pode ser considerado como o mais influente expoente do dispensacionalismo, após a publicação de sua Bíblia de Referência Scofield pela *Oxford University Press* em 1918.[84] Ernest Sandeen insiste: "No calendário de Santos Fundamentalistas nenhum nome é mais conhecido ou mais reverenciado".[85] No entanto, enquanto obras biográficas sobre os primeiros *Brethren* (Irmãos), como J. N. Darby e dispensacionalistas como D. L. Moody abundam, Scofield continua a ser uma figura esquiva e enigmática. Apenas duas biografias foram publicadas, uma por um companheiro dispensacionalista com elogios a Scofield,[86] a outra, de uma perspectiva Reformada, retrata-o como um charlatão, acusado de falso testemunho, fraude e peculato. Ele também abandonou sua esposa e filhos, e casou-se novamente apenas três meses após seu divórcio ser transitado em julgado.[87]

Como um jovem cristão amplamente iletrado, Scofield foi profundamente influenciado pelos escritos de J. N. Darby. Scofield popularizou o dispensacionalismo distintivo e futurista de Darby, baseando suas notas de referência sobre as próprias traduções distintivas da Bíblia. Bass nota que "o paralelo entre as notas de Scofield e os trabalhos de Darby revelam claramente que Scofield foi não apenas um aluno de Darby, mas que também tomava emprestadas muitas idéias, palavras e frases".[88]

É significativo, porém que, nem na Introdução de sua Bíblia de Referência Scofield nem nas notas explicativas, ele reconheça sua dívida para com Darby.[89] A combinação de um formato atraente, notas ilustrativas, e referências cruzadas, levaram tanto os críticos como os defensores a reconhecer na Bíblia de Scofield o livro mais

[83] CutlerB.Whitwell, 'TheLifeStoryofW.EB-ede "Jesus está chegando"', The SchoolTimes domingo, 11 de janeiro (1936), p19, citedinRausch, op.cit., P265.
[84] C. I. Scofield, A Bíblia de Referência Scofield, (Nova York, Oxford University Press, 1917), The New Scofield Reference Bible, editada por E. Schuyler Inglês (Nova York, Oxford University Press, 1967); O Expanded Ryrie Study Bible Edição, (Chicago, Moody Bible Institute, 1994), o novo estudo Scofield Bíblia, (Nova York, Oxford University Press, 1984); Scofield Study Notes, QuickVerse, Parsons Technology, 1994).
[85] Sandeen, op.cit., P222.
[86] Charles G. Trumball, a história da vida C. I. Scofield, (Oxford University Press, Nova Iorque, 1920).
[87] Joseph M. Canfield, The Incredible Scofield and his books, (Vallecito, Califórnia, Ross House Books, 1988). Canfield refere-se a uma terceira fonte de William A. BeVier, Um esboço biográfico de CI Scofield: Uma Tese apresentada à Faculdade da Graduate School of Southern Methodist University, em parcial cumprimento dos requisitos do Mestrado em Artes, com um major em História. Maio de 1960, Veja também Albertus Pieters, Uma análise imparcial da Scofield Bible, (Grand Rapids, Douma Publications, nd). A Mulher de Scofield, Leontine, divorciou-se dele em 1881, quando era pastor de Hyde Park Congregacional Church, St. Louis. Os documentos de seu divórcio cobram de Scofield "sua grosseira negligência do dever", tendo falhado no sustento desta requerente ou de seus filhos, ou em contribuir para o mesmo, e não fez nenhuma provisão para eles de alimentos, roupas ou uma casa ... " O tribunal decidiu a favor da Leontine após algum atraso em 1883 e um decreto do divórcio em dezembro daquele ano, descrevendo Scofield como, "... uma pessoa não apta para a guarda dos filhos." Dos papéis do processo n º 2161, fornecidos pelo Tribunal do Condado de Atchison, citados em Canfield, op.cit., p89. Ele casou-se com Hettie Van Wark em 11th Março,1884. Ibid., P100.
[88] Bass, op.cit., P18. Veja também Loraine Boettner, The Millennium (Grande Rapids, Baker, 1958), P369.
[89] C. I. Scofield, "Introdução", A Bíblia de Referência Scofield, (Oxford, Oxford University Press, 1909).

influente entre os evangélicos durante a primeira metade do século 20.[90] Craig Blaising, professor de Teologia Sistemática no Seminário Teológico de Dallas e um dispensacionalista, de igual modo reconhece, "A Bíblia de Referência Scofield se tornou a Bíblia do fundamentalismo, e a teologia das notas se acercou a um status confessional em muitas escolas bíblicas, institutos e seminários estabelecidos nas primeiras décadas deste século."[91] Sandeen observa: "O livro tem sido, portanto, sutil, mas poderosamente influente na disseminação daqueles pontos de vista entre centenas de milhares de pessoas que lêem regularmente a Bíblia e que, muitas vezes, não se dão conta da distinção entre o texto antigo e a interpretação de Scofield."[92] William E. Cox oferece esta avaliação de sua influência permanente:

> "As notas de rodapé de Scofield e seus esquemas sistematizados de hermenêutica têm sido memorizados por muitos tão religiosamente como os versículos da Bíblia. Não é nada incomum ouvir homens piedosos recitando estas notas antecedidas pelas palavras; "A Bíblia diz ..." Muitos pastores perderam toda a influência com os membros de sua congregação e foram tachados de liberais por nenhuma outra razão que por não concordar com todas as notas de rodapé do Dr. Scofield. Até mesmo muitos ministros usam os ensinamentos de Scofield como testes da ortodoxia!"[93]

A influência de Scofield se estendeu muito além da publicação de seus escritos. Na década de 1890 durante o pastorado de Scofield em Dallas, ele foi também diretor da Southwestern School of the Bible, a precursora do Seminário Teológico de Dallas, que se tornou a 'instituição mais erudita' do dispensacionalismo.[94] O Seminário foi fundado em 1924 por um dos discípulos de Scofield, Lewis Sperry Chafer, que por sua vez se tornou o expoente mais influente de Scofield. Chafer, escreveu o primeiro programa sistemático de teologia dispensacionalista pró-sionista, chegando a oito grandes volumes. Pouco antes de sua morte, Chafer descreveu sua maior realização acadêmica: "Está registrado que o *Dallas Theological Seminary* usa, recomenda e defende a Bíblia Scofield."[95] E, talvez, não surpreenda que o Seminário Teológico de Dallas, desde então, especialmente através dos escritos de Charles Ryrie e John Walvoord, continue a ser o principal apologista e proponente das visões dispensacionalistas clássicas de Scofield e do sionismo cristão em particular.

O sionismo evangélico estadunidense contemporâneo

Para os sionistas cristãos, a fundação do Estado de Israel em 1948, naturalmente, passou a ser visto como o mais significativo cumprimento da profecia bíblica,[96] e "a maior notícia profética que tivemos no século 20".[97]

---

[90] Dwight Wilson, Armageddon Now!, (Grand Rapids, Michigan, Baker
Book House, 1977), p15; Sandeen, op.cit., P222.
[91] Dispensacionalismo Craig A. Blaising ', The Search for Definition' em Dispensacionalismo, de Israel e da Igreja, a pesquisar a definição, editado por Craig A. Blaising & Darrell L. Bock (Grand Rapids, Michigan, Zondervan, 1992), p21.
[92] Sandeen, op.cit., P222.
[93] William E. Cox, um exame Dispensacionalismo, (Filadélfia, Presbyterian & Reformed, 1974), pp55-56.
[94] Gerstner, op.cit., P46.
[95] Ibid.
[96] Stanley J. Grenz, o labirinto do Milênio, (Downers Grove, Illinois, InterVarsity, 1992), p92; Hal Lindsey, The Late Great Planet Earth, (Londres, Lakeland, 1970), pp43, 53-58; Hannah Hurnard, Watchman nas paredes, (Londres, Olive Press, 1950), pp11-12.

Depois da guerra de 1967, o sogro de Billy Graham, Nelson Bell, por então editor da *Christianity Today*, manifestou os sentimentos de muitos evangélicos estadunidenses quando, em um editorial para a revista, ele escreveu, "que pela primeira vez em mais de 2.000 anos, Jerusalém esteja agora completamente nas mãos dos judeus dá a um estudioso da Bíblia uma emoção e uma renovada fé na exatidão e validade da Bíblia."[98]

Em 1976, uma série de eventos trouxe o sionismo cristão para a vanguarda da política convencional dos E.U.A. Jimmy Carter foi eleito como o 'Presidente Renascido' atraindo o apoio da direita evangélica. Em Israel, Menachem Begin e a direita Likud chegaram ao poder no ano seguinte. Uma coligação tripartida lentamente emergiu entre a direita política, os evangélicos e o lobby judaico. Em 1978, Jimmy Carter reconheceu como suas próprias crenças pró-sionistas tinham influenciado sua política no Oriente Médio.[99] Em um discurso, ele descreveu o Estado de Israel como "um regresso por fim, à terra bíblica da qual os judeus foram expulsos muitas centenas de anos atrás ... O estabelecimento da nação de Israel é o cumprimento da profecia bíblica e a verdadeira essência do seu cumprimento."[100] No entanto, quando Carter vacilou sobre o programa agressivo de assentamentos do Likud e propôs a criação de uma Pátria palestina, alienou-se da coalizão pró-israelenses de judeus e evangélico, que transferiram seu apoio a Ronald Reagan nas eleições de 1980. A eleição de Reagan para presidente deu um impulso considerável à causa sionista cristã:

"A eleição de Ronald Reagan deu início não só à administração mais pró-Israel da história, mas deu a diversos sionistas cristãos proeminentes cargos políticos. Além do Presidente, os que subscreviam a uma teologia premileniar futurista e ao sionismo cristão incluíam o Procurador-Geral Ed Meese, o Secretário de Defesa, Casper Weinberger, e o Secretário do Interior, James Watt."[101]

"Os Seminários da Casa Branca" tornaram-se uma característica normal da Administração Reagan, trazendo líderes cristãos sionistas como Jerry Falwell, Mike Evans e Hal Lindsey para contato pessoal direto com os líderes nacionais e do Congresso. Em 1982, por exemplo, Reagan convidou Falwell para dar uma palestra ao Conselho de Segurança Nacional sobre a possibilidade de uma guerra nuclear com a Rússia.[102] Hal Lindsey também afirmou que Reagan o convidou para falar sobre o tema da guerra com a Rússia com Oficiais do Pentágono.[103]

Em uma conversa pessoal relatada em *The Washington Post* dois anos depois, em abril de 1984, Reagan deu mais detalhes sobre suas próprias convicções pessoais a Tom Dine, um dos principais lobistas de Israel, que trabalhava para a *American-Israeli Public Affairs Committee* (AIPAC):

> "Você sabe, eu me volto para os antigos profetas no Velho Testamento e os sinais predizendo o Armagedóm, e eu me ponho a perguntar se – se nós somos a geração

---

[97] Louis T. Talbot & William W. Orr, a nação de Israel e da Palavra de Deus!, (Los Angeles, Instituto Bíblico de Los Angeles, 1948), P8.
[98] Donald Wagner, "Evangélicos e Israel: Raízes Teológicas de um político. A Aliança 'Christian Century, 4 de Novembro (1998), pp1020-1026.
[99] Jimmy Carter, The Blood of Abraham, (Londres, Sidgwick & Jackson, 1985).
[100] Discurso do presidente Jimmy Carter, em 1 de Maio de 1978, do Departamento de Estado Bulletin, vol. 78, No. 2015, (1978), P4, citados na Sharif, op.cit., P136.
[101] Donald Wagner, 'Beyond Armageddon', o Link, Nova York, Os americanos para o Oriente Médio Entendimento; outubro-novembro, (1992), p5.
[102] Halsell, Profecia., Op.cit., P47
[103] Ibid.

que vai ver isso acontecer. Não sei se você notou qualquer uma destas profecias ultimamente, mas, creia-me, elas certamente descrevem os tempos que estamos atravessando."[104]

Enquanto George Bush, pai, Bill Clinton e George W. Bush não parecem ter compartilhado os mesmos pressupostos dispensacionalistas de Jimmy Carter ou Ronald Reagan, no entanto, eles mantiveram, embora com relutância, a forte posição pró-sionista de seus antecessores.[105] Isto é em grande parte devido à influência do lobby sionista, considerado por muitos como o mais poderoso dos Estados Unidos.[106]

Aluf Ben, um porta-voz de Shimon Peres, foi citado no *Ha'aretz*, jornal de grande circulação de Tel Aviv, alegando que "60 por cento de toda a ajuda financeira aos democratas vieram de fontes judaicas".[107] De acordo com *The Washington Report on Middle East Affairs*, "A maioria dos levantadores de fundos pró-Israel estimam que pelo menos de 60 a 90 por cento do financiamento da campanha democrata vem de fontes judaicas, que também fornecem talvez 40 por cento do financiamento republicano."[108] Talvez seja por isso que é difícil encontrar um único político eleito dos Estados Unidos disposto a criticar Israel publicamente.

Três líderes cristãos, em particular, cada um deles tendo recebido de Reagan uma plataforma da Casa Branca, provavelmente conseguiram, mais do que quaisquer outros nos últimos quarenta anos, garantir que política externa dos Estados Unidos continuasse sendo pró-sionista. Eles são, Jerry Falwell, Pat Robertson e Hal Lindsey. Vou me concentrar na influência de Jerry Falwell neste momento, pois ele é representativo do movimento. Depois, vamos examinar as opiniões de Hal Lindsey em mais detalhes.

Jerry Falwell é o pastor de *Thomas Road Baptist Church* e fundador e chanceler da independente *Baptist Liberty University*, Lynchburg, Virginia, com 10.000 alunos.[109] Os ministérios de Jerry Falwell patrocinam a *Liberty Broadcasting Network TV channel* e o programa consorciado *Old Time Gospel Hour* (Horas Evangélicas dos Tempos Antigos), transmitido em 350 estações dos E.U.A. e com um orçamento de US $ 60 milhões.[110] No início de seu ministério, Falwell evitava a política. Em 1964, ele escreveu:

"Acreditando na Bíblia como eu creio, eu acharia impossível parar de pregar o evangelho puramente salvador de Jesus Cristo e começar a fazer qualquer outra coisa, incluindo a luta contra o comunismo, ou participar em lutas por reformas dos direitos civis. Os pregadores não são chamados para ser políticos, mas para ser ganhadores de almas. Em nenhum lugar nós fomos comissionados para reformar os exteriores".[111]

---

[104] Ronnie Dugger, «O Reagan Espere um Armagedon nuclear?" Washington Post, 18 de Abril (1984).
[105] George Bush, Discurso do American Jewish Committee, 3 de maio (2001), http://www.us-israel.org/jsource/US-Israel/presquote.html
[106] Michael Lind, "The Israel Lobby and American Prospect Power", abril (2002), PP22-29; Halsell, Profecia., Op.cit.
[107] Israel Shahak, "A capacidade de grupos judaicos dos EUA para definir a agenda de Clinton depende da mídia. "Washington Report, June 1995, pp. 10, 94.
[108] Publisher's Page, Washington Report, June 1995, pp. 122.
[109] http://falwell.com
[110] Iwan Russell-Jones, "Dê-me que a nova religião prime time ' Internacionalista, 133, março (1984).
[111] James Price e William Goodman, Jerry Falwell, An Unauthorized Outlook, já em Grace Halsell, Profecia e Política, Militantes Evangelistas rumo à Guerra Nuclear, (Westport, Connecticut, Lawrence Hill, 1986), p72 - 73.

O pensamento de Falwell mudou em 1967, depois da Guerra de Seis Dias de Israel. Ele entrou para a política e tornou-se um ávido apoiador do Estado sionista. Grace Halsell descreve a conversão de Falwell:

> "A surpreendente vitória de Israel teve um grande impacto não só em Falwell, mas em um monte de estadunidenses ... Lembrem-se de que em 1967, os Estados Unidos estavam atolados na Guerra do Vietnã. Muitos sentiam uma sensação de derrota, impotência e desânimo. Como estadunidenses, tínhamo-nos tornado agudamente conscientes de nossa própria autoridade diminuída, de já não sermos capazes de policiar o mundo, ou talvez nem mesmo os nossos próprios bairros... Muitos estadunidenses, incluindo Falwell, lançaram olhares de adoração em direção a Israel, que eles consideravam como militarmente fortes e invencíveis. Eles deram a sua aprovação irrestrita à toma de terras árabes por Israel porque eles viam essa conquista como expressão do poder e da justiça ... Cristãos machistas ou musculares, como Falwell, creditaram ao General israelense Moshe Dayan essa vitória sobre as forças árabes e o denominaram o 'Homem Milagre de nosso Tempo', e o Pentágono o convidou a visitar o Vietnã e nos dizer como vencer aquela guerra."[112]

Em 1979, no mesmo ano em que Falwell fundou *Moral Majority* (Maioria Moral), o governo israelense deu a Falwell um Lear Jet para ajudá-lo em seu trabalho de defesa de Israel. Um ano depois, em 1980, Falwell também tornou-se o primeiro não-judeu a ser agraciado com a medalha Vladimir Ze'ev Jabotinsky de excelência sionista pelo Primeiro Ministro de Israel, Menachem Begin. Jabotinsky foi o fundador do sionismo revisionista e dizia que os judeus tinham um mandato divino ocupar e colonizar "ambos os lados do rio Jordão", e não eram responsáveis perante a lei internacional.[113] Quando Israel bombardeou as instalações nucleares do Iraque em 1981, Begin telefonou a Falwell antes mesmo de chamar a Reagan. Ele também pediu a Falwell para "explicar ao público cristão as razões para o bombardeio"[114] Durante a invasão do Líbano em 1982, Falwell, de modo semelhante, defendeu as ações de Israel:

> "Quando ocorreram os massacres nos dois campos de refugiados palestinos, Falwell apenas se limitou a repetir a linha de Israel: 'Os israelenses não estavam envolvidos.' E mesmo quando *The New York Times* dava relatos de testemunhas oculares de foguetes israelenses enviados para ajudar os falangistas a penetrar nos acampamentos, Falwell continuava dizendo, 'Isso não passa de propaganda'".[115]

Em março de 1985, Falwell falou à conservadora Assembléia Rabínica em Miami e se comprometeu a "mobilizar 70 milhões de cristãos conservadores a favor de Israel." [116] Em janeiro de 1998, quando o Primeiro-Ministro israelense Benjamin Netanyahu visitou Washington, sua primeira reunião foi com Jerry Falwell e com *A Coalizão para a Unidade Nacional por Israel*, um grande encontro de mais de 500 líderes cristãos, em vez de com o presidente Clinton.

De acordo com Donald Wagner, a multidão saudou Netanyahu como "o Ronald Reagan de Israel". Desta vez Falwell prometeu entrar em contato com 200.000 pastores

---

[112] Ibid.
[113] Allan C. Brownfeld, 'fundamentalistas e os Objectivos: um potencial Ameaça para a paz do Oriente Médio "O Relatório de Washington, June (1999), pp82 - 84.
[114] Donald Wagner, "Evangélicos e Israel: Roots Teológica de um político Aliança. The Christian Century, 4 de Novembro (1998), pp1020-1026.
[115] Brownfeld, op.cit., Pp82-84.
[116] Wagner, "evangélicos", op.cit., Pp1020-1026.

e líderes da igreja que recebem o seu *National Liberty Journal*[117] e pedir-lhes que 'digam ao presidente Clinton que se abstenha de exercer pressão sobre Israel' para que cumpra os acordos de Oslo.[118] Em uma entrevista com *The Washington Post* em 1999, Falwell descreveu a Cisjordânia como 'parte integrante de Israel'. Ao pressionar Israel a se retirar, acrescentou, 'seria como pedir a América para dar o Texas ao México, para promover um bom relacionamento. É ridículo.'[119]

Em 2000, Falwell recriou a *Moral Majority* sob o nome de *People of Faith 2000* (Gente de Fé 2000), "um movimento para recuperar a América como uma nação sob Deus" e que também tem uma forte 'posição pró-israelense'.[120] Falwell tem tido sucesso, provavelmente mais do que qualquer outro líder cristão estadunidense, em garantir que seus seguidores reconheçam que o seu dever cristão para com Deus inclui proporcionar apoio incondicional ao Estado de Israel.

Enquanto que Jerry Falwell pode ser um dos cristãos sionistas mais influentes, ele também é uma figura simbólica, junto com Pat Robertson, de uma aliança mais ampla de mais de 150 influentes líderes cristãos fundamentalistas, incluindo Oral Roberts, Mike Evans, Tim LaHaye, Kenneth Copeland, Paul Crouch, Ed McAteer, Jim Bakker, Chuck Missler e Jimmy Swaggart , que vêm todos tomando posturas pró-sionistas em seus escritos ou transmissões.[121]

Estes líderes cristãos e suas organizações têm acesso regular a mais de 100 milhões de cristãos estadunidenses, mais de 100.000 pastores, e orçamentos combinados muito superiores a US $ 300 milhões por ano. Eles formam uma ampla e imensamente poderosa coligação, que estão, ao mesmo tempo, dando forma e conduzindo a política externa dos EUA no Médio Oriente, bem como o apoio cristão a Israel hoje.

<table>
<tr><th colspan="6">Irving - Darby - Blackstone - Scofield - Walvoord - Lindsey - LaHaye</th></tr>
<tr><td rowspan="7">LJS</td><td rowspan="7">Restauracionismo</td><td>UK</td><td colspan="2">Covenental (Concordatário)</td><td>CMJ</td></tr>
<tr><td rowspan="6">U
S
A</td><td rowspan="6">Dispensacionalismo</td><td colspan="2"></td></tr>
<tr><td>Messiânico</td><td>JFJ</td></tr>
<tr><td colspan="2"></td></tr>
<tr><td colspan="2">Apocalíptico</td></tr>
<tr><td colspan="2"></td></tr>
<tr><td>Político</td><td>ICEJ</td></tr>
<tr><td>1800</td><td>1850</td><td>1900</td><td>1960</td><td>1980</td><td>2000</td></tr>
</table>

O desenvolvimento histórico do sionismo cristão

[117] http://www.nljonline.com/feb02
[118] Wagner, "evangélicos", op.cit., Pp1020-1026.
[119] Brownfeld, op.cit., Pp82-84.
[120] Jerry Falwell, 20alerts/actnow.htm% http://falwell.com/action
[121] Reuniões regulares entre os líderes cristãos sionistas israelenses e funcionários ter lugar, como na Harvard Business School.

CAPÍTULO DOIS

A base teológica do Sionismo Cristão

Como o umbigo é colocado no centro do corpo humano,
assim é a terra de Israel, o umbigo do mundo ...
situado no centro do mundo,
e Jerusalém no centro da terra de Israel,
e o santuário no centro de Jerusalém,
e o lugar santo, no centro do santuário,
e a arca no centro do lugar sagrado,
e a pedra fundamental diante do lugar santo,
porque dela o mundo foi fundado.[122]

Esta citação foi tomada do Midrash Tanchuma judaico do século 9. Ela explica o significado profundo do apego à terra, a cidade e o templo dentro do judaísmo religioso. Os sionistas cristãos se identificam com essas aspirações judaicas pela terra de Israel, por Jerusalém e o Templo.

Para usar uma analogia simples de três anéis concêntricos, a Terra representa o anel externo, Jerusalém o do meio e o Templo o do centro. Os três anéis compõem a agenda sionista expansionista, da qual, parte do anel exterior foi reivindicado em 1948, o anel médio em 1967 e o interior é buscado avidamente e está sob ameaça constante. Os três, portanto, em última instância permanecem de pé ou caem juntos.

Neste capítulo, queremos analisar a forma como a Bíblia vem sendo usada por cristãos para justificar a agenda sionista. O sionismo cristão pode ser distinguido por sete princípios básicos e estes serão agora avaliados à luz das Escrituras.

Uma Hermenêutica Bíblica Ultra-literalista

O sionismo cristão se estrutura com base em uma nova hermenêutica em que toda a escritura é geralmente interpretada num sentido ultra-literal; as partes proféticas da Escritura são vistas como história pré-escrita e, escatologicamente, acredita-se que alcançarão sua realização na geração do intérprete. Este tipo de hermenêutica tem sido descrito como 'pesher', do aramaico para "interpretação".[123] Isso difere de uma hermenêutica protestante tradicional que, embora também se baseia no literalismo, no

[122] Midrash Tanchuma, Qedoshim. Citado em www.templemount.org
[123] Richard Kyle, The Last Days are Here Again, A História do Fim dos Tempos, (Grand Rapids, Baker, 1998), p199.

entanto, começa com a definição do autor, bem como dos destinatários e também é moldada pelos contextos histórico, cultural, gramatical e teológico.[124]

A origem desta hermenêutica literalista pode ser detectada no início do século 19 e, em particular, nos escritos de Hatley Frere, George Faber, Lewis Way, Edward Irving e aqueles que participaram das conferências de Albury a partir de 1826.[125] Bebbington argumenta:

> "Há uma estreita ligação lógica entre as grandes esperanças para os judeus e uma nova estimativa da escritura ... O início da interpretação inovadora pode ser localizado precisamente ... as inovações nos domínios da profecia e a compreensão da escritura avançaram de mãos dadas."[126]

Patterson descreve como o sistema premileniar de Albury redefiniu a revelação em termos historicistas, "desde a auto-entrega de Deus na história a uma interpretação da história".

> "A Revolução Francesa tornou-se a chave para a compreensão da revelação de Deus, não apenas como um ponto de triangulação temporal, mas como um desvelamento de questões muito espirituais em andamento nos últimos dias. A Revolução Francesa desvelou o fato de que a profecia e a história estavam indissociável e lindamente entrelaçadas ... Assim, Albury olhou para a história para discernir este princípio e a história novamente para vê-lo manifesto ... O caráter maleável da profecia permitia que as escrituras e a história assumissem exatamente a forma determinada pelas pressuposições de Albury e a hermenêutica literal típica ... um sistema auto-perpetuador no qual a teoria, as escrituras e a história se combinavam numa simetria cada vez mais ajustada, para formar um sistema que explicava cada componente em termos de uma única narrativa e teleologia."[127]

John Nelson Darby, que posteriormente foi pioneiro nesta hermenêutica numa forma mais explicitamente futurista e dispensacionalista, resumiu-a em uma frase, quando admitiu: "Eu prefiro citar muitas passagens do que alongar-me sobre elas."[128] Baseado em seu compromisso com a literalidade, Darby formulou a doutrina do dispensacionalismo e a rígida distinção entre Israel e a Igreja, que constitui a base de muito do sionismo cristão contemporâneo.

Ponto central para o dispensacionalismo é a suposição de que sete dispensações são auto-evidentes na história bíblica, se uma hermenêutica literal for aplicada consistentemente. Darby não foi o primeiro a descubrir dispensações na história bíblica, nem foi o seu próprio esquema universalmente aceito, mesmo dentro dos círculos *Brethren* (Irmãos).[129] Antes do surgimento do dispensacionalismo, era comum

---

[124] Ibid.
[125] D.W. Bebbington, Evangelicalism in Modern Britain, Uma História de 1730 à 1980, (Londres, Unwin Hyman, 1989), p88, Edward Miller, A história e as doutrinas de Irvingism, volume 1 (Londres, Kegan Paul, 1878), p36; Lewis Way, The Latter Rain, 2 ª edição (Londres, 1821).
[126] Bebbington, op.cit., P88.
[127] Rayburn Mark Patterson, Projecting the Last Days: Edward Irving, a Albury Circle e Teologia da Vigília da Manhã. Doutor. Kings College, Londres, 2001, pp117, 166.
[128] Darby, Collected Writings, editado por William Kelly (Kingston on Thames, Stow Hill Bible and Trust Depot, 1962) 11, p363.
[129] As tentativas Ryrie, convincentes, para demonstrar que a idéia de dispensações estava latente nos escritos do místico francês Pierre Poiret (1646-1719); Um amilenista calvinista John Edwards (1639-1716) e Isaac Watts (1674 - 1748). Veja Ryrie, Dispensacionalismo, (Chicago, Moody Press, 1995), pp. 65 - 71.

dividir a história em dois ou três dispensações. Jonathan Edwards reconheceu a falta de unanimidade até mesmo na distinção entre o Antigo e o Novo Testamentos. "Não há, talvez, nenhuma parte da divindade atendida com tanta complexidade, e onde teólogos ortodoxos tanto divirjam, quanto determinar a concordância precisa e a diferença entre as duas dispensações de Moisés e Cristo." [130] Em sua obra principal sobre as dispensações, publicada em 1823, George Faber distingue três fases no tratamento gracioso de Deus com a humanidade: Patriarcal, Levítica e Cristã. Entretanto, diferentemente de Darby, ele não as considera todas como necessariamente consecutivas, nem que cada uma fosse o remédio para o fracasso da anterior.

Irving também usava o termo dispensação para contrastar os negócios contemporâneas de Deus com Israel e com a Igreja por volta de 1828.[131] Edward Miller cita as notas de Irving da primeira conferência de Albury: "unanimidade perfeita sobre o seguinte ... que a dispensação cristã era para ser terminada, concluindo na destruição da Igreja visível, como a judaica, durante os quais "julgamentos" os judeus seriam restaurados à Palestina."[132]

A mais clara expressão do pensamento de Darby sobre as dispensações pode ser encontrada em '*The Apostasy of the Successive Dispensations* (A Apostasia das Dispensações Sucessivas)", publicado em O testemunho Cristão em outubro de 1836. Foi só mais tarde nos escritos de Scofield que sete dispensações se fixaram dentro do pensamento dispensacionalista, muito depois de que qualquer associação com Irving fosse ignorada ou esquecida. A interpretação que faz Ryrie das dispensações de Darby está de fato significativamente em desacordo com os próprios escritos de Darby, porém mais consistentes com a de Scofield e mais próxima na verdade daquela de Morning Watch (A Vigília da Manhã). É uma afirmação insuficiente, portanto, quando Ryrie diz que o esquema de Darby "nem sempre é fácil de distinguir a partir de seus escritos".[133] Alguns sugerem que Ryrie leu a mente de Darby em retrospectiva, um esquema que convinha a seus próprios objetivos. Partindo dos escritos de Darby, podemos tentar reconstruir sua cronologia dispensacional e compará-la com a interpretação de Ryrie, juntamente com a versão posterior de Scofield, de 1909, ela mesma com variações em relação à revisão feita por Schuyler English em 1967.

> "Mas isto não me impede de investigar pelo ensinamento do mesmo espírito... o que Deus com sua infinita graça me revelou em relação a suas negociações com a Igreja."[134]

> "... porque foi nisto que o Senhor se satisfez, sem o ensino do homem, primeiro em abrir meus olhos quanto a esta questão, para que eu pudesse saber de Seu desejo completo a respeito."[135]

---

[130] Obras Jonathan Edwards, "Em plena comunhão", de The Complete Jonathan Edwards, volume 1 (Edimburgo, Banner of Truth, 1974), p160.
[131] Edward Irving, The Last Days Um Discurso sobre o mal caráter destes nossos tempos, a prová-lo para ser o "Perilous Times" e "Last Days", (Londres, James Nisbit, 1850), p10.
[132] Edward Miller, The History and Doctrines of Irvingism, (Londres, 1878).
[133] Ryrie, Dispensacionalismo, p68.
[134] J. N. Darby, "Reflexões sobre o Inquérito Profético, e as opiniões Avançadas de TI ", op.cit Collected,., Prophetic I, II. PP6-7.
[135] J. N. Darby, Evidência "da Escritura para a morte da presente dispensação 'Collected, op.cit., Prophetic I, II. p108.

The Morning Watch[136]	Dispensações de Darby[137]	Versão de Ryrie sobre Darby[138]	Dispensações de Scofield[139]
1- Adão		1- Estado paradisíaco	1- Inocência (Gen. 1:28)
2- Noé	1- Noé (Government)	2- Noé	2- Consciência (Gen. 3:23)
3- Patriarcas		3- Abraão	3- Governo humano (Gen. 8:20)
4- Judeus	2- Moises (Lei) 3- Aarão (Sacerdócio) 4- Rei (Manasseh)	4- Israel sob a lei, sob o clero, sob os reis	4- Promesa (Gen. 12:1) 5- Lei (Exod. 19:8)
5- Gentio	5- Espírito (Gentio)	5- Gentio	6- Graça (João 1:17)
6- Milênio		6- Espírito	
7- Ressurreição		7- Milênio	7- Reinado (Eph. 1:10)

Uma comparação dos esquemas dispensacionais de Morning Watch, John Nelson Darby, Charles Ryrie e Cyrus Scofield

Darby justifica, portanto, seu próprio esquema dispensacionalista com base em que os outros não tinham estudado as escrituras corretamente e sua interpretação era certa, porque o Senhor tinha revelado isto a ele pessoalmente.

O esquema dispensacionalista do próprio Scofield inspira-se fortemente nos escritos de Darby.[140] No entanto, ele afirma que o dispensacionalismo recupera para a Bíblia, "uma harmonia clara e coerente das porções preditivas":

> "As dispensações se distinguem, exibindo a ordem progressiva majestosa do relacionamento divino de Deus com a humanidade, o "propósito crescente", que atravessa e congrega as eras, desde o início da vida do homem até o fim na eternidade. Agostinho disse: "Distinga as eras, e as escrituras se harmonizarão.""[141]

Uma comparação entre as dispensações como elas aparecem na Bíblia de Referência Scofield e revisões posteriores, onde eles foram mudadas e renomeadas, sugeriria que elas não são tão claras quanto Scofield alegava.

[136] Patterson, op.cit.
[137] Darby, apostasia., PP124-130.
[138] Ryrie, Dispensacionalismo, pp68, 71.
[139] C. I. Scofield, "Introdução, a Bíblia de Referência Scofield" (Oxford, Oxford University Press, 1909), p5.
[140] "O paralelo entre as notas de Scofield e Darby revela muito claramente que Scofield não era apenas um estudante das obras Darby, mas que ele copiosamente tomava emprestadas idéias, palavras e frases de Darby". Clarence B. Bass, Backgrounds. Dispensacionalismo, (Grand Rapids, Michigan, Eerdmans, 1960), p18. Ver também Loraine Boettner, The Millennium (Grand Rapids, Baker, 1958), p369f.
[141] Scofield, Scofield, op.cit., Piii.

Bíblia de Referência Scofield (1917)[142]	Nova Bíblia de Estudos Scofield (1984)[143]
1- Inocência (Gen. 1:28)	1- Inocência (Gen. 1:28)
2- Consciência (Gen. 3:23)	2- Consciência ou Responsabilidade Moral (Gen. 3:7)
3- Governo Humano (8:20)	3- Governo Humano (Gen. 8:15)
4- Promesa (Gen. 12:1)	4- Promessa (Gen. 12:1)
5- Lei (Ex. 19:8)	5- Lei (Ex. 19:1)
6- Graça (João 1:17)	6- Igreja (Acts. 2:1)
7- Reinado ou Plenitude dos Tempos (Eph. 1:10)[144]	7- Reinado (Rev. 20:4)

Uma comparação das dispensações na Bíblia de Referência Scofield e a Nova Bíblia de Estudos Scofield

A rígida aderência de Scofield a essas dispensações também o obrigou a fazer algumas afirmações incomuns a fim de garantir consistência. Assim, por exemplo, ao descrever a transição entre sua quarta dispensação (Promessa) e sua quinta dispensação (Lei), Scofield argumentou que tudo o que os descendentes de Abraão precisavam fazer era "permanecer em sua própria terra para herdar todas as bênçãos". Ele segue adiante para afirmar: "A Dispensação da Promessa terminou quando Israel aceitou precipitadamente a Lei (Ex. 19:8). A da Graça tinha preparado um libertador (Moisés), provisto um sacrifício para os culpados e, por uma força divina, os tirou da escravidão (Ex.19: 4); mas no Sinai, mas eles trocaram graça por lei."[145]

Ao agir assim, Scofield reduz a entrega da Lei por Moisés, de ser iniciativa graciosa de Deus, a uma "imprudência" do povo judeu.

De modo similar, em sua introdução aos evangelhos, Scofield artificialmente impõe divisões completas antes e depois do Calvário, o que o levou à surpreendente afirmação de que "A missão de Jesus era voltada, primeiramente, aos judeus ... O Sermão da Montanha é lei, e não graça ... as doutrinas da graça devem ser procuradas nas Epístolas e não nos Evangelhos." [146] Surpreendentemente, Scofield ignora aquela divisão que é auto-evidente entre o convênio antigo e o novo. Marcos 1:1 afirma categoricamente: "O início do evangelho de Jesus Cristo", enquanto que Mateus 11:13 nos informa, "Por todos os profetas e a lei professada até João". No entanto, Scofield coloca a vida e o ministério de Jesus, na dispensação da Lei, juntamente com João Batista e os profetas do Antigo Testamento, argumentando que a sexta dispensação da graça apenas "começa com a morte e a ressurreição de Cristo." [147] Assim, por exemplo, a Oração do Senhor, e, em particular a petição "Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós também perdoamos aos nossos devedores"(Mateus 6:12) é, segundo Scofield,

[142] Scofield, Scofield, op.cit., Fn. 4, p5.
[143] The New Scofield Study Bible, (Nova York, Oxford University Press, 1984), P3.
[144] Scofield; Scofield, op. cit. fn. 3. pt250
[145] Ibid. fn. 1. pg20.
[146] Ibid., P989.
[147] Ibid., Fn. 2, P1115.

não aplicável à Igreja, uma vez que é 'matéria legal'.[148] Isto é porque Scofield acreditava que os evangelhos eram essencialmente para os judeus e, portanto, não é relevante para a Igreja. Assim, na nota anexa aos Efésios 3, ele afirma: "Em seus escritos somente (de Paulo) encontramos a doutrina, a posição, o andar, e o destino da Igreja".[149] Scofield parece ter imposto divisões que não existem nas escrituras e ignorou aquelas que sim existem. Scofield explicou sua própria literalidade da seguinte maneira:

> "Não existe nem uma instância do cumprimento "espiritual" ou figurativo da profecia ... Jerusalém é sempre Jerusalém, Israel é sempre Israel, Sião é sempre Sião ... As profecias nunca podem ser espiritualizadas, são sempre literais."[150]

O Seminário Teológico de Dallas (*Dallas Theological Seminary*), fundada por um dos discípulos de Scofield, Lewis Sperry Chafer, em 1924, provavelmente fez mais pela causa do dispensacionalismo e do sionismo cristão do que qualquer outra instituição no mundo. Através de seu corpo docente e alunos, por quase oitenta anos, Dallas vem contribuindo para a proliferação do pensamento dispensacionalista, desde o dispensacionalismo clássico de Cyrus Scofield e Lewis Chafer até o dispensacionalismo revisado de Charles Ryrie e John Walvoord; o dispensacionalismo apocalíptico de Hal Lindsey e Tim LaHaye, o dispensacionalismo messiânico de Moishe Rosen e Arnold Fruchtenbaum, e os dispensacionalismo progressivo de Craig Blaising e Darrel Bock.

Blaising e Bock representam uma nova geração de jovens dispensacionalistas entre a faculdade do Seminário Teológico de Dallas que tentaram redefinir o seu movimento e engajar em um diálogo construtivo com teólogos convenialistas (covenantal theologians) sobre a relação da Igreja com Israel.[151] Eles se distanciam do que consideram a "ingenuidade" das visões dos fundadores[152], distinguindo o dispensacionalismo tradicional de Lewis Sperry Chafer e Charles Ryrie[153] do Scofieldismo.[154] assim como do apocalipsismo popular do "Lindseyismo".[155] Eles se consideram menos centrados na terra e menos centrados no futuro.[156] Ryrie é cético, indisposto a ceder a tal revisionismo. Ele prefere descrever a posição de Blaising e Bock como "neo-dispensacionalista", por aderir ao que ele chama de uma "hermenêutica escorregadia".[157]

Em 1936, Chafer definiu o literalismo Scofieldiano nos seguintes termos: "A característica marcante do dispensacionalista é ... que acredita em cada declaração da Bíblia e lhe dá o significado simples e natural que suas palavras implicam.'[158] Igual que Chafer, Charles Ryrie sugere que apenas os dispensacionalistas são consistentes na aplicação de uma interpretação literal: "Para ter certeza, a interpretação

---

[148] Idem, pág. 1002. Muitos outros dispensacionalistas são da mesma opinião. Ver Lewis Sperry Chafer, Teologia Sistemática, (Dallas, Dallas Theological Seminary, 1975), volume 4, P221.
[149] Scofield, Scofield, op.cit, p1252.
[150] C. I. Scofield, Scofield Curso Bíblico por Correspondência, (Chicago, Moody Instituto Bíblico, sd), pp45-46.
[151] Clarence E. Bass, Fundos para Dispensacionalismo, (Grand Rapids, Eerdmans, 1960), Daniel P. Fuller, do Evangelho e do Direito, Contraste ou Continuum? A Hermenêutica do Dispensacionalismo e Teologia da Aliança, (Grande Rapids, Eerdmans, 1980), Craig A. Blaising e eds Darrell L. Bock.,
[152] Blaising and Bock, Dispensationalism, op. cit. pg. 19.
[153] Charles C. Ryrie, The basis of the Premillennial Faith, (Neptune, New Jersey Press, 1965).
[154]. Blaising and Bock, Dispensationalism, op. cit. pg. 21-23.
[155] Ibid., pp14-15
[156] Darrell Bock, citado em For the love of Zion. Christianity Today, 9 March 1992, p50.
[157] Ryrie, Dispensationalism, op. cit., pg 171, 175, 178.
[158] L. S. Chafer, "Dispensacionalismo," Bibliotheca Sacra, 93 de outubro (1936) pp410, 417.

literal/histórico/gramatical não é a posse exclusiva ou prática de dispensacionalistas, mas seu uso consistente em todas as áreas da interpretação bíblica sim."[159]

> "O dispensacionalismo é resultado da aplicação coerente do princípio básico da hermenêutica literal, normal ou simples interpretação. Nenhum outro sistema de teologia pode reivindicar isto ... O não-literalista é o não-dispensacionalista, e o literalista consistente é um dispensacionalista."[160]

Patrick Goodenough da Embaixada Cristã Internacional Jerusalém (ICEJ) explica a conseqüência desta abordagem literalista: "Nós simplesmente acreditamos na Bíblia. E que a Bíblia, que nós entendemos que ainda não foi revogada, deixa-o bem claro que Deus deu esta terra como herança eterna ao povo judeu."[161]

Rob Richards, ex-diretor britânico do Ministério das igrejas entre o Povo Judeu (*Churches Ministry Among Jewish People - CMJ*), oferece uma paráfrase moderna de sua posição. "Israel é Israel é Israel"[162] Os outros seis princípios do sionismo cristão seguem a partir desta leitura literal e futurista do Antigo Testamento.

O erro fundamental feito aqui é a recusa a reconhecer como Jesus e os Apóstolos reinterpretaram o Velho Testamento. A suposição implícita feita pelos sionistas cristãos é que o Antigo e o Novo Testamentos correm de forma paralela rumo ao futuro, o primeiro falando de Israel e o segundo da igreja. Isto está em desacordo com a maneira que o Novo Testamento interpreta, cumpre, anula e completa o Antigo. Por exemplo, Jesus anulou as leis Levíticas sobre os alimentos.

> "Você não vê que nada que entra em um homem desde fora o torna 'impuro'? Pois isto não penetra em seu coração e sim em seu estômago, e então para fora de seu corpo" (Ao dizer isto, Jesus declarou que todos os alimentos são "limpos".) (Marcos 7:18-19)

Em Atos 10, uma visão de alimento impuro é utilizada especificamente por Deus para ajudar o apóstolo Pedro a compreender que, em Cristo, não existe agora mais nenhuma distinção entre judeus e gentios. Ambos são aceitos como iguais no Reino de Deus. Só quando a Pedro encontra é que ele começa a perceber as implicações da visão da maneira como ele agora deveria ver judeus e gentios. "Agora percebo como é verdade que Deus não mostra favoritismo, mas aceita homens de qualquer nação que o tema e faça o que é justo." (Atos 10:34-35). Se Deus não mostra favoritismo, não se pode presumir que os judeus desfrutem de um estatus favorecido ou exclusivo. O movimento na revelação bíblica é explicado com mais detalhes pelo escritor em Hebreus. A revelação de Deus no Antigo Testamento com freqüência veio como sombra, imagem e profecia. Na Nova Aliança esta revelação encontra sua consumação, em realidade, a substância e o cumprimento em Jesus Cristo (Hebreus 1:1-2).

> Ao chamar de "nova" esta aliança, ele tornou a primeira obsoleta, e o que é obsoleto e envelhecido irá desaparecer em breve. (Hebreus 8:13)

> A lei é apenas um sombra das boas coisas que estão vindo - não as realidades mesmas. Por esta razão, ela nunca pode, pelos mesmos sacrifícios repetidos incessantemente ano após ano, aperfeiçoar os que se aproximam para adorar. (Hebreus 10:1)

---

[159] 38 op.cit Ryrie, Dispensacionalismo,., P40.
[160] Ibid., P92.
[161] 40 Kathy Kern, "Bênção Israel? Embaixada Cristã Responde 'Christian Peacemakers Team, menno.org.cpt.news @ MennoLink.org (2 de novembro de 1997).
[162] Bob Richards, Has God finished with israel? (Crowborough, Monarch, 1994), pg. 23.

É fundamental que os cristãos leiam as Escrituras com olhos cristãos, e que interpretem o Antigo Testamento à luz do Novo Testamento, e não ao contrário. Em Colossenses, por exemplo, Paulo usa uma hermenêutica tipológica para explicar isto.

Por isso, não deixe que ninguém te julgue pelo que tu comes ou bebe ou bebe, ou em relação a um festival religioso, uma celebração de Lua Nova ou um dia de sábado. Estas são sombras das coisas que estavam por vir, a realidade, porém, é encontrada em Cristo. (Colossenses 2:16-17)

A questão, portanto, não saber se as promessas da antiga aliança devem ser entendidas literal ou alegoricamente como os sionistas cristãos gostam de polarizar a questão. Ao invés disso, é uma questão de saber se elas devem ser entendidas em termos da sombra do Antigo Convênio ou em termos da realidade do Novo Convênio. Este é o erro hermenêutico mais básico que os sionistas cristãos repetem consistentemente. Esta situação é ilustrada na maneira como os sionistas cristãos continuam a considerar os judeus como o 'o povo escolhido de Deus'.

Os judeus continuam sendo o 'Povo escolhido de Deus'

Darby e Scofield ensinaram que Deus tem dois meios de trabalho separados, mas paralelos: um através da Igreja, o outro através de Israel, sendo o primeiro um parêntese para o segundo.[163] Assim, há, e sempre haverá, uma distinção "entre Israel, os gentios e a Igreja."[164]

A eclesiologia de Darby era de fato uma forma de "Teologia da substituição", embora ele ensinasse que Israel iria substituir a Igreja. A forte e repetida condenação de Darby a Igreja visível como apóstata, claramente influenciou sua crença inovadora de que a era da igreja era agora meramente um 'parenthesis'[165] dos Últimos Dias. 'Tendo Satanás enganado a Igreja, a Igreja está na posição de natureza terrena e unida no sistema com o mundo.[166]'

Darby considerava a Igreja como apenas mais uma dispensação que tinha falhado assim como as cinco anteriores. Cada uma por sua vez tinha perdido o seu lugar na economia divina e estava em julgamento de Deus. Assim como Israel tinha sido cortado, ele acreditava que a Igreja também o seria. Assim como só um pequeno resto de Israel tinha sido salvo, também somente um pequeno remanescente da Igreja seria salvo. O remanescente tomado a partir das ruínas da Igreja ia ser convenientemente, segundo ele, seus próprios seguidores, também conhecidos como "A Assembléia".

Sua resposta para a condição da igreja visível era não insistir na necessidade de uma nova reforma, arrependimento nacional ou mesmo um renascimento, uma vez que a tentativa de restaurar ou reparar as ruínas seria realmente pecaminosa.

> "Insistimos no fato de que a casa foi arruinada, suas ordenanças pervertidas, suas ordens e todos seus arranjos abandonados ou destruídos; que eles foram substituídos por ordenanças humanas, por uma ordem humana; e o que merece

---

[163] Charles Ryrie, Dispensacionalismo Hoje (Chicago, Moody Press, 1965), p. 48.
[164] Ryrie, Dispensacionalismo., P. 137.
[165] J. N. Darby, "A Dispensação da Plenitude dos Tempos", Collected Writings. Crítico. Vol. I, p. 236.
[166] J. N. Darby, 'Responder às Observações ... "Nossa separação Irmãos, 'Collected Writings., Eccl. III. Vol. XIV, p. 222.

toda a atenção da fé, nós insistimos que o Senhor ... estará chegando em breve em Seu poder e glória para julgar todo este estado de coisas."[167]

Darby não foi o primeiro a insistir numa distinção radical entre Israel e a Igreja.

Marcion sublinhara a natureza radical do cristianismo vis-à-vis o judaísmo. Em sua teologia, existia uma descontinuidade total entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento, entre Israel e a Igreja, e até mesmo entre o Deus do Antigo Testamento e o Pai de Jesus.[168]

Foi, no entanto, Darby, quem primeiro insistiu que: "A nação judaica nunca deverá entrar na Igreja."[169] De modo análogo, seu discípulo Scofield dava mais detalhes: "Comparando-se então o que é dito nas Escrituras a respeito de Israel e da Igreja, vemos que na origem, a chamada, a promessa, o culto, os princípios de conduta e o destino futuro, tudo é o contraste."[170] Em sua forma clássica, Charles Ryrie insiste que a condição *sine qua non* do dispensacionalismo seria:

1. Um dispensacionalista mantém Israel e a Igreja distintos ...
2. Esta distinção entre Israel e a Igreja nasce de um sistema de hermenêutica que é normalmente chamado de interpretação literal....[171]

Lewis Sperry Chafer, o fundador do Dallas Theological Seminary, aprofunda ainda mais esta dicotomia entre Israel e a Igreja,

> "O dispensacionalista acredita que ao longo dos tempos Deus está buscando dois objetivos distintos: um relacionado à terra, com os povos da terra e objetivos terrenos envolvidos, que é o judaísmo, enquanto o outro está relacionado com o céu, gente celestial e objetivos celestiais envolvidos, que é o cristianismo."[172]

Para Chafer, "Israel é uma nação eterna, herdeira de uma terra eterna, com um reino eterno, no qual David reina de um trono eterno"[173] de modo tal que na eternidade, "... os dois, Israel e a Igreja, nunca se encontrarão."[174] Ryrie até admite a conclusão de seu crítico Daniel Fuller, afirmando que "...a promessa básica do dispensacionalismo é de dois propósitos de Deus expressados na formação de dois povos que mantêm a sua distinção por toda a eternidade."[175]

Certas implicações seguem a natureza incondicional da aliança abraâmica. Com base na sua leitura literal do Antigo Testamento, os sionistas cristãos acreditam que os judeus continuam sendo "o povo escolhido" de Deus, desfrutando de uma relação única, status e propósitos eternos dentro de sua própria terra, separados de quaisquer promessas feitas à Igreja.

Portanto, as promessas feitas a Abraão permanecem verdadeiras hoje para os descendentes físicos de Isaac, Jacó e José. Baseados em passagens como Genesis 15, *Christian Friends of Israel* (Os Amigos Cristãos de Israel), por exemplo, insistem em

---

[167] J. N. Darby, "Um olhar no Various Eclesiástica Princípios", Collected Writings, Eccl. II, vol. IV, p. 10.
[168] W. Ward Gasque, «Marcion," The New International Dictionary of the Christian Church, J. D. Douglas, gen. ed. (rev. ed.; Grand Rapids, Zondervan, 1978), p. 620.
[169] J. N. Darby, As esperanças da Igreja de Deus (Londres: G. Morrish, sd), p. 106.
[170] C. I. Scofield, Scofield Bible Correspondence Course, 19 ed. (Chicago, Moody Bible Institute), p. 23.
[171] Ryrie, Dispensacionalismo., Pp. 39-40.
[172] Lewis Sperry Chafer, Dispensacionalismo (Dallas Seminary Press, 1936), p.
[173] Chafer, Teologia Sistemática (Dallas, Dallas Seminary Press, 1975), vol. 4. pp. 315-323, citado em Gerstner, errada., P. 184.
[174] Gerstner, 'errada., P. 185.
[175] Ryrie, Dispensacionalismo., Pp. 44-45.

que: “A Bíblia ensina que Israel (o povo, a terra, a nação) tem um futuro divinamente ordenado e glorioso, e que Deus nem rejeitou nem substituiu Seu povo judeu.[176]”

Analogamente, *Jews for Jesus* perpetuam a distinção dispensacionalista entre os propósitos de Deus para Israel e para a Igreja. “Nós acreditamos que Israel existe como um povo do convênio através do qual Deus continua a realizar seus propósitos e que a Igreja é um povo eleito em conformidade com o Novo Convênio, incluindo tanto judeus e gentios que reconheçam Jesus como Messias e Redentor.”[177]

David Brickner afirma a primeira posição defendida por Darby de que os judeus permanecem “povo escolhido de Deus”, enquanto que a Igreja é apenas “um parêntese”[178] aos futuros planos de Deus para os judeus. O pressuposto implícito é que os judeus continuam a desfrutar de uma relação de aliança especial com Deus, separada da de Jesus Cristo. Isto contradiz João Batista e as próprias demonstrações claras e inequívocas de Jesus em sentido contrário.

> “Produzam frutos dignos de arrependimento. E não comecem a dizer a vocês mesmos ‘Temos Abraão como nosso pai.’ Pois eu lhes digo que destas pedras Deus pode gerar filhos para Abraão. O machado já está na raiz das árvores, e toda árvore que não produza bons frutos será cortada e jogada ao fogo.”(Lucas 3:8-9)
>
> “Abraão é o nosso pai", responderam eles. "Se vocês fossem filhos de Abraão”, disse Jesus, “então vocês fariam as coisas que Abraão fez ... Vocês pertencem a seu pai, o diabo, e vocês querem realizar o desejo de seu pai.” (João 8:39, 44)
>
> "Eu sou o caminho e a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim."(João 14:6)

Por esta razão, Pedro advertiu sua audiência judaica, logo depois do Dia de Pentecostes, que, se eles persistissem em recusar a reconhecer Jesus como seu Messias, eles deixariam de ser o "laos" (povo) de Deus, "Qualquer um que não o escute (a Cristo) será completamente separado de seu povo." (Atos 3:23)

Jesus e os apóstolos repudiaram a idéia de que os judeus continuassem a gozar de um estatuto especial ou um relacionamento separado com Deus para além da fé em Jesus como o Messias. Os sionistas cristãos falham ao não reconhecer que "a escolha" é o dom da graça de Deus em Jesus Cristo a todos os que confiam nEle, independentemente de sua origem racial. No Novo Testamento, o termo nunca é usado exclusivamente em relação ao povo judeu de modo separado aos membros da Igreja. Jesus Cristo é o "escolhido". Na verdade, no Novo Testamento, o termo é sempre usado para se referir à Igreja, o Corpo de Cristo (Efésios 1:11).

> Portanto, como povo escolhido de Deus, santos e profundamente amados, revistam-se de compaixão, bondade, humildade, generosidade e paciência. (Colossenses 3:12)
>
> Mas vocês são um povo escolhido, o sacerdócio real, a santa nação, um povo que pertence a Deus; vocês podem anunciar as virtudes dele que os chamou das trevas para a sua luz maravilhosa. Uma vez que não eram um povo, mas agora vocês são o povo de Deus; uma vez que não tinham recebido misericórdia, mas agora vocês receberam misericórdia. (1 Pedro 2:9-10)

---

[176] Christian Friends of Israel, permanente com Israel, folheto informativo, sd

[177] Jews for Jesus, nossa indicação doctrinal, www.jews-para-jesus.org

[178] David Brickner, Futuro Esperança, Um olhar judaico-cristão, no fim do Mundo, 2 ª ed. (San Francisco, Purple Romã, 1999), p. 18.

Portanto, não é mais apropriado designar os judeus como "o povo escolhido de Deus". O termo foi redefinido para descrever a todos aqueles que confiam em Jesus Cristo.

A Restauração e Ocupação da Terra de Israel

Desde que os sionistas cristãos argumentam que os judeus continuam a ser o povo escolhido de deus, eles também insistem que as promessas relativas à terra feitas a Abraão, Isaac e Jacó ainda se aplicam incondicionalmente e em perpetuidade a seus descendentes físicos. Com base em tais promessas, eles encorajam ativamente os judeus a "regressar" a Sião. O Estado de Israel contemporâneo é visto como evidência de proteção contínua de Deus e seu favorecimento aos judeus. No entanto, insistem que as atuais fronteiras de Israel são apenas uma fração daquelas que Deus quer para os judeus. A extensão geográfica do "Eretz Israel", como Arnold Fruchtenbaum explica, é inegociável e cobre tudo que vai do Egito ao Iraque.

Em nenhum momento na história judaica, os judeus jamais possuíram toda a terra do Eufrates, ao norte, até o rio de Egito, ao sul. Uma vez que Deus não pode mentir, estas coisas deverão ainda vir a passar.[179]

Fruchtenbaum faz essa dedução de sua leitura literalista de Gênesis 15:18. "Naquele dia o Senhor fez um convênio com Abraão e disse: "Aos teus descendentes dou esta terra, desde o rio do Egipto até ao grande rio, o Eufrates." Ao fazer isso, porém, ele ignora o modo pelo qual tanto Josué como Neemias interpretaram a promessa.

Josué insiste, "Assim, Josué tomou toda a terra, assim como o Senhor determinara a Moisés."(Josué 11:23). No final do livro de Josué, a mesma avaliação é repetida, mas mais enfaticamente: "Então o Senhor deu a Israel toda a terra que tinha jurado dar a seus antepassados, e tomaram posse dela e se estabeleceram lá ... Nem uma sequer de todas as boas promessas do Senhor à casa de Israel deixou de ser cumprida, cada uma delas foi cumprida."(21:43-45). É difícil ver como esse cumprimento pode ser reconciliado com as reivindicações futuristas dos dispensacionalistas. Nem Scofield nem Schuyler English indicam notas de rodapé em nenhuma dessas passagens. No entanto, Scofield, como já antes muitos outros dispensacionalistas,[180] baseia sua crença numa terceira restauração em Ezequiel 37 e a visão do vale dos ossos secos.[181] Na seqüência da publicação da Declaração de Balfour, por exemplo, um editorial de CMJ de 1918 foi um dos primeiros a afirmar que um Estado judeu seria o cumprimento da visão de Ezequiel:

> "Acreditamos que estamos realmente vendo que vem a acontecer o que fora profetizado por Ezequiel (cap. 37) viz., o movimento entre "os ossos secos" de Israel, o osso está unindo-se ao osso... Sendo o elemento de união a possibilidade de, num futuro muito próximo, serem autorizados a organizar um Estado judeu em seu próprio país que lhes fora dado por Deus, a Palestina."[182]

---

[179] Arnold G. Fruchtenbaum, "This Land is Mine ', Issues, 2. 4. www.jewsforjesus.org
[180] Lindsey, Late, op.cit., P51.
[181] 60 op.cit Scofield, Scofield,., Fn. 1, P881.
[182] 61 Kelvin Crombie, "CMJ ea Restauração de Israel" Shalom, 1, (1998). Ver também Anne Dexter, "A Eterna Aliança parte 3, exílio e restauração", Shalom, junho (1989), pp10-11.

Com o benefício da retrospectiva, Lindsey também detalha isto, usando maiúsculas para ênfase, no caso de que seus leitores percam o enredo:

> "Ezequiel 37:7-8 ... é a fase um da profecia que prediz a RESTAURAÇÃO FÍSICA da nação, sem vida espiritual, que começou a 14 de maio de 1948 ... Ezequiel 37:9-10 ... é a fase dois da profecia que prevê o RENASCIMENTO ESPIRITUAL da nação DEPOIS de eles terem sido fisicamente restaurados à terra como uma nação ... O Senhor identifica os ossos na alegoria como a representação de "toda a casa de Israel." É cristalinamente claro que isto está literalmente predizendo a restauração e renascimento de toda a nação no momento da vinda do Messias [Ezequiel 37:21-27]."[183]

É difícil conceber como uma interpretação totalmente futurista teria trazido conforto para os judeus exilados na Babilônia, a quem Ezequiel fora enviado para oficiar; no entanto, esta e outras passagens similares fornecem a motivação para o movimento restauracionista hoje.

Scofield alega também que duas passagens do Novo Testamento falam desse terceiro retorno, Lucas 1:30-33 e Atos 15:13-17. Scofield se espraia nestes últimos em que Tiago simplesmente cita a Amos para demonstrar que o Pentecostes tinha sido previsto muito tempo atrás, prometendo que os gentios também iriam buscar o Senhor juntamente com os judeus. "Depois disto, eu voltarei e reconstruirei o tabernáculo caído de David. Suas ruínas eu reconstruirei, para que o resto dos homens busque ao Senhor, e todos os gentios que levem meu nome, diz o Senhor, que faz estas coisas que são conhecidas desde toda a eternidade" (Atos 15:16-18).

Para Scofield, "a dispensacionalidade, esta é a mais importante passagem do Novo Testamento", já que ele alega, "Dá o propósito divino para esta era, e para o início da próxima."[184] Scofield, no entanto, atribui consideravelmente mais a essa passagem do que está lá e obscurece o seu significado mais óbvio e direto. Scofield interpretou a expressão "depois disto" não apenas no sentido de "depois de Tiago" ou mesmo "depois de Pentecostes", mas sim 1900 anos depois, Deus iria algum dia "reconstruir o tabernáculo de David" em um retorno literal e permanente do povo judeu à terra. Ao fazê-lo Scofield ignora o fato de que Tiago está simplesmente apelando a Amos para reivindicar a universalidade do evangelho e os resultados da missão do 1º Século Gentio em particular.[185] Se isso é visto como 'espiritualização' do texto do Antigo Testamento, então, deve-se reconhecer que é Tiago quem assim o faz.[186] Usando a passagem para ensinar um plano pré-determinado e futurista para um Israel nacional, em separado da Igreja, parece ser o oposto do que Tiago pretendia.

Destemidos, no Terceiro Congresso Internacional Cristão Sionista realizado em Jerusalém, em Fevereiro de 1996, sob os auspícios do ICEJ, cerca de 1.500 delegados de mais de 40 países unanimemente afirmaram uma proclamação e afirmação do sionismo cristão que incluíam as seguintes crenças:

---

[183] Op. cit Lindsey Road,., P180. Ênfase no original.
[184] op.cit Scofield, Scofield,., Fn. 1, pp1169-1170
[185] "Naquele dia eu vou restaurar a tenda caída de Davi. Eu vou reparar sua quebrado lugares, restaurar as suas ruínas, e construí-lo como ele costumava ser, de modo que possam possuir o restante de Edom e todas as nações que levar o meu nome ", declara o Senhor, que irá fazer essas coisas. "Os dias estão chegando", diz o Senhor, "Quando o ceifeiro será ultrapassado pelo lavrador e do plantador pelo um pisando as uvas. O vinho novo vai escorrer das montanhas e do fluxo de todos os montes. Vou trazer de volta o meu povo de Israel exilado, eles vão reconstruir o cidades assoladas, e nelas vivem. "(Amós 9:11-13).
[186] Fuller, op.cit., P180. Também James Barr, o fundamentalismo, (Londres, SCM, 1977), P355.

> O Senhor no Seu amor zeloso amor por Israel e o povo judeu abençoa e amaldiçoa os povos e julga as nações com base em seu tratamento do povo eleito de Israel .... De acordo com a distribuição de Deus das nações, a Terra de Israel foi dada ao povo judeu por Deus como uma posse eterna, por uma aliança eterna. O povo judeu tem o direito absoluto de possuir e habitam a terra, incluindo Judéia, Samaria, Gaza e Golan.[187]

Os sionistas cristãos deixam de reconhecer como Jesus universaliza a promessa da terra feita no Salmo 37. "Mas os mansos herdarão a terra e desfrutarão de grande paz." (Salmo 37:11) "Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra." (Mateus 5:5). A mansidão foi sempre uma condição de permanecer na terra , ao passo que a arrogância ou opressão foram motivos para o exílio. Também é significativo notar a forma como os sionistas também devem subestimar os repetidos alertas dos profetas hebreus, que insistem em que a terra pertence a Deus, e que a residência lá é sempre condicional. Por exemplo, "A terra não deve ser vendida a título definitivo porque a terra é minha e vocês não são mais que estrangeiros e meus inquilinos." (Levítico 25:23)

Porque a terra pertence a Deus, ela não pode ser permanentemente comprada ou vendida. Ele não pode ser doada, e muito menos roubada ou confiscada como tem ocorrido nos Territórios Ocupados desde 1967. A Terra nunca está à disposição de Israel para seus fins nacionais. Ao invés disso, é Israel que está à disposição dos propósitos de Deus, os inquilinos na Terra de Deus. Os requisitos éticos para a ocupação de Canaã foram claramente delineados no Levítico.

> Mas vocês devem manter meus decretos e minhas leis. Os nativos e os estrangeiros que vivem entre vocês não devem fazer nenhuma destas abominações, por todas estas coisas foram feitas pelas pessoas que viviam na terra antes de vocês, e a terra tornou-se contaminada. E se vocês contaminam a terra, ele vai vomitá-los como vomitou as nações que estavam aqui antes de vocês. (Levítico 18:24-28)

O profeta Ezequiel amplifica a mesma advertência àqueles inquilinos.

> Assim, diz o Senhor Deus de Israel: Vocês derramaram sangue, e ainda assim vocês manteriam a posse da terra? Vocês confiam em suas espadas, vocês fazem coisas abomináveis... ainda assim iriam manter a posse da terra?... Eu farei da terra um deserto desolado, e sua força orgulhosa chegará ao fim. (Ezequiel 33:25-29)

Com base em tais sóbrias advertências, não seria mais provável que Israel venha a experimentar um exílio iminente, em vez de restauração? A tensão entre os cristãos que defendem a implementação do direito internacional e os sionistas está mais claramente polarizada em relação com a questão do status de Jerusalém do que em qualquer outro ponto.

Jerusalém: A eterna e exclusiva capital judaica

O local e a finalidade de Jerusalém ou "Sião", como ela é chamado às vezes,[188] é profundamente sentida dentro do sionismo cristão. Margaret Brearley insiste, "Jerusalém é o lugar que o Senhor “escolheu para colocar o seu nome”. Lindsey também ressalta que:

---

[187] Congresso International Cristão Sionista. Proclamação Internacional Embaixada Cristã de Jerusalém. 25-29 fevereiro de 1996.

[188] Sião mais especificamente refere-se ao monte na borda ocidental da antiga Cidade de Jerusalém.

"A importância de Jerusalém na história vai infinitamente além de seu tamanho e importância econômica. Desde muito tempo atrás, Jerusalém tem sido a cidade mais importante deste planeta ... Mais profecias foram feitas relacionadas com Jerusalém do que qualquer outro lugar aa terra."[189]

O Novo Testamento, no entanto, não sabe nada desta preocupação nacionalística e materialística com uma Jerusalém terrenal. Em vez disso, por meio da fé em Cristo, nós já habitamos a Jerusalém celestial e ansiamos por sua aparição.

Mas vocês chegaram ao Monte Sião, a Jerusalém celestial, a cidade do Deus vivo. Vocês vieram aos milhares e milhares de anjos em alegre assembléia, à Igreja dos primogênitos, cujos nomes estão escritos nos céus. (Hebreus 12:22-23)

Mas a Jerusalém que está lá em cima é livre, e que ela é nossa mãe (Gálatas 4:26)

Em Gálatas 4, Paulo critica a "Jerusalém-dependência"[190] dos legalistas que estavam contaminando a Igreja na Galácia. Gálatas 4:27 é uma citação de Isaías 54:1 que se refere à Jerusalém terrenal. Paulo agora interpreta a passagem como referindo-se à casa de todos os que crêem em Jesus Cristo.[191] O acesso ao céu não tem mais nada a ver com a Jerusalém terrenal. Jesus já tinha deixado isso claro para a mulher de Samaria.

Creia-me, mulher, está chegando a hora em que você adorará o Pai não nesta montanha nem em Jerusalém. 22 Vocês, samaritanos, adoram o que não conhecem; nós adoramos o que realmente conhecemos, pois a salvação vem dos judeus. 23 Mas, está chegando a hora, e já chegou, quando os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade, pois eles são o tipo de adoradores que o Pai procura. (João 4:21-23)

Quando de seu julgamento, Jesus explicou o porquê. "Meu reino não é deste mundo. Se fosse, os meus servos lutariam para impedir minha detenção pelos judeus. Mas agora o meu reino é de outro lugar."(João 18:36)

Posteriormente ao Pentecostes, sob a iluminação do Espírito Santo, os Apóstolos começam a usar linguagem do Antigo Convênio em relação com a Terra em novas formas.

Assim, por exemplo, Pedro fala de uma herança para Cristãos que vivem no exílio que, ao contrário da terra, "... não pode nunca perecer, estragar ou desaparecer." (1 Pedro 1:4). Paulo, do mesmo modo, afirma: "Agora eu o entrego a Deus e à palavra da sua graça, o que pode o edificar e lhe dar uma herança entre todos os que estão santificados." (At 20:32) Não nenhuma evidência de que os apóstolos acreditassem que o povo judeu ainda tivesse um direito divino a um reino centralizado em Jerusalém, ou que este seria um aspecto importante, para não dizer central, dos propósitos de Deus para o futuro do mundo. Na lógica cristológica de Paulo, a Terra, como a Lei, foram agora substituídas e tornaram-se irrelevantes para os propósitos redentores de Deus.

A contradição entre o fluxo da revelação bíblica no Novo Testamento e a agenda sionista está mais clara do que em qualquer outro lugar na questão do templo judaico. Esta também é a questão mais controversa que une sionistas cristãos com os sionistas judeus mais extremistas.

---

[189] Lindsey op.cit, Israel,., P20.
[190] Peter Walker, Jesus and the Holy City (Grand Rapids: Eerdmans, 1996), p.129.
[191] Walker, Jesus., P. 131.

A reconstrução do templo judaico

Apenas 500 metros por 300 metros, são de acordo com Hal Lindsey, os mais disputados 35 hectares do planeta.[192] "Eu acredito o destino do mundo será determinado por uma rixa antiga sobre 35 hectares de terra."[193] Lindsey é representativo de muitos sionistas cristãos que estão convencidos de que o templo judaico será reconstruído em breve.

> "Com obstáculo ou em obstáculo, é certo que o Templo será ser reconstruído. A profecia exige isso ... Com a nação judaica renascida na terra da Palestina, a Jerusalém antiga, mais uma vez sob total controle judaico pela primeira vez em 2600 anos, e as conversas sobre a reconstrução do Grande Templo, o sinal mais importante de que a iminente vinda de Jesus cristo está diante de nós... É como achar a peça-chave de um quebra-cabeça ... Para todos aqueles que confiam em Jesus Cristo, é uma época de eletrizante excitação."[194]

David Brickner baseia sua convicção em uma leitura futurista de Daniel 9.

> "Obviamente, o Templo foi reconstruído porque Daniel nos diz que este governante põe fim aos sacrifícios e estipula algum tipo de abominação (um horror repugnante que seria um anátema do culto judaico) bem dentro do Templo, em Jerusalém. Em última análise, este governante é destruído em uma conflagração final de enorme proporção."[195]

A convicção de que o templo judaico deverá ser reconstruído é, Ironicamente, o calcanhar de Aquiles do sionismo cristão, pois está inevitavelmente associado também com a reintrodução do sistema de sacrifício Mosaico.

> "Você deverá dar aos sacerdotes um novilho como oferta de pecado, que são Levitas, da família de Sadoc, que se aproximam para oficiar diante de mim, diz o Senhor Deus". (Ezequiel 43:19).

Scofield em sua Bíblia de Referência alegou que os sacrifícios mencionados em Ezequiel 43:19 seriam, no entanto, apenas "oferendas memoriais".

Sem dúvida, essas ofertas serão memoriais, olhando para trás para a cruz, como as oferendas sob o antigo convênio foram antecipatórias, olhando para a frente para a cruz. Em nenhum dos casos os sacrifícios de animais têm o poder de aniquilar o pecado (Hb 10,4; Rom. 3,25).[196]

De fato, o versículo se refere explicitamente ao sacrifício de um "jovem touro como um sacrifício pelo pecado." Se Scofield parece ignorar a questão sugerindo que este é apenas um sacrifício memorial, a nota da Nova Bíblia de Referência Scofield quanto ao mesmo versículo vai mais longe, minando a premissa de toda a hermenêutica do dispensacionalismo.

A referência ao sacrifício não é para ser tomada literalmente, em vista do despojamento de ofertas desse tipo, senão que para ser considerada como uma apresentação do culto da Israel redimida em sua própria terra e no templo milenar,

---

192 Hal Lindsey, Planet Earth 2000 AD (Palos Verde, California, Western Frente, 1994), p. 156.
193 Hal Lindsey, "o destino do mundo pendura FreeRepublic.com 35 acres '21 Fevereiro de 2001.
194 Hal de Lindsey, The Late Great Planet Earth (Londres, Lakeland, 1970), pp. 56-58.
195 Brickner, Futuro.,
196 C. .I.. Scofield, Scofield Reference Bible (Nova York, Oxford University Press, 1945), p. 890.

usando os termos com os quais os judeus estavam familiarizados nos dias de Ezequiel.[197]

Se esta referência especial ao sacrifício em Ezequiel 43 não precisa ser tomada literalmente, então, a distinção ultra-literalista entre Israel e a Igreja colapsa, corroída por suas próprias inconsistências internas.[198] A hermenêutica literalista se opõe à possibilidade de que o sacrifício de um novilho possa ser sinônimo de uma oferta memorial composto de grãos e óleo.[199]

O contexto imediato para a visão de Ezequiel de um templo reconstruído é o prometido retorno dos judeus do exílio na Babilônia, e não algum acontecimento escatológico num tempo muito distante. Isto teria sido totalmente sem sentido para os exilados que ansiavam voltar a Israel. Como poderia Ezequiel estar se referindo a alguma futura idade milenar, quando Jesus Cristo cumpriu o papel do sistema de sacrifícios de uma vez por todas, pelo derramamento de seu próprio sangue.[200] Sugerir que os sacrifícios de animais devem ser reintroduzidos mina a insistência do Novo Testamento de que o trabalho de Cristo é suficiente, final e completo.[201] No entanto, Zahava Glaser alega: "Quando Deus instituiu o sistema de sacrifício, ele foi instituído para sempre."

> “O que a farinha é para o pão, o sistema de sacrifício é para a religião revelada nas escrituras judaicas. Não é um enfeite. Ele não é um tempero. É a própria essência a partir da qual a religião judaica foi construída. Podemos sempre projetar nossos próprios substitutos, mas eles não podem satisfazer os nossos anseios da forma como as próprias disposições de Deus podem ... Poderia haver um judaísmo “apropriado” sem um sacerdócio, um altar, um sacrifício e um lugar na terra onde Deus se encontra com o indivíduo?”[202]

Tal lógica está em desacordo com a maneira em que o Novo Testamento fala do lugar do Templo e sacrifício. Enquanto que Jesus nos alertou sobre a destruição do Templo, ele nunca prometeu que seria alguma vez reconstruído.[203]

Não há, de fato, um único versículo no Novo Testamento que promete que um templo judaico seria reconstruído, que um “parêntese” de 2000 anos devesse ser colocado entre as referências a sua profanação e destruição, ou mesmo que o Templo de Jerusalém teria qualquer papel a cumprir nos propósitos de Deus após a cruz. Os sionistas cristãos devem, portanto, ignorar a forma pela qual o templo é investido com um novo significado no Novo Testamento e torna-se, ao invés, uma imagem da Igreja.

Conseqüentemente, vocês não são mais estrangeiros e estranhos, mas concidadãos com o povo de Deus e membros da casa de Deus, construída sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo o próprio Jesus Cristo sua pedra angular. Nele todo o edifício se junta e se levanta para tornar-se um templo sagrado no Senhor. (Efésios 2:19-21)

---

[197] The New Scofield Reference Bible ed. E. Schuyler Inglês (Nova Iorque, Oxford University Press, 1967), p. 864.
[198] Cornelis P. Venema, The Promise of the Future (Edimburgo, Banner of Verdade, 2000), p. 285
[199] Leviticus 2:2, 9, 16.
[200] Gary deMar, Last Days Madness (Atlanta, American Vision, 1997), p.85.
[201] Hebreus 2:17; Romanos 3:25.
[202] Zhava Glaser, 'Today's Rituals: Lembretes ou Questões Replacements., 8, 3.
[203] John 2:19, Marcos 26:61, 27:40, Marcos 14:58, 15:29.

Como já vimos, Pedro cita diretamente de Êxodo 19 usando a promessa feita sobre um sacerdócio judaico e agora a aplica à Igreja. Ao passo que os israelitas tinham a tribo sacerdotal de Levi, a Igreja torna-se o sacerdócio de todos os crentes.

Mas vocês são um povo escolhido, um sacerdócio real, uma santa nação, um povo que pertence a Deus, que vocês podem anunciar as virtudes daquele que os chamou das trevas para a sua luz maravilhosa. (1 Pedro 2:9)

Além disso, em Hebreus, o autor descreve a oferta de sacrifícios entre a morte de Cristo e a destruição do Templo meramente como uma "ilustração" de, e "cópias" de, realidades celestiais, um "lembrete de pecados", que são incapazes, ao contrário da obra completa de Cristo, de remover o pecado.[204]

O movimento na revelação progressiva da Escritura é sempre a partir do menor para o maior. Nunca é invertida. O Novo Testamento repetidamente vê tais conceitos do Antigo Testamento como o Templo, Sumo Sacerdote e sacrifícios como "tipos" apontando para e cumpridos em Jesus Cristo.[205] A tipologia na Escritura nunca tipifica a si mesma, nem é jamais maior do que aquela que ela tipifica.[206]

Portanto os cristãos que defendem a reconstrução do templo judaico estão em um sistema pré-cristão de sacrifício, superado, tornado redundante e anulado pela obra acabada de Jesus Cristo. O Templo sempre foi apenas um edifício temporário, uma sombra e tipo antecipando o dia em que Deus iria morar com seu povo vindo de todas as nações através do trabalho expiatório do verdadeiro Templo, Jesus Cristo.[207] Se os sionistas realmente reconstruam seu Templo e reinstituam os sacrifícios, isso só confirmará sua rejeição de Jesus. Para que os cristãos os apóiem na crença de que os sacrifícios futuros poderão expiar o pecado é certamente uma apostasia.[208] Não é surpreendente, talvez, que o apoio de cristãos à soberania judaica sobre a Terra, Jerusalém e o Templo do Monte, inflama as tensões entre judeus e árabes.

Esta situação é ainda agravada pela linguagem usada para descrever os árabes e palestinos que se opõem ao sionismo.

Antipatia para os árabes e palestinos

Os sionistas cristãos, enquanto os amantes de Israel, raramente mostram os mesmos sentimentos para com os árabes e palestinos. Preconceitos anti-árabes e estereótipos orientalista são comuns em seus escritos.[209] Comparações entre Hitler e os árabes são comuns.[210] Hal Lindsey, o mais prolífico escritor sionista cristão, insiste:

> "Há muito tempo atrás, o salmista predisse a louca tentativa final de exércitos confederados árabes para destruir a nação de Israel, ... Os palestinos estão determinados a perturbar o mundo até que eles retomem o que eles sentem que é a

[204] Hebrews 9:9, 23, 10:1-3, 11.
[205] John 1:14, 2:19-22, Colossenses 2:9.
[206] John Noe, A Ilusão Israel (Fishers, Indiana, Profecia Reforma Institute, 2000), p. 16.C
[207] John 1:14.
[208] Hebrews 6:4-6.
[209] Edward Said, Orientalism (Nova Iorque, Vintage, 1978)
[210] Jan Willem van der Hoeven, Jerusalém ou Babilônia? (Shippensburg, Pasadena, Destiny Image Publishers, 1993), pp. 132-133.

sua terra. As nações árabes consideram isto uma questão de honra racial para destruir o Estado de Israel."[211]

Rob Richards justifica o regime de apartheid de Israel com base de que os palestinos são o equivalente bíblico dos "estrangeiros residentes" em Eretz Israel, que devem ser respeitados, mas não fazem jus ao mesmo status ou a igualdade de direitos com os judeus. "Os palestinos e árabes que fizeram de Israel sua casa estão abrangidos por aquela palavra bíblica "alien".[212]

Richards ignora o fato de que a maioria dos palestinos não escolheu fazer de "Israel a sua casa". Aqueles com idade superior a 55 anos estavam vivendo em sua própria terra da Palestina muito antes de o Estado de Israel ter sido unilateralmente imposto a eles em 1948. Enquanto que as Nações Unidas são invariavelmente encaradas com desconfiança, Os Estados Unidos e Israel, como gêmeos siameses, são percebidos como opondo-se a um mundo dominado pelo Islã maligno[213], no qual pessoas como Yasser Arafat e Saddam Hussein são manifestações do Anti-Cristo.[214]

Lamentavelmente, estas situações de racismo que demonizam os árabes, e negam aos palestinos o direito fundamental à autodeterminação são difíceis de conciliar com a ética do Novo Testamento. Os seguidores de Jesus Cristo são chamados a ser propugnadores da paz (Mateus 5:9), a amar seus inimigos (Mateus 5:44) e não para não mais considerar os outros de um ponto de vista mundano, mas chegar até a viúva e os órfãos, os pobres, os doentes e os estrangeiros através de um ministério da reconciliação (2 Coríntios 5:16-20). Tragicamente, muitos sionistas cristãos, assim parece, estão mais preocupados com anunciar o Armagedóm do que com a construção da paz.

Ansiosos pelo Armagedóm

Na história da teologia cristã, a especulação relativa à interpretação do Apocalipse 20:1-10 e o significado do milênio levou teólogos a sugerir quatro alternativas:[215] O preterismo ensina que as profecias sobre o retorno de Cristo foram cumpridas em D70. (David Chilton e Max King). O amilenismo ensina que o milênio é simbólico, ou já "realizado'[216], e refere-se ao céu, onde almas que partiram reinarão com Cristo (Agostinho, Lutero, Calvino, Berkhof). O pós-milenismo ensina um período literal ou simbólico de mil anos em que a Igreja triunfa sobre o mal antes da volta de Cristo (George Whitefield, Jonathan Edwards). O pré-milenismo ensina que Cristo retornará para salvar a Igreja do mal e depois reinará na Terra por um período literal de mil anos (Darby, Scofield, Chafer, Ryrie).

A escatologia puritana era essencialmente pós-milenista e, com base em Romanos 9-11, acreditava que a conversão dos judeus levaria a futuras bênçãos para o

---

[211] Lindsey, Israel ea Last Days (Eugene, Oregon, Harvest House, 1983), pp. 38-39.
[212] Rob Richards, tem Deus terminados com Israel? (Crowborough, Monarch / Olive Press, 1994), p. 159.
[213] Merrill Simon, Jerry Falwell e os judeus (Middle Village, Nova York, Jonathan David, 1984), pp. 63-64, 71-72.
[214] Charles Dyer, The Rise of Babylon (Wheaton: Tyndale, 1991)
[215] Stanley J. Grenz, o labirinto do Milênio, a classificação Evangélica Opções (Downers Grove, InterVarsity Press, 1992), Robert G. Clouse, ed., A Significado do Milênio, (Downers Grove, InterVarsity, 1977); Cornelis P. Venema, The Promise of the Future, (Edinburgh, Banner of Truth, 2000), pp189-362.
[216] Ibid., P235.

mundo inteiro. Foi esta visão pós-milenial que, em parte, forneceu a motivação para a expansão dos movimentos missionários da Europa protestante nos séculos 17 e 18.

O final do século 18 e início do século 19, entretanto, viu um movimento dramático de afastamento do otimismo pós-milenista após um longo período de turbulência em ambos os lados do Atlântico.[217] Isto foi associado com a Guerra da Independência Americana (1775-1784), a Revolução Francesa (1789-1793) e as Guerras Napoleônicas (1809 - 1815). Com a queda de várias monarquias européias entre 1804 e 1830, acoplados a tumultos generalizados na Inglaterra, as palavras ameaçadoras de Napoleão, "Eu tenho sempre seguido a sorte e o deus da guerra"[218] pareciam um sinal ominoso do fim do mundo.

A destruição por Napoleão da Igreja Católica Romana na França; sua apreensão dos bens da igreja; a execução de sacerdotes, e o exílio do Papa de Roma, tudo parecia corroborar isto. Estas tensões e convulsões alimentaram o Segundo Grande Despertar, os Renascimentos, associados com Charles Finney; o dispensacionalismo de J. N. Darby, o adventismo, de Joseph Miller, e a fundação das Testemunhas de Jeová por Charles Taze Russell. Como vimos, também trouxe uma renovação do interesse na profecia, que acabou por conduzir a um renascimento do pre-milenismo na linha principal e nas sectárias do evangelicalismo, que tem se mantido como a posição escatológica dominante por mais de um século.

Em nossa própria geração, a "Guerra dos Seis Dias", de 1967, marcou uma importante linha divisória para o interesse cristão em Israel e o sionismo. A maioria dos cristãos sionistas, como Lindsey, Robertson e Falwell subscrevem uma visão premilenial do futuro, pessimista e determinista.

Charles Ryrie primeiro descreveu a Bíblia como "história pré-escrita",[219] enquanto que Charles Dyer vê as dispensações "fornecendo-nos um mapa cronológico para nos guiar".[220] Derek Prince amplifica isto ainda ao afirmar: "O tema central da profecia bíblica ... gira em torno da terra e do povo de Israel."[221] Lindsey popularizou essa idéia de que a profecia bíblica é essencialmente futurista e preditiva revelando os planos futuros de Deus na Terra e, especificamente, em relação ao futuro de Israel. Assim ele afirma: "O centro de toda a previsão profética é o Estado de Israel. Certos acontecimentos na história recente daquela nação provam a exatidão dos profetas. Eles também nos forçam a aceitar o fato de que a "contagem regressiva" já começou.[222]

Por exemplo, sem qualquer hesitação ou dúvida Lindsey insiste,

---

[217] 96 Um pequeno número de teólogos do século 19 pós-milenista continuaram a esposar uma forma de Restauracionismo judaico, mas apenas como uma consequência do povo judeu, chegando à fé em Jesus e ser incorporada dentro da Igreja. Estes incluem Charles Simeon (1759-1836) e David Brown (1803-897), que foi assistente de Edward Irving na Regent Square e que escreveu O Segundo Advento (1849) e a Restauração de Israel, (1861). Erroll Hulse também se identifica com esta posição, a Restauração de Israel, (Worthing, Henry Walter, 1968). Desde o Movimento Restauracionista tornou-se dominado pela aliança entre premilenistas e dispensacionalistas do início do século 19, esta tese tem-se concentrado sobre o seu contributo. O capítulo anterior explorou o início de insinuações de proto-sionismo cristão dentro da Reforma e período puritano, que foi dominado por Postmillennialists. Ver Arnold Fruchtenbaum, Israelology, The Missing Link em Teologia Sistemática, (Tustin, Califórnia, Ariel Ministries, 1989), pp14-122.

[218] Andrew Drummond, Edward Irving e seu círculo, (Londres, James Clarke), p132.

[219] Charles Ryrie, The Living End (Old Tappan, Revell, 1976), p80.

[220] Charles Dyer, The Rise of Babylon, Sinais do fim dos tempos, (Wheaton, Illinois, Tyndale House, 1991), P189.

[221] Prince, Last, op.cit., P54.

[222] Lindsey, 1980, op.cit., P11.

> “E vejam o que está acontecendo no Oriente Médio – piso zero nos acontecimentos do fim dos tempos.... Este falso acordo de paz no Oriente Médio, portanto, apenas garante que, eventualmente, haverá um holocausto termonuclear no Oriente Médio ... Isto parece equivaler às previsões em Apocalipse... Marquem minhas palavras. Vai acontecer.”[223]

> “Vamos falar sobre a III Guerra Mundial ... Quase podemos ver a escrita na parede... Isso soa como um cenário que poderia acontecer num futuro muito próximo? Talvez em quase qualquer minuto? Pode apostar que sim.”[224]

Os títulos dos livros de Lindsey são típicos de muitos outros escritores sionistas cristãos ao mostrar uma ênfase crescentemente exagerada e quase patológica do apocalipse, sobre a morte e o sofrimento, tanto mais quando o ano 2000 estava se aproximando. O penúltimo livro de Lindsey, A Batalha Final, inclui o seguinte: “Nunca antes, em um só livro, houve uma apresentação tão completa e detalhada dos eventos que nos estão conduzindo à ‘Batalha de Armagedóm’.”[225]

Às vezes, as descrições de Lindsey do sofrimento inerente neste cenário mais terrível de um holocausto nuclear são insípidas, se não repulsivas. "O homem praticamente esgotou seu arsenal. Sobram poucas lança-bombas, mas não muito para acioná-las. Pelo menos quatro bilhões de pessoas morreram apenas nos primeiros 14 Julgamentos. Agora é a vez de Deus.”[226]

Lindsey, juntamente com pessoas como Jack Van Impe, oferecem mapas gráficos mostrando os futuros movimentos militares dos exércitos estadunidenses, russo, chinês e exércitos africano; assim como caravanas navais que eles dizem que tomarão parte uns contra os outros na Batalha de Armagedóm.[227]

Ao visualizar as profecias desta forma, Lindsey e Van Impe extraem previsões sobre o futuro a partir da aliança contextual em que as profecias foram originalmente feitas. A visão de Lindsey está em desacordo com os próprios profetas hebraicos que cconsistentemente salientam que sua intenção era chamar o povo de Deus de volta aos termos de seu relacionamento do convênio, e não revelar fatos arbitrários e dissimulados sobre eventos futuros. A autêntica profecia bíblica é sempre condicional ao invés de fatalista. As promessas e advertências estão condicionadas à forma como as pessoas respondem às instruções de Deus. Por conseguinte, às vezes, as profecias não se realizaram. Por exemplo, quando Miquéias predisse que Jerusalém seria "arada como um campo" e "se tornaria um monte de escombros", suas advertências levaram ao arrependimento e à renovação sob o Rei Ezequias. “Como resultado, o Senhor reteve o julgamento que Ele tivera em mente” (Miquéias 3:12; Jer. 26:17-19).[228] O mesmo princípio é visto na história de Jonas.[229]

Supõe-se, portanto, que Lindsey tem mais em comum com os falsos profetas que adulavam o povo com promessas de paz e prosperidade sem especificar as precondições de arrependimento e fé para a efetivação do convênio.[230] Ao tratar a profecia como

---

[223] Lindsey, Planeta., Pp. 243-244.
[224] Lindsey, Planeta., P. 255.
[225] Hal Lindsey, A Batalha Final (Palos Verdes, Califórnia, Frente Ocidental, 1995) capa, frente.
[226] Lindsey, Planet Earth: The Final Chapter, p. 254.
[227] Hal Lindsey, The Late Great Planet Earth (Londres, Lakeland, 1970), p. 155; Louis Goldberg, Turbulência sobre o Oriente Médio (Neptune, Nova Jersey, Loizeaux Brothers, 1982), p. 172.
[228] Ibid., Pp52, 53.
[229] Jonas 4:1-3, 10-11.
[230] Van der Waal, op.cit., P51.

determinista e “história pré-escrita”, Lindsey legitimiza as reivindicações territoriais unilaterais de Israel, enquanto que ignora a natureza condicional da relação da aliança.

Tais presunções literalistas excluem qualquer possibilidade de uma leitura alternativa da Bíblia, da história ou um desfecho justo e duradouro na busca da paz no Médio Oriente.

Conclusões: Uma teologia do sionismo cristão

Como vimos no primeiro capítulo, o sionismo cristão como movimento nasceu no evangelicalismo britânico no século 19, e tornou-se institucionalizado através do dispensacionalismo na linha principal do evangelismo estadunidense do século 20. Este segundo capítulo procurou demonstrar que, enquanto os evangélicos podem ter dado à luz ao sionismo cristão, é hora de olhar novamente para a sua filiação e reavaliar se eles são realmente relacionados.

Satiricamente, Kenneth Cragg resume as implicações da exclusividade étnica do sionismo cristão:

> É assim, Deus escolheu os judeus, a terra é deles por dádiva divina. Estes ditados não podem ser questionados ou resistidos. Eles são finais. Tais vereditos vêm infalivelmente de biblicistas cristãos para quem Israel não pode fazer nada errado, estando assim fortificado. Mas pode esse positivismo, essa finalidade inquestionável, ser compatível com a integridade dos próprios Profetas? Isto certamente não pode se encaixar com a abertura do termo Povo de Deus que é o cerne da fé do Novo Testamento. Também não se pode muito bem ser conciliado com as exigências éticas centrais para tanto para a lei como para a escolha.[231]

O sionismo cristão só prospera em uma hermenêutica futurista e literal quando as promessas do Antigo Testamento feitas ao antigo povo judeu são transpostas para o Estado de Israel contemporâneo. Para fazer isso, é necessário ignorar, marginalizar ou intersectar o Novo Testamento, que reinterpreta, anula e cumpre aquelas promessas em e por meio de Jesus Cristo e seus seguidores. Isto fica mais do que evidente em Gálatas 4, onde aprendemos que não devemos mais considerar judeus incrédulos como descendentes de Sarah e Isaac, mas de Hagar e Ismael.

> “Digam-me, vocês que querem estar debaixo da lei, vocês não estão cientes do que diz a lei? Pois está escrito que Abraão teve dois filhos, um da mulher escrava e outro da mulher livre. Seu filho da mulher escrava nasceu do modo ordinário, mas o filho da mulher livre nasceu como resultado de uma promessa. Essas coisas podem ser tomadas no sentido figurado, pois as mulheres representam dois convênios. Um pacto é o do Monte Sinai e gera filhos que vão ser escravos: Esta é Agar. Agora Agar representa o monte Sinai na Arábia e corresponde à atual cidade de Jerusalém, porque ela está em escravidão com seus filhos. Mas a Jerusalém que está em cima é livre, e ela é nossa mãe ... Agora vocês, irmãos, como Isaac, são filhos da promessa.” (Gálatas 4:21-28)

As promessas feitas a Abraão, Isaac, Jacó e José devem agora, portanto, ser entendidas como cumpridas apenas através daqueles que seguem Jesus Cristo. Só eles são designados os verdadeiros filhos de Abraão e Sara. Os judeus que rejeitam a Jesus Cristo estão fora do convênio da graça e devem ser considerados como filhos de Agar.

[231] Kenneth Cragg, The History árabe cristã no Oriente Médio. (Londres, Mowbray, 1992) p. 238.

Paulo toma as palavras de Sarah de Gênesis 21:10 e as aplica para os judaizantes que estavam corrompendo a fé da Igreja na Galácia.

> Livrem-se da escrava e seu filho, pois o filho da mulher escrava nunca vai participar da herança com o filho da mulher livre. (Gálatas 4:30)

Essa injunção talvez devesse também ser aplicada hoje para aqueles que demonstram as mesmas tendências legalizantes dentro do sionismo cristão. Com sensibilidade e compaixão, nós somos ordenados a partilhar a nossa fé em Jesus, orando para que nossos amigos judeus encontrem seu Messias e completem sua fé. No entanto, qualquer sugestão de que eles continuam a ter um status especial diante de Deus, um pacto separado e contínuo, ou direitos exclusivos sobre as terras do Oriente Médio, é, nas palavras de John Stott, "anátema bíblico."[232]

A questão fundamental que os sionistas cristãos devem portanto responder é esta: Que diferença a vinda de Jesus Cristo fez para as esperanças judaicas tradicionais e expectativas sobre a terra? Nós não podemos interpretar o Antigo Convênio como se a vinda de Jesus fizesse pouca ou nenhuma diferença às aspirações nacionalistas e territoriais do judaísmo do século 21. No processo da história redentora um movimento dramático foi feito do tipo à realidade, da sombra à substância.

Como foi mostrado, Hebreus 8:13 nos fornece não só a chave hermenêutica para refutar o caso dos sionistas cristãos, mas também explica a veemência de Paulo quanto às tendências judaizantes que corrompiam a Igreja na Galácia.

Ao chamar este convênio de "novo", ele tornou o primeiro obsoleto, e o que é obsoleto e está envelhecendo irá desaparecer em breve. (Hebreus 8:13)

A destruição do templo e o sistema de sacrifícios em 70 AD cumpriram aquela predição. A escolha, desde então, tem sido entre duas teologias. Uma baseada nas sombras do Antigo Testamento e outra baseada na luz do Novo Testamento O sionismo cristão é uma teologia exclusiva que dirige seu foco aos judeus na terra, em vez de ser uma teologia inclusiva centrada em Jesus Cristo, o Salvador do mundo.

Como veremos no capítulo seguinte, o sionismo cristão fornece um endosso teológico para o apartheid e os abusos dos direitos humanos, ao invés de uma teologia da justiça, da paz e reconciliação que estão no coração da Nova Aliança.

---

[232] John Stott, citado em Dom Wagner, Ansiosos por Armageddon (Scottdale, Herald Press, 1995) p. 80.

CAPÍTULO TRÊS

A Agenda Política do Sionismo Cristão

> "O objetivo deste livro é alertar sobre uma rápida expansão novo movimento na Igreja que está sutilmente introduzindo os mesmos erros que, eventualmente, e inevitavelmente, conduziram a séculos de atrocidades contra os judeus e culminou no Holocausto do Terceiro Reich ... Eles estão estruturando um sistema filosófico que vai resultar em anti-semitismo ".[233]

Em seu livro controverso, Estrada para o Holocausto (Road to Holocaust), Hal Lindsey iguala aqueles que rejeitam o dispensacionalismo com os nazistas porque, a partir de sua perspectiva, ambos negam aos judeus qualquer identidade separada ou destino futuro dentro dos propósitos de Deus. Nos dois capítulos anteriores examinamos as raízes históricas e a base teológica do sionismo cristão. Neste capítulo final, quero apresentar as suas conseqüências políticas. Os sionistas cristãos estão implacavelmente opostos ao atual “Roteiro para a paz no Oriente Médio” e podem muito bem estar contribuindo para o próprio holocausto no Oriente Médio que eles predizem.

Nós vamos examinar seis maneiras pelas quais a teologia sionista cristã foi traduzida em ação política: Este esquema ilustra a correlação entre suas doutrinas distintivas e sua agenda política.

Doutrina	**Prática**
Povo escolhido	Defendendo Israel
Restauracionismo	Facilitando o programa de Aliyah
Eretz Israel	Apoiando os assentamentos na Cisjordânia
Jerusalém	Fazendo lobby por seu reconhecimento internacional
Templo	Financiando a reconstrução do Templo
O futuro	Opondo-se à paz e apressando o Armagedóm

O Povo Escolhido: Apoio ao Colonialismo Israelense

A convicção de que o povo judeu permanece sendo o "povo escolhido" de Deus, de algum modo separado da Igreja, está profundamente enraizada no sionismo cristão. Um levantamento recente da revista Christianity *Today* sobre a opinião evangélica em relação a Israel dá uma indicação da força do sionismo cristão nos Estados Unidos. A

[233] A Batalha Final (Palos Verdes, Califórnia, Frente Ocidental, 1995), de volta página & P. 3.

pesquisa revelou que 24% acreditam que “o mandato bíblico para os cristãos é de apoiar o Estado de Israel.”[234] Isto se expressa numa variedade de maneiras:

Defendendo Israel

Após a Guerra dos Seis Dias em 1967, independentemente do apoio dado pelo governo dos Estados Unidos, Israel vem sido amplamente isolado dentro da comunidade internacional. Hal Lindsey lamenta:

> “Até o momento da Conferência de Madrid de 1991, os árabes foram "chamados" para "cumprir", "desistir", "abster-se" etc., quatro vezes. Israel foi "mandado", "ordenado", etc, a cumprir decisões da Assembléia Geral trezentas e cinco vezes. A ONU votou seiscentas e cinco resoluções entre sua formação e a Guerra do Golfo. Quatrocentos e vinte e nove dessas resoluções ou, sessenta e dois por cento do total das resoluções da ONU, foram contra Israel ou os seus interesses.”[235]

Citando Isaías 40, os sionistas cristãos vêem seu papel de “confortar, confortar meu povo, diz o teu Deus.” Assim, por exemplo, em outubro de 2000, poucos dias depois da visita provocativa de Ariel Sharon ao Haram al-Sharif, que foi deliberadamente programada para prejudicar o governo de Barak na negociação com Arafat sobre uma Jerusalém compartilhada,[236] e provocou a segunda intifada, um anúncio publicado no *New York Times* intitulado “Carta Aberta aos Cristãos Evangélicos de Judeus para Jesus”. Nela, faziam um chamado aos evangélicos para expressar solidariedade com o Estado de Israel naquele momento crítico:

> “Agora é a hora de ficar com Israel. Queridos Irmãos e Irmãs em Cristo, nossos corações estão pesados ao vermos as imagens de violência e derramamento de sangue no Oriente Médio ... Amigos cristãos, “as dádivas e a convocação de Deus são irrevogáveis" (Romanos 11:29). Assim, nosso apoio para a sobrevivência de Israel nesta hora escura deve ser irrevogável. Agora é o momento para que os cristãos fiquem do lado de Israel.”[237]

O lobby Israelense no Capitólio

Até a década de 1980, a política dos EUA para o Oriente Médio foi em grande parte periférica à ameaça global maior representada pelo comunismo soviético. A proteção da Europa Ocidental através da OTAN foi uma prioridade maior. O colapso do comunismo, no entanto, criou um vácuo de poder no Oriente Médio, que os E.U.A. preencheram. Após a Guerra do Golfo para libertar o Kuwait e, mais recentemente, o Afeganistão do Taleban e o Iraque do Partido Baath de Saddam Hussein, os E.U.A. vêm

---

[234] Citado em Prior, op., P143.

[235] 3 Hal Lindsey, "a ONU e Israel" Intelligence Briefing, 29 Outubro (1998): http://www.iib-report.com/pages/transcripts/10.29.98/oct29.htm. Ênfase no original.

[236] Em julho de 2001, o Conselho Rabínico da Judéia, Samaria e Gaza convida todos os rabinos a trazer as suas comunidades para visitar o Monte do Templo. Esta foi a primeira vez que um grupo de rabinos que representam uma parte significativa da comunidade religiosa judaica determinou que era permitido aos judeus subir o Monte do Templo. Anteriormente, este havia sido proibido judeus ortodoxos. Os rabinos também solicitaram ao Conselho Yesha de assentamentos judaicos a organizar visitas massivas ao Monte do Templo dos assentamentos que compõem a ala mais à direita dos judeus religiosos. Ver N. Shragai, 'Rabinos para a chamada Total de massa para o Monte do Templo ", Ha'aretz, 19 de Julho (2001).

[237] 'Carta Aberta aos cristãos evangélicos de judeus para Jesus: Agora é o Time to Stand com Israel. "The New York Times, 23 de Outubro (2000).

aumentando significativamente a sua influência no Oriente Médio. Muitos asseveram que a política externa dos E.U.A. tornou-se distorcida através da influência desproporcional do lobby sionista. O analista político Michael Lind resume as formas com as quais o lobby israelense tem distorcido a política externa estadunidense:

> "A ocupação da Cisjordânia e de Gaza por Israel, viabilizada pelas armas e o dinheiro dos Estados Unidos, inflama atitudes anti-estadunidenses nos países árabes e muçulmanos. A expansão dos assentamentos israelenses em terras palestinas faz uma paródia do compromisso dos E.U.A. com a autodeterminação para Kosovo, Timor Leste e Tibete. Além da região, a política dos E.U.A. sobre a proliferação de armas nucleares é prejudicada pelo uso de dois pesos e duas medidas, que faz com que ignorem o programa nuclear de Israel, ao passo que condenam os da Índia e do Paquistão."[238]

A direita cristã veio dar forma à política externa dos E.U.A. principalmente através da eleição de Ronald Reagan em 1980. A vitória dele sobre Jimmy Carter deu um impulso considerável à causa sionista cristã. Wagner afirma que "sua eleição trouxe à tona não somente o governo mais pró-Israel da história, mas deu a vários sionistas cristãos proeminentes cargos políticos." Ele salienta que, além do Presidente dos E.U.A., aqueles que aderiam a uma teologia futurista premileniar e endossavam o sionismo cristão incluíam o Procurador Geral Ed Meese, o Secretário de Defesa, Casper Weinberger, e o Secretário do Interior James Watt.[239] Os seminários da Casa Branca tornaram-se uma característica regular da administração Reagan, colocando líderes sionistas cristãos como Jerry Falwell, Mike Evans e Hal Lindsey em contato pessoal com os líderes nacionais e do Congresso.

No mesmo ano, a Embaixada Cristã Internacional, Jerusalém, foi fundada com a finalidade de coordenar "as atividades diretas de lobby político em cooperação com o governo israelense."[240] Um de seus principais objetivos é ver a remoção dos escritórios da OLP em países ocidentais e a transferência da embaixada dos E.U.A. de Tel Aviv para Jerusalém.[241]

A Coalizão para a Unidade Nacional por Israel (NUCFI) é, provavelmente, a maior e mais influente rede de sionistas cristãos formada nos E.U.A. Fundada por Esther Levens, em Kansas, em 1994, a NUCFI compreende agora uma ampla coalizão de 200 organizações judaicas e cristãs diferentes e autônomas, que representam 40 milhões de membros "dedicados a um Israel seguro."[242] Sua estratégia principal é a de fazer lobby junto à mídia dos E.U.A. e o establishment político, para desafiar o que eles chamam de "desinformação e propaganda" e expressar "a verdade sobre Israel." A NUCFI inclui três das maiores organizações sionistas cristãs: Pontes para a Paz, A Embaixada Cristã Internacional e Cristãos por Israel.

O poder do lobby pró-israelense, que garante que Israel continue a receber mais de 3 bilhões de dólares anualmente dos E.U.A., em subvenções, empréstimos e subsídios, pode ser aferido pelo fato de que George Bush Snr. foi o último presidente dos Estados Unidos a criticar Israel em público. Durante a Guerra do Golfo, ele enfureceu o lobby pró-Israel, ao exercer pressão sobre Israel para não retaliar contra os

---

[238] Michael Lind, "The Israel Lobby", Prospect, abril (2002).
[239] Donald Wagner, "Beyond" Armageddon "," link, Nova York, os americanos para o Oriente Médio Entendimento; outubro-novembro (1.992), p5.
[240] Wagner, ansioso., Op.cit., P107.
[241] Ibid., P108.
[242] http://www.israelunitycoalition.com

ataques do Iraque e prometeu aos parceiros da coalizão árabe que ele trataria da questão palestina. Em setembro de 1991, ele se queixou de que: "Há 1.000 lobistas na colina hoje fazendo lobby para que o Congresso aprove garantias de empréstimo para Israel, e eu sou um carinha solitário por aqui pedindo ao Congresso para adiar a consideração das garantias de empréstimo por 120 dias."[243]

Lind salienta que o lobby pró-israelense também foi responsável por encorajar "o maior abuso do poder de indulto presidencial na história estadunidense", quando Bill Clinton, em seu último dia no cargo, polemicamente perdoou a Mark Rich, o bilionário foragido incluído na lista dos 'mais procurados' do FBI. Em um artigo no *New York Times* em fevereiro de 2001, Clinton explicou que o tinha feito por Israel:

> "Muitos atuais e ex-funcionários israelenses de alto nível dos dois maiores partidos políticos e líderes das comunidades judaicas nos Estados Unidos e na Europa pressionaram pelo perdão ao Sr. Rich por causa de suas contribuições e serviços a causas caritativas israelenses, aos esforços do Mossad para resgatar judeus de países hostis, e ao processo de paz por meio do patrocínio de programas educacionais e de saúde em Gaza e na Cisjordânia."[244]

O lobby pró-Israel também é acusado de envolvimento na escolha, designação e demissão de funcionários do governo dos E.U.A. e nomeados.[245] Em 1980, o ex-embaixador dos E.U.A. em Qatar, Andrew Killgore, ao escrever em *The Washington Report on Middle East Affairs*, fez a seguinte crítica ao lobby israelense:

> "É errado e perverso que elementos fanáticos, dentro dos dois e meio por cento de nossa população que são judeus, mantenham o Congresso refém... Os Estados Unidos devem considerar a progressão israelense de penetração à direção da política externa dos E.U.A. como trabalho de mestres do crime."[246]

Com a formação do NUCFI reunindo 200 várias organizações cristãs e judaicas, é improvável que o poder do lobby pró-israelense venha, de alguma forma, a diminuir num futuro previsível. Os sionistas cristãos também têm sido influentes em forjar um relacionamento mais estreito com Israel ao facilitar turismos de solidariedade à Terra Santa.

Turismos de Solidariedade a Israel

Desde 1967, após a captura dos mais importantes lugares bíblicos associados à peregrinação da Jordânia e Síria, Israel vem sistematicamente explorando aquilo que Shirley Eber descreve como uma lucrativa "mina de ouro turística",[247] e fez do turismo um instrumento de propaganda.[248] O maior sucesso de Israel, no entanto, foi o de alistar líderes evangélicos estadunidenses tais como Pat Boone e Jerry Falwell como aliados na promoção de turismos de solidariedade pró-Israel. Por exemplo, os *Friendship Tours* (Turismos da Amizade) a Israel, promovidos por Falwell, incluem não apenas encontros

[243] Lind, op.cit.
[244] Ibid.
[245] Ibid.
[246] Ibid.
[247] Shirley Eber, "Getting Stoned em férias: Turismo na linha de frente". Em Focus: Tourism Concern. 2, Outono (1991), PP4-5.
[248] Glen Owen 'Turistas avisados para evitar focos. "The Times, 14 de agosto (1997), p2.

com funcionários de primeiro escalão do governo e das forças militares israelenses, mas também:

> ... Passeios aos modernos campos de batalha israelenses... Visita oficial a uma instalação de defesa israelense... posições militares estratégicas, mais experiência de primeira mão sobre a batalha que Israel enfrenta como nação.[249]

Porém, os sionistas cristãos não estão satisfeitos de apoiar o estado de Israel só política e financeiramente. Eles também estão ativos na persuasão de judeus na emigração a Israel.

Restauracionismo: Facilitando o Aliyah da Rússia e da Europa Oriental

Os sionistas cristãos estão convencidos de que é a vontade de Deus que o povo judeu retorne a Israel, uma vez que ele foi dado em perpetuidade aos descendentes de Abraão. Com a queda do comunismo na ex-União Soviética e Europa Oriental, os sionistas cristãos tornaram-se crescentemente ativos na facilitação de aliyah por emigrantes judeus.[250]

Por terra e mar: Da Restauração ao Transporte

Desde 1980, uma coligação de agências sionistas cristãs vem tomando a iniciativa de encorajar o povo judeu a emigrar a Israel, vendo isto como o cumprimento da profecia. Exobus foi provavelmente a primeira agência sionista cristã a fazer da doutrina do restauracionismo uma realidade e ajudar os judeus na ex-União Soviética a fazer aliyah. Fundada em 1984 por Phil Hunter e baseada em Hull, Inglaterra, a primeira equipe de Exobus foi enviada à Ucrânia em 1991. Desde então, eles proporcionaram ajuda a mais de 56.000 judeus para emigrar a Israel, em estreita cooperação com a Agência Judaica. Exobus deve ser também a maior agência cristã na facilitação do aliyah, englobando uma equipe de 80 membros, vindo de 13 países e operando 40 veículos que transportam aproximadamente 1.200 judeus por via terrestre de 16 diferentes bases na ex-União Soviética a cada mês.[251]

Desde 1991, a ICEJ (Embaixada Internacional Cristã – Jerusalém) também já pagou pelo transporte de 40.000 imigrantes, 15.000 dos quais foram levados a Israel em 51 vôos fretados pela ICEJ.[252] A equipe russa da ICEJ é especialmente ativa nas regiões mais remotas da ex-União Soviética. Eles localizam os judeus, persuadem-nos a emigrar, ajudam-nos a obter os documentos que provam suas origens judaicas, distribuem pacotes humanitários e pagam as taxas de saída, passaportes, débitos de repagamento, transporte e acomodação.[253] Chegando a Israel, a ICEJ, assim como a

---

[249] Don Wagner, 'Beyond Armageddon'. O Link (norte-americanos para o Médio Oriente Understanding) vol. 25 n º 4 outubro / novembro (1992), p. 3.

[250] Aliyah significa "subir" e é usado para descrever a subida para Jerusalém em peregrinação. O governo de Israel minimiza a participação de cristãos em trazer os judeus da ex-URSS. Brearley alega que apenas 2% do orçamento judaico da Agência "transporte aéreo" de imigrantes Soviéticos foi contribuído por sionistas cristãos. Isso só inclui as doações feitas diretamente para Agência Judaica. Margaret Brearley, 'Jerusalém para cristãos sionistas "em Jerusalém, Passado e Presente nos propósitos de Deus, editado por PWL Walker (Croydon, Deo Gloria Trust, 1992), p112; http://www.christiansforisrael.org

[251] http://www.christiansforisrael.org

[252] Patricia Montes, «On Wings of Jerusalém Faith 'Post, 20 de Dezembro de 2001.

[253] Ibid.

BFP (Bridges for Peace) dão assistência aos imigrantes em seus custos de reassentamento, alimentação, roupas, cobertores, utensílios de cozinha e escola, assim como medicamentos.[254]

Eretz Israel: Sustentando os assentamentos na Cisjordânia

Para o sionismo religioso, judeu e cristão, as fronteiras legítimas de Israel são consideravelmente mais amplas do que as atualmente disputadas com a Síria, a Jordânia e a Autoridade Palestina.

O envolvimento cristão na concretização do Eretz Israel inclui a justificação da extensão destas fronteiras; a adoção política do programa de assentamentos; e o apoio econômico ao movimento dos colonos.

Justificando a Eretz Israel

David Allen Lewis, presidente de Christians United for Israel (Cristãos Unidos por Israel), coloca as reivindicações territoriais de Israel dentro do contexto mais amplo do Oriente Médio. Ele observa que: "Os árabes já têm 99,5% da terra... isso não pode ser tolerado."[255] Ecoando a experiência dos israelitas sob o reino do Faraó, Jan Willem van der Hoeven oferece uma explicação teológica para a vitória de Israel em 1967 e a justificação para sua recusa a retirar-se das "terras bíblicas judaicas".[256]

> "Deus quis dar a Seu povo aquela parte da terra que eles não tinham recebido em 1948. O resultado daquilo que ficou conhecido como A Guerra dos Seis Dias foi que a Judéia e a Samaria – coração da Israel bíblica – foram devolvidas a seus donos originais... Deus tem Sua própria maneira soberana de cumprir Sua palavra e promessa."[257]

Em resposta aos apelos internacionais para que Israel devolva a Cisjordânia, Bridges for Peace faz a seguinte pergunta retórica: "O que há de tão sagrado em relação à linha de 4 de junho de 1967?" Nada, eles argumentam, uma vez que historicamente tudo isto era parte da Israel bíblica e "legitimamente conquistada em batalhas defensivas em 1967 e 1973".[258] Esta convicção de que toda a Cisjordânia é parte integral de Israel levou muitos sionistas cristãos a "adotar" assentamentos judeus exclusivos a fim de reforçar sua reivindicação da terra.

Adotando os Assentamentos

Desde 1967, usando vários incentivos econômicos e fiscais, assim como apelando à retórica bíblica, Israel encorajou mais de 400.000 judeus a colonizar Jerusalém Oriental, a Cisjordânia, Gaza e as colinas de Golan, através de 190

---

[254] Wagner, op.cit., P108; Golan, op.cit.
[255] David Allen Lewis, "cristão sionista" Teses ", cristãos e Israel, (Jerusalém, Embaixada Cristã Internacional de Jerusalém, 1996), p9.
[256] op.cit Lindsey, Final,., P122.
[257] Jan Willem van der Hoeven, Jerusalém ou Babilônia? (Shippensburg, Pasadena, Destiny Image Publishers, 1993), p151.
[258] Pontes para a Paz 'The Golan Heights Déjà vu', Despacho de Jerusalém, Setembro (1999), pp10-11.

assentamentos ilegais.[259] Várias organizações sionistas cristãs deram seu completo apoio à judaização dos Territórios Ocupados. *Jews for Jesus*, por exemplo, compare os assentamentos israelenses em território palestino com a colonização do Texas pelos Estados unidos. A *Christian Friends of Israeli Communities* (CFOIC), fundada por Ted beckett em 1995, trabalha em associação com a *Christian Friends of Israel* (CFI) e define os assentamentos assim:

> "Uma porção de terra onde bravos pioneiros judeus assumiram morar. Na maioria dos casos trata-se de colinas rochosas estéreis onde ninguém tinha habitado por milhares de anos. Em alguns casos, como Shiloh, os assentamentos são estabelecidos no lugar original de uma antiga cidade judaica. Em outros, como Hebrón e Gush Etzion, uma comunidade judaica é estabelecida no local de uma comunidade destruída pelos exércitos árabes durante ou antes da Guerra de Independência de Israel."[260]

Até o momento, CFOIC diz que 39 assentamentos israelenses ilegais foram adotados por 50 igrejas dos E.U.A., África do Sul, Alemanha, Holanda e Filipinas. Ariel, por exemplo, foi adotado por Faith Babel Chapel, de Arvada, Colorado; Hebrón por Greater Harvest, Tallahassee, Florida; Alei Zahav por Calvary Chapel, Nashville; Revava por United Methodist Church, Green Forest, Arizona; e Psagot por Tarzana Baptist Chapel, Tarzana, California. A fim de reforçar a reclamação dos colonos pela terra, CFOIC publica mapas em seu portal na internet, mostrando as poucas áreas da Cisjordânia devolvidas à Autoridade Palestina. CFOIC lamenta "a partição" da terra como sendo "a realidade do processo de paz" para aqueles que vivem na terra que Deus prometeu aos descendentes de Abraão, Isaac e Jacó para sempre!" [261] Os sionistas cristãos não apenas tomaram uma posição clara na justificação dos assentamentos israelenses ilegais na Cisjordânia, seu programa de "adoção" também pretende ser um meio pelo qual a assistência financeira e o apoio prático aos colonos possam ser viabilizados.

Financiando os Colonos

Além de facilitar a emigração de judeus a Israel, várias agências sionistas cristãs se empenham em financiar assentamentos judeus ilegais na Cisjordânia. Durante a celebração da Festa dos Tabernáculos, da ICEJ, em 1991, por exemplo, representantes de 12 países ofereceram cheques ao Primeiro Ministro, Yizhak Shamir, para ajudar a financiar os assentamentos.[262] Através de seu "Programa de Assistência Social", a ICEJ também fornece apoio financeiro para projetos nos assentamentos judaicos, inclusive de coletes a prova de balas a fim de aumentar a decisão dos colonos, que vivem entre o que eles descrevem como "três milhões de palestinos hostis".[263] Ao apelo da ICEJ para conseguir os coletes a prova de balas para Efrat, soma-se a campanha para levantar $ 150.000 para comprar um ônibus blindado para transportar os colonos de e para a

---

[259] Assentamentos israelenses nos territórios ocupados "Fundação para o Médio Oriente East Peace, Março (2002). FMEP lista de 190 assentamentos, com uma população total de 213.672 na Cisjordânia e em Gaza; 170.400 em Jerusalém Oriental, e 17.000 nas Colinas de Golã, perfazendo um total de 401.072 colonos base. Os dados são de 2001.
[260] http://www.cfoic.com
[261] Ibid.
[262] http://www.cfoic.com
[263] International Christian Embassy, http://www.icej.org.il/about.html: Life in the Settlement, Word from Jerusalem, May (2002), p.7.

Cisjordânia a partir do assentamento de Efrat.[264] Bridges for Peace (BFP) tem um esquema semelhante chamado "Operação Ezra", que financia mais de 50 projetos de outra forma insustentáveis, como a fazenda assentamento Sde Bar, perto de Beit Jala e Herodian.[265] CFOIC apela aos cristãos a orar pela "segurança dos colonos judeus e para que os incidentes terroristas cessem (e) que a entrega de terra a OLP seja revertida".[266]

Parte integral desta estratégia é Jerusalém e a progressiva judaização, ocupação e colonização da Jerusalém Oriental árabe e a Cidade Velha. Para o sionismo não pode haver nenhum compromisso uma vez que controlar Jerusalém sempre foi um barômetro de sua existência como nação.

Jerusalém: Fazendo lobby pelo reconhecimento internacional

No centro do apoio sionista cristão às reivindicações de Israel pelos Territórios Ocupados está a convicção de que Jerusalém é, e deverá permanecer sendo, a capital exclusiva e indivisível do povo judeu. As tentativas feitas até agora para se chegar a um acordo no conflito mais amplo entre Israel e Palestinos têm tropeçado na questão do status final de Jerusalém. Os sionistas cristãos se opõem tenazmente a qualquer proposta de soberania conjunta ou da criação de uma capital palestina em Jerusalém Oriental.

Ainda em 1984, a ICEJ enviou um representante, Richard Hellman, para testemunhar ante a Comissão do Senado para Relações Exteriores, em Washington, e pressionar os E.U.A. a mudar sua embaixada de Tel Aviv a Jerusalém, e reconhecer a cidade como a capital de Israel.[267] Jerry Falwell e o lobby do AIPAC (*American Israeli Public Affairs Committee*) também se expressaram em favor de tal iniciativa. O senador Bob Dole, mais tarde, introduziu legislação no senado que requeria que a embaixada dos E.U.A. fosse reconstruída em Jerusalém até 31 de maio de 1999, e autorizava o uso de $ 100 milhões para "gastos preliminares".[268] Em outubro de 1995, ele declarava: "A capital de Israel não está em questão no processo de paz, e mudar a embaixada dos E.U.A. para Jerusalém não prejudica em nada o resultado de futuras negociações."[269] Lamentando a indisposição do Presidente dos E.U.A. de ratificar a decisão do senado, Dole comentou:

> "Jerusalém é hoje e tem sido por três milênios o coração e a alma do povo judaico. Também é, e deveria ser para sempre, a eterna e indivisível capital do estado de Israel... Chegou a hora... de ir além das letras, expressões de apoio, e senso das resoluções do Congresso. Chegou a hora de efetuar legislação que leve a que o trabalho seja feito".[270]

Em 1997, a ICEJ também deu apoio a um anúncio de página inteira publicado no New York Times intitulado "Apelo Cristão para uma Jerusalém Unida". Foi firmado por 10 líderes evangélicos, incluindo Pat Robertson, presidente de Christian

[264] International Christian Embassy, 'Bulletproof Bus for Efrat' appeal. Word from Jerusalem, May 2000.
[265] Bridges for Peace, 'New Life on the Farm'. Despatch from Jerusalem, January 2000, p.5.
[266] Ibid.
[267] Donald Wagner, ansioso, op.cit., P108.
[268] 'Projeto para re-localizar a Embaixada dos Estados Unidos de Tel Aviv para Jerusalém ", http://www.usdoj.gov/olc/s770.16.htm
[269] Middle East Realities 'Lie de MiddleEast@aol.com da Semana', 01/11/95
[270] Donald Neff, "o Congresso tem sido irresponsável sobre a questão de Jerusalém", Washington Report, janeiro (1998), pp90-91.

Broadcasting Network e presidente da Coligação Cristã; Oral Roberts, fundador e chanceler da *Oral Roberts University*; Jerry Falwell, fundador de *Moral Majority*; Ed McAteer, presidente de *Religious Roundtable*; e David Allen Lewis, president de *Christians United for Israel*:

> "Nós, os abaixo assinados, líderes espirituais cristãos que se comunicam semanalmente com mais de 100 milhões de cristãos dos Estados Unidos, estamos orgulhosos de nos somarmos ao apoio da soberania contínua do estado de Israel sobre a cidade sagrada de Jerusalém... acreditamos que Jerusalém, e nenhuma parte dela, não deva ser negociável no processo de paz. Jerusalém deve permanecer indivisível como a eterna capital do povo judaico."[271]

Os leitores foram convidados a "somar-se a nós em nossa sagrada missão de garantir que Jerusalém permaneça a indivisível, eterna capital de Israel". Eles asseveravam: "A batalha por Jerusalém começou, e é hora para que os que crêem em Cristo apóiem nossos irmãos judeus e o estado de Israel. A hora da unidade com o povo judeu é agora."[272]

Em 2002, de forma controversa, Falwell vinculou os ataques terroristas ao *World Trade Center* com a reivindicação de Israel para a exclusividade de Jerusalém, chamando a seus seguidores a peticionar junto ao presidente dos U.S.A. para que "mantenha Jerusalém livre".[273] Os sionistas cristãos, portanto, têm sido resolutos em seus esforços para conseguir que a comunidade internacional reconheça Jerusalém como a capital de fato de Israel. No entanto, ainda mais crítico para a leitura da profecia de um sionista cristão, é a necessidade da reconstrução do Templo Judaico.

O Templo: Identificando-se com o sionismo religioso

Os sionistas cristãos dispensacionalistas estão convencidos de que o Templo judaico deve ser reerguido porque, com base em sua escatologia futurista de Daniel, o anti-Cristo deverá profaná-lo justo antes do retorno de Cristo. Brickner alega que os preparativos para a reconstrução do Templo começaram em 1967 com a captura da Cidade Antiga de Jerusalém.[274] Lindsey está igualmente seguro de que "agora mesmo, enquanto você lê isto, os preparativos estão sendo feitos para reconstruir o Terceiro Templo".[275] Os sionistas cristãos contemporâneos estão trabalhando para alcançar isto.

Promovendo o Movimento do Templo da Montanha

Randall Price é o principal especialista dispensacionalista sobre os planos iminentes para reconstruir o Templo judaico. Em seu livro de 735 páginas, *The Coming Last Days Temple*, ele dá detalhes abrangentes de todas as organizações judaicas envolvidas em tentativas de tomar o Templo da Montanha, destruir a Mesquita Al Aqsa e a Cúpula da Rocha, reconstruir o Templo judaico e reinstituir o culto do Templo, o

---

[271] 'Cristãos clamam por uma Nova Jerusalém Unida' New York Times, 18 de Abril (1997), http://www.cdn-friends-icej.ca/united.html

[272] Ibid.

[273] 41 Jerry Falwell Ministries, 'Keep Jerusalém Petition grátis' http://falwell.com/

[274] op.cit Brickner, Futuro,., P137.

[275] Lindsey, Planet, op.cit., P156; Final, op.cit., P103.

sacerdócio e os sacrifícios. Entre estas estão o *Temple Institute* e o *Temple Mount Faithful*.[276] Gershon Salomon é a controversa figura visível do movimento e fundador de *The Temple Mount Faithful*. Zhava Glaser, de *Jews for Jesus*, elogia Salomon por sua coragem de falar sobre "o assunto mais importante na religião judaica".

Falando como convidado do ICEJ no Congresso dos Sionistas Cristãos em 1998, Salomon insistiu no seguinte:

> "A missão da atual geração é liberar o Templo da Montanha e remover – repito, remover – a abominação contaminante que está lá... o povo judeu não será detido nos portões que conduzem ao Templo da Montanha... Nós vamos içar nossa bandeira israelense sobre o Templo da Montanha, que ficará sem sua Cúpula da Rocha e suas mesquitas e terá somente nossa bandeira israelense e nosso Templo. Isto é o que nossa geração deve realizar."[277]

Numa entrevista ao Times de Londres, Salomon insistiu em que o santuário islâmico deve ser destruído:

> "O governo de Israel deve fazê-lo. Devemos ter uma guerra. Haverá muitas nações contra nós, mas Deus será nosso general. Estou certo de que este é um teste, que Deus está esperando que nós movamos a Cúpula sem nenhum medo de outras nações. O Messias não virá por sua própria conta, nós devemos trazê-lo lutando."[278]

Entre 1967 e 1990 houve mais de ataques armados contra a *Haram Al-Sharif* por militantes judeus, geralmente liderados por rabinos. Grace Halsell lamenta que "em nenhum destes casos nem o Primeiro Ministro, nem o rabino chefe sefardi, nem o rabino chefe ashkenazi criticaram as agressões."[279]

Facilitando o Programa de Construção do Templo

A fim de sustentar o funcionamento pleno do Templo, também é necessário identificar, treinar e consagrar sacerdotes para servir no Templo. De acordo com o Livro dos Números, as cinzas de um novilho vermelho sem manchas, ele mesmo oferecido previamente por um sacerdote ritualmente puro, devem ser misturadas com água e espalhadas tanto neles como nos móveis do Templo. Com a destruição do Templo em 70AD as cinzas usadas na cerimônia se perderam e os judeus da diáspora estão ritualmente imundos desde então.

Em 1998, no entanto, Clyde Lott, um fazendeiro pentecostal do Mississippi, formou a *Canaan Land Restoration of Israel, Inc*. com o propósito de criar gado adequado para os sacrifícios do Templo.[280]

---

[276] Rich Robinson, 'Grupos israelenses envolvidos nas Atividades do Terceiro Templo "Judeus para Jesus Newsletter 10, (1993), http://www.jewsforjesus.org

[277] Nadav Shragai, 'Sonho de um Terceiro Templo ", Ha'aretz, 17 de setembro (1998), p3, já no preço, Coming, op.cit., P417.

[278] Sam Kiley, "O justo irá sobreviver e o resto perecerá 'The Times, 13 de Dezembro (1999), p39.

[279] Grace Halsell, "A mão invisível do Templo da Montanha" 'O Washington Report, janeiro (1991), P8.

[280] Randall Price incorretamente atribui esta história a época em que realmente apareceu na Newsweek. Ele também escreveu erradamente um dos nomes do contribuinte. Preço, Coming, op.cit., P375. 'Red Novilhas' New York Times, 27 de dezembro (1998), citados na Halsell, forçando, p65. "Pouco depois Lott Rev. (que também é pecuarista pelo comércio) foi de possuir uma novilha vermelha, que reuniu

Segundo a *Newsweek*, em 1997, o primeiro novilho vermelho em 2.000 anos nasceu no kibbutz *Kfar Hassidim* perto de Haifa e recebeu o nome de Melody.[281] Infelizmente, ela acabou por desenvolver pelo branco em sua cauda e úbere. Intrépidos, Chaim Richman, um rabino ortodoxo, e Clyde Lott, o vaqueiro pentecostal, se associaram para criar novilhos vermelhos no Vale do Jordão, na esperança de salvar a indústria do gado de Israel assim como produzir um espécime perfeito para os sacrifícios.[282]

A concepção e construção, o mobiliário e utensílios, o treinamento dos sacerdotes e a cria dos animais para o sacrifício, tudo requer fundos e em grande escala. Como no caso do novilho vermelho, eles estão sendo fornecidos pelos sionistas cristãos. De acordo com Grace Halsell, Stanley Goldfoot, um ex-integrante do grupo terrorista Stern Gang, coleta até $ 100 milhões por ano para a *Jerusalem Temple Foundation* através das estações de rádio e TV cristãs dos Estados Unidos e das igrejas evangélicas.[283]

Como também observou Lawrence Wright: "O desejo judeu de ter o Templo, a esperança cristã do Arrebatamento, e a paranóia muçulmana sobre a destruição das mesquitas (estão sendo) atiçados no rumo de uma fervura apocalíptica."[284]

O Futuro: Opondo-se à Paz e Apressando o Armagedóm

A Aliança E.U.A.-Israel

Enquanto que os sionistas cristãos em geral estão comprometidos em apoiar Israel, há uma relação especialmente íntima entre Israel e Estados Unidos. Jerry Falwell oferece uma explicação simples. Deus tem sido generoso com os Estados Unidos porque "os Estados Unidos têm sido generoso com os judeus."[285] Gary Bauer, presidente de *American Values* e concorrente à candidatura presidencial republicana em 2000, expressa assim: "Os terroristas não entendem por que Israel e os Estados Unidos estão unidos de coração."[286] Mike Evans, fundador e presidente de *Lovers of Israel, Inc.* descreve a relação especial entre Israel e os Estados Unidos:

> "Apenas uma nação, Israel, se coloca entre... uma agressão terrorista e o completo declínio dos Estados Unidos como uma potência democrática mundial...

---

todas as qualificações bíblico de Números Capítulo 19. Desde esse momento histórico em, 11 de novembro de 1994 Deus tem milagrosamente revelou seu plano divino para a restauração de Israel, para o Igreja. O Espírito Santo tem trabalhado durante este tempo para revelar a Apostólica ministros e leigos a necessidade de unificar os seus esforços a fim de ver esse projeto avançar, tanto no Espírito e no natural. 11 de agosto de 1998 Israel está à espera de receber de Canaã Land Restauração, 500 cabeças de registada Novilhas Red Angus. "Joe Atkins," Biblical mistério da novilha vermelha afeta agricultor no Mississippi 'Mississippian Daily, 23 de Julho (1998); Ethan Bronner, 'Portent em uma pastagem? Aparência da novilha raras em Israel Spurs Esperanças, medos, The Boston Globe, domingo, 6 de abril (1997), pp1, 22.

[281] Kendall Hamilton, Joseph Contreras & Mark Dennis, "The Strange Case da Red de Israel Bezerra, "Newsweek, 19 de maio (1997).

[282] Jeremy Shere, 'Jerusalém A Very Holy Cow' Post, 25 de maio (1997).

[283] op.cit Halsell, Profecia,., P106.

[284] Lawrence Wright, 'forçando a ponta ", Frontline, http://www.pbs.org/wgbh/pages/frontline/shows/apocalypse/readings/forcing.html

[285] Citado em Halsell, forçando, op.cit., P100.

[286] Julia Duin, "sionistas reunião mapa marcas" estrada uma heresia 'O Washington Times, www.washingtontimes.com/national/20030518-114058- 5626r.htm

Certamente pressões demoníacas tratarão de encorajar-nos a trair Israel... Israel é a chave da sobrevivência dos Estados Unidos... Se nós ficamos com Israel, eu acredito que veremos Deus realizar um poderoso trabalho em nossos dias. Deus abençoará os Estados Unidos e Israel também... Se Israel cair, os Estados Unidos não poderá continuar sendo uma democracia."[287]

Para os sionistas cristãos, como Falwell e Evans, os Estados Unidos são vistos como o grande redentor, seu papel de superpotência no mundo predito nas escrituras[288] e providencialmente ordenado.[289] As duas nações, Estados Unidos e Israel, são como irmãos siameses formados para se confrontarem a mundo do mal dominado pelo comunismo e pelo islã, ambos antagonistas dos valores democráticos judeo-cristãos dos Estados Unidos e Israel.[290]

Antipatia para os árabes

Ramon Bennett ilustra como tais preconceitos permanecem comuns hoje ao descrever as nações árabes modernas como "bárbaras".[291] "Os hábitos de hospitalidade e generosidade mudaram pouco em 4.000 anos", ele diz, "nem os hábitos de assaltar (roubo, fuxico), salvar a face ou selvageria."[292] Bennett argumenta que o árabe "não é um mentiroso vicioso nem um mentiroso calculista, mas um mentiroso natural."[293]

Comparações entre Hitler e os árabes são agora freqüentes nos escritos de sionistas cristãos contemporâneos.[294] Van der Hoeven, de ICEJ, é típico: "Assim como havia uma ideologia definida por trás do ódio e atrocidades de Hitler e os nazistas, há uma por trás do ódio e guerras dos árabes contra os judeus e o povo de Israel."[295]

Franklin Graham, presidente da Billy Graham Associação Evangelística, fez observações semelhantes em entrevista a um jornal dos E.U.A. em 2000:

"Os árabes não ficarão felizes até que todo judeu esteja morto. Eles odeiam o estado de Israel. Eles todos odeiam os judeus. Deus deu a terra aos judeus. Os árabes nunca aceitarão isto."[296]

O ódio aos árabes é personificado em atitudes para com Yasser Arafat. Em fevereiro de 1999, por exemplo, Arafat foi convidado a assistir em Washington ao 47º Café-da-manhã Nacional de Orações patrocinado pelo Congresso. Este café-da-manhã é normalmente assistido todo ano por mais de 3.000 líderes políticos e religiosos e seu convite gerou considerável controvérsia. A *Traditional Values Coalition*, fundada por

---

287 Mike Evans, Israel, America's Key to Survival, (Plainfield, Nova Jersey, Haven Books, 1980), de volta a página, xv.
288 Noah Hutchings, E.U. na Profecia (Oklahoma City, Hearthstone Publishing, 2000); Arno Froese, Terror na América, compreendendo as Tragédia, (West Columbia, Olive Press, 2001); Mark Hitchcock, é na América Profecia? (Portland, Oregon, Multnomah, 2002); Hal Lindsey, Onde está América na profecia? vídeo (Murrieta, Califórnia, Hal Lindsey Ministérios, 2001)
289 Michael Lienesch, Resgatando os Estados Unidos: Piedade e Política na Nova Direita Cristã, (Chapel Hill, North Carolina, University of North Carolina, 1993), p197.
290 Simon, op.cit., Pp71-72.
291 Bennett, op.cit., P23.
292 Ibid., P21.
293 Ibid., P23; John Laffin, The Arab Mind, (Londres, Cassell, 1975), p70.
294 Jan Willem van der Hoeven, Jerusalém ou Babilônia?, (Shippensburg, Pasadena, Destiny Image Publishers, 1993), pp132-133; Bennett, filisteu, op.cit., p134.
295 Van der Hoeven, Ibid., Pp132-133.
296 Charlotte Observer, 16 de outubro (2000).

Pat Robertson e representativa de 40.000 igrejas, pressionou aos congressistas a que boicotassem o café-da-manhã.[297] A ICEJ disse que assistir ao café-da-manhã com Arafat seria como "rezar com o próprio satanás".[298] Apesar da considerável pressão dos grupos pró-Israel, o convite não foi retirado. Ficou por conta do Secretário de Imprensa da Casa Branca, Joe Lockhart, defender o convite. Ele lamentou: "isto é feito a cada ano dentro do espírito de reconciliação. E é lamentável que haja alguns que absolutamente não entendem o espírito de reconciliação e inclusão."[299]

Justificando a Limpeza Étnica da Palestina

Com freqüência, a defesa da segurança de Israel leva os sionistas cristãos a negar aos palestinos os mesmos direitos humanos básicos dos judeus. Alguns até relutam em reconhecer a existência dos palestinos como um povo distinto. Dave Hunt é típico daqueles que equiparam os palestinos com os antigos filisteus, e usa o termo "palestino" num sentido inteiramente pejorativo.

> "Uma questão central para o conflito do Oriente Médio hoje é o assim chamado 'povo palestino'.... Palestinos? Nunca houve um povo palestino, nação, língua, cultura, ou religião. A alegação de descendência de um povo palestino que viveu por milhares de anos numa terra chamada Palestina é uma farsa!"[300]

Com base na lógica de Hunt, presumivelmente, os mesmos argumentos poderiam ser usados contra o direito à autodeterminação dos cidadãos dos Estados Unidos ou mesmo de dezenas de nações fundadas no século 20. A história da perseguição aos judeus ilustra com que facilidade a infâmia contra um povo "inferior" ou a negação de sua existência como um povo distinto pode conduzir à racionalização de sua erradicação.

Em maio de 2002, Dick Armey, o líder da maioria republicana no Senado, se destacou nos noticiários ao justificar a limpeza étnica dos palestinos dos Territórios Ocupados. Numa entrevista com Chris Matthews na CNBC em 01 de maio de 2002, Armey declarou que:

> "A maioria das pessoas que agora habitam Israel foram transportados do mundo todo para aquela terra e eles a fizeram sua casa. Os palestinos podem fazer a mesma coisa e nós ficaremos muito contentes de trabalhar com os palestinos para fazer isso. Não estamos dispostos a sacrificar Israel pela noção de uma pátria palestina... Eu me satisfaço com que Israel tome toda a Cisjordânia... Há muitas nações árabes que têm muitas centenas de milhares de acres de terra, solo, e propriedade e oportunidade para criar um Estado Palestino."[301]

---

[297] Christian Daily News, 4 de Fevereiro, (1999)
http://www.christiannews.org/archives/1999/20499/news/full.html
[298] Ibid.
[299] Ibid.
[300] Dave Hunt, TBC "Jerusalém, Jerusalém.", Setembro de 2000.
[301] Dick Armey, 'Hardball with Chris Matthews, CNBC, 1 de maio (2002), citado em 'Líder do Partido Republicano pede limpeza étnica de palestinos. O primeiro-ministro em Talk Show Time "Intifada Eletrônica http://electronicintifada.net/actionitems/020502dickarmey.html Consulte também "Rep. Dick Armey solicita limpeza étnica dos palestinos " Counterpunch editado por Alexander Cockburn e Jeffrey St. Clair, http://www.counterpunch.org/armey0502.html. Dick Armey e sua família são membros da Igreja Bíblica Dallas, Houston, Texas.

Matthew deu a Armey várias oportunidades para que ele esclarecesse que não estava defendendo a limpeza étnica dos palestinos da Cisjordânia, mas Armey não se arrependeu. Quando lhe foi perguntado, "O senhor já contou a George Bush, o presidente de seu estado natal do Texas, que acha que os palestinos deveriam se levantar e ir embora da Palestina, e que isso seria a solução?", Armey respondeu:

> "Eu provavelmente vou dizer isto a ele agora mesmo... Eu fico satisfeito com que Israel ocupe aquela terra que ocupa agora e que todas aquelas pessoas que têm sido agressoras de Israel sejam retirados para outra arena."[302]

A visão de Armey de que os palestinos deveriam ser "retirados" é apenas a última de uma série de chamados na mídia principal dos E.U.A. e da Grã-Bretanha em favor da limpeza étnica dos palestinos dos Territórios Ocupados.[303]

Enquanto que tais atitudes racistas entre sionistas cristãos em relação aos árabes são comuns, assim como os estereótipos de que os palestinos são terroristas, os muçulmanos são os mais especialmente demonizados.

Demonizando o Islã

Sentimentos anti-árabe e a islamafobia tornaram-se ainda mais amplamente tolerados a partir de 11 de setembro de 2001. Tais visões foram descritas recentemente como uma nova forma de "McCarthyismo".[304] Em fevereiro de 2002, por exemplo, Pat Robertson causou considerável controvérsia quando descreveu o islã como uma religião violenta interessada em dominar o mundo. Ele também afirmou que os muçulmanos estadunidenses estavam formando células terroristas a fim de destruir o país. Robertson fez estas alegações em seu programa Christian Broadcasting Network '700 Club'. Depois de mostrar clips de muçulmanos nos Estados Unidos, o anunciante, Lee Webb, perguntou a Robertson: "Quanto aos imigrantes islâmicos Pat, isso nos faz pensar, se eles têm tanto desdém por nossa política exterior, por que eles querem até mesmo viver aqui?" Robertson respondeu:

> "Bem, possivelmente como missionários para espalhar a doutrina do islã... Eu abordei o caso com nosso estimado Presidente em relação a sua postura de dizer que o islã é uma religião pacífica. Simplesmente não é. E o Alcorão deixa-o bem claro, se você vir um infiel, você deve matá-lo... a verdade é que nossas políticas imigratórias são tão distorcidas para o Oriente Médio e longe da Europa que nós introduzimos estas pessoas em nosso meio e, sem dúvida, há células terroristas com eles por todos lados."[305]

Na Convenção de 2002 da Igreja Batista do Sul[306] realizada na Flórida, o ex-líder nacional da convenção, Rev. Jerry Vines, pastor da Primeira Igreja Batista de

---

[302] Ibid.
[303] Charles Krauthammer, "Violência no Oriente Médio: The Only Way Out ', Washington Post, 15 de Maio (2001), Emmanuel A. escrito em Winston E.U.A. Hoje chamado para o 'reassentar os palestinos na Jordânia E.U.A. "Hoje, 22 Fevereiro (2002); John Derbyshire, 'Por que não me preocupo com os palestinos? ", National Review, 9 de Maio (2002); Clarence Wagner, "Maçãs para Maçãs, Osama Bin Laden and Yasser Arafat", Depatch from Jerusalem, May 2000, p1. 6, 17.
[304] Um termo cunhado por William Safire, um ex-guionista de richard Nixon e conservador republicano que achava que George Bush Sr. não era suficientemente pró-Israel. Citado em Lind, op.cit.
[305] Alan Cooperman, "Robertson Calls Islam a Religion of Violence, Mayhem". Washington Post. 22 February 2002, pAO2.
[306] A Convenção Batista do Sul é uma coalizão de igrejas, com 42.000 16 milhões de membros. Desde os anos 1980, tornou-se cada vez mais fundamentalista. Veja http://www.sbcannualmeeting.org/sbc02/

Jacksonville, com 25.000 membros, levantou aplausos de vários milhares de participantes da conferência de pastores quando descreveu Maomé como “um pedófilo possuído pelo demônio”.[307]

Tal antipatia contra os árabes, a difamação dos palestinos e o ódio ao islã invariavelmente conduzem os sionistas cristãos a também se oporem a qualquer resolução pacífica do conflito árabe-israelense que requeira ou obrigue Israel a abdicar de território ou comprometer sua segurança.

Opondo-se ao Processo de Paz

Ao passo que os cristãos sionistas endossam a reivindicação unilateral de Israel aos Territórios Ocupados, eles se opõem às aspirações similares dos palestinos de autodeterminação, visto que eles acreditam que as duas são intrinsecamente incompatíveis.

Os cristãos sionistas têm sido veementes em sua oposição à iniciativa do governo dos Estados Unidos, da ONU, União Européia e Rússia, chamada Roteiro para a Paz. Hal Lindsey, por exemplo, lamentou: “Tenho o coração partido por causa da última etapa do ‘roteiro para a paz’”, e o descreve como sendo na verdade uma “Odisséia para o Holocausto”.[308] Ele continuou e repreendeu o Presidente dos E.U.A.: Eu me senti doente ao observar um bem intencionado presidente cristão dos Estados Unidos falar incessantemente sobre sua visão de um estado palestino e um estado judaico existindo lado a lado em paz.”[309]

No encontro de cúpula *Interfaith Zionist Leadership Summit*, realizado em Washington em maio de 2003, líderes sionistas judeus e cristãos avaliaram as maneiras de transformar o “roteiro” em um “bloqueio”. Gary Bauer chamou a iniciativa presidencial de “um roteiro satânico”.[310] As conversações de paz são não apenas uma perda de tempo, senão que demonstram uma desafiante rebelião contra os planos de Deus. Estas certezas infalíveis levam alguns sionistas cristãos a anatematizar os que não compartilham de suas pressuposições.

Forçando a mão de Deus

Os sionistas cristãos costumam tentar silenciar os críticos com a ameaça de retribuição divina. Brickner, por exemplo, alerta aos evangélicos que não compartilham uma perspectiva sionista que eles estão lutando contra Deus.

> “O perigo espera por aqueles que presumem dizer que Deus acabou com Seu povo eleito... Assim como Deus julgou a nação do Egito por seu tratamento de Seu povo, assim irá Ele julgar as nações de hoje. Os evangélicos que entenderiam o Oriente Médio devem prestar muita atenção aos ensinamentos da Escritura, e tomar nota das forças cósmicas que agora travam batalha nos céus mas que

307 Richard Vara, 'Texas boato de secessão, os ataques contra o Islão marcam encontro Batista ", Houston Chronicle, 10 de Junho (2002); Alan Cooperman, Observações anti - islã provocam tormenta ', Washington Post 19 de Junho (2002). Segundo Cooperman, o presidente recém-eleito dos batistas do sul, o Rev. Jack Graham defendeu discurso de Vine como "preciso".
308 Hal Lindsey, "Se um cego guiar outro cego. WorldNetDaily.com 5 de junho 2003.
309 Ibid.
310 Duin, op.cit.

brevemente as travarão na Terra. Eles devem escolher cuidadosamente de que lado ficar."[311]

Hal Lindsey afirmava a mesma visão quando disse:

"Meu grande temos é que o Presidente Bush esteja levando sem saber os Estados Unidos ao julgamento de Deus.Pois Deus alerta que Ele julgará todas as nações que contribuíram para impedir que Israel viva na terra que Ele soberanamente lhes deu."[312]

Os cristãos ficam em dúvida sobre "de que lado ficar". Na edição de 1 de janeiro de 2002 do CBN 700 Club, Pat Robertson alertava que se os Estados Unidos "quiserem interferir com a profecia bíblica e quiserem se movimentar e tirar Jerusalém Oriental dos judeus e dá-lo a Yasser Arafat... que os céus ajudem esta nossa nação... Se os Estados Unidos tomam de volta Jerusalém Oriental e fazem dela a capital do Estado Palestino, então, estamos pedindo pela cólera de Deus."[313]

Robertson até mesmo sugere que o assassinato de Rabin foi um ato de Deus, um julgamento por sua traição de seu próprio povo. "Esta é a terra de Deus e Deus tem palavras fortes para aquele que parte e divide Sua terra. Os rabinos amaldiçoaram Yitzhak Rabin quando ele começou a recortar a terra.".[314]

Estes pronunciamentos vindo de líderes cristãos altamente influentes parecem pouco diferentes daqueles dos fundamentalistas islâmicos que conclamam por uma "guerra santa" contra o Ocidente. Dave MacPherson notou que o perigo da tal teologia do Armagedóm é não tanto por ela ser fatalista como por ser contagiosa.[315] Karen Armstrong não está só ao traçar dentro do sionismo cristão ocidental evidências do legado das cruzadas. Estes fundamentalistas, ela diz, "retornaram à fase clássica e extremamente religiosa das cruzadas."[316]

Conclusões

Vimos como o sionismo cristão, como movimento, gera conseqüências políticas profundas e duradouras. Os sionistas cristãos mostram graus variados de entusiasmo pela implementação das seis convicções teológicas básicas que advêm de sua leitura literal e futurista da Bíblia:

A crença de que os judeus permanecem sendo o povo escolhido de Deus leva os sionistas cristãos a justificar a ocupação militar da Palestina por Israel.

Como povo eleito de Deus, a restauração final dos judeus em Israel é, portanto, ativamente encorajada e facilitada através de associações entre organizações sionistas cristãs e a Agência Judaica.

---

[311] Brickner, Não, op.cit.
[312] Lindsey "Blind", op.cit.
[313] Howard Mortman, 'Não ignore Pat Robertson, The Frontline, 7 de janeiro (2002).
[314] Pat Robertson, 'Pat responde às suas perguntas sobre Israel, "700 Club, Christian Broadcasting Network, http://cbn.org/700club
[315] Dave MacPherson, citados na Halsell, forçando, op.cit., P.10.
[316] Karen Armstrong, Holy War, The Crusades and Their Impact on Today's Mundo (Londres, Macmillan, 1988), P377.

Eretz Israel, como delineado na Escritura, pertence exclusivamente ao povo judeu, portanto a terra deve ser anexada e os assentamentos adotados e fortalecidos.

Jerusalém é considerada a capital eterna e exclusiva dos judeus, e não pode ser compartilhada com os palestinos. Portanto, estrategicamente, os governos ocidentais são postos sob pressão dos sionistas cristãos para transferir suas embaixadas para Jerusalém e, assim, reconhecer o fato.

O Terceiro Templo ainda tem de ser construído, o sacerdócio consagrado e os sacrifícios reinstituídos. Como os sionistas cristãos dispensacionalistas, em particular, acreditam que isto está profetizado, eles oferecem graus variados de apoio às organizações judaicas do Templo da Montanha comprometidas com alcançá-lo.

Uma vez que os sionistas cristãos estão convencidos de que haverá uma guerra apocalíptica entre o bem e o mal num futuro próximo, não há nenhuma perspectiva para uma paz duradoura entre judeus e árabes. Na verdade, defender um entendimento de Israel com o islã ou uma coexistência com os palestinos é identificar-se com aqueles que estão destinados a se opor a Deus e Israel na iminente batalha de Armagedóm.

É claro que nem todos os sionistas cristãos abraçam cada um destes seis princípios, ou com o mesmo nível de convicção e envolvimento. No entanto, como vem sendo argumentado, as conseqüências globais deste apoio incondicional do estado de Israel, especialmente entre os evangélicos estadunidenses, é inerente e patologicamente destrutivo, até mesmo para o próprio povo judaico que eles dizem amar.

Como os filhos de Isaac, Jacó e Essau, é hora de parar com a luta sobre o direito de primogenitura e começar a compartilhar as bênçãos.[317]

Garth Hewitt é um amigo que escreveu muitas canções sobre a situação da comunidade cristã em Israel e na Palestina. Uma delas, baseada em alguns versos do Talmud judaico, se chama "Dez medidas de beleza Deus deu ao mundo". Gostaria de concluir usando-a como uma oração:

Que a justiça de Deus caia como fogo

e traga um lar para os palestinos.

Que a misericórdia de Deus se derrame como a chuva

e proteja o povo judeu.

E que os belos olhos de um Deus Sagrado

que chora por Seus filhos

Tragam a esperança de cura para os Seus feridos

Para os judeus e para os palestinos.[318]

Que este pequeno livro possa contribuir para a causa da paz através da justiça tanto para judeus como palestinos.

[317] Yehezkel Landau. Um exemplo dado no St George's, em Jerusalém, Dezembro de 1998.
[318] 86 Garth Hewitt, "Dez medidas de beleza", Words & Music usado por permissão: Garth Hewitt © Chain of Love music / Admin por Daybreak Music Ltd, PO Box 2848, Eastbourne, East Sussex, BN20 7XP.

Sobre o Autor

O Reverendo Stephen Sizer está agora em seu nono ano como vigário de Christ Church, Virginia Water. Ele juntamente com sua esposa Joanna têm se dedicado de tempo integral ao Ministério Cristão há 29 anos.

Sua declaração de missão pessoal é "ajudar as pessoas a tornarem-se seguidoras totalmente devotas de Jesus Cristo". Ele afirma a Declaração Doutrinária FIV/UCCF. Também serviu com a Campus Crusade for Christ como evangélico e com várias outras agências missionárias em projetos de curta duração na Europa e no Oriente Médio. Sua página pessoal na internet é: www.stephensizer.com.

O Dr. Sizer é presidente da International Bible Society UK, entidade bastante conhecida por patrocinar a tradução da Nova Versão Internacional da Bíblia (NIV) e metade de todas as traduções da Wycliffe Bible.

O Dr. Sizer é vice-presidente de Highway Projects, uma entidade de caridade cristã que envia equipes de jovens para servir as igrejas indígenas da Terra Santa. Ele é membro da corrente principal Anglicana, de The Amos Trust e faz parte do Comitê de Amigos de Sabeel UK, que apoia a Sabeel Ecumenical Theology Centre em Jerusalém. Ele também faz parte da UK Board of Reference for the Mar Elias Educational Institutions, Ibillin, na Galiléia, fundada por Elias Chacour. Ele é presidente e reitor da St. Ann´s Heath School e reitor da Christ Church School.